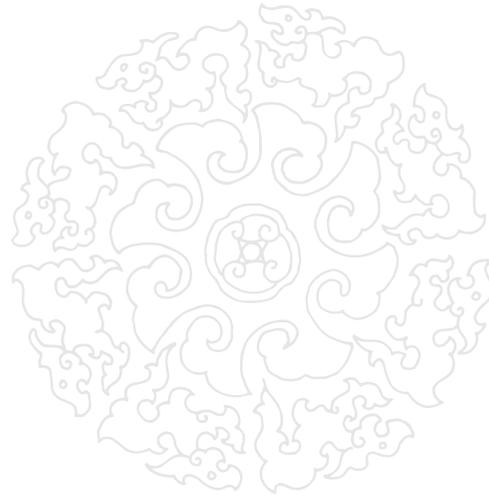




# MARCAS DO SAGRADO

INOVAÇÃO EM TURISMO SOCIOAMBIENTAL, CULTURAL E ESPIRITUAL





# MARCAS DO SAGRADO

INOVAÇÃO EM TURISMO SOCIOAMBIENTAL, CULTURAL E ESPIRITUAL

REGIÃO DA SERRA DO CIPÓ  
RESERVA DA BIOSFERA DA SERRA DO ESPINHAÇO – UNESCO

2012

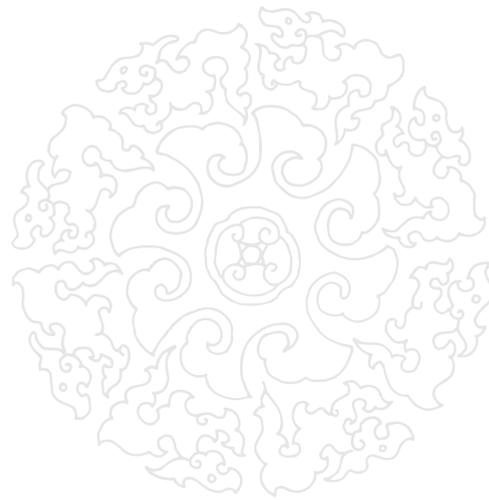


*Faça-se a luz antes oculta, eleita,  
e assim a luz foi feita...  
E que surja no além da criação  
a mágica nação...  
e por perfeita, embora o contestado  
seja Deus contentado.*

*[...] É difícil atingir o mistério sagrado  
que envolve o Brasil em oculta intenção  
perguntar qual Missão, intuir qual mestrado  
ilumina o futuro desta nossa Nação.*

*E quando este gigante de repente acordar  
vão rugir pororocas, vão cantar minuanos  
e os mitos secretos e os tesouros do mar  
surgirão nos espaços, sagrados, profanos,  
e será revelado em seu credo abismal  
o silêncio de Deus, pela voz da verdade  
e o Brasil transmutado, paraíso ideal  
será Ele, só Ele, por toda a Eternidade!*

*Anna Maria Dutra de Menezes de Carvalho: As Brasilíadas (2007)*



# MARCAS DO SAGRADO

INOVAÇÃO EM TURISMO SOCIOAMBIENTAL, CULTURAL E ESPIRITUAL

CONVÊNIO  
SEBRAE MINAS E INSTITUTO ESPINHAÇO

**IDEALIZAÇÃO E CONCEITUAÇÃO**

INSTITUTO ESPINHAÇO  
INSTITUTO MUKHARAJJ

**REALIZAÇÃO**

INSTITUTO ESPINHAÇO  
INSTITUTO MUKHARAJJ  
SEBRAE MINAS  
MANABI

**CONVÊNIO**

Instituto Espinhaço  
SEBRAE MINAS

**SEBRAE MINAS**

**PRESIDENTE DO CONSELHO DELIBERATIVO DO SEBRAE MINAS**

Lázaro Luiz Gonzaga

**DIRETOR SUPERINTENDENTE**

Afonso Maria Rocha

**DIRETOR TÉCNICO**

Luiz Márcio Haddad Pereira Santos

**DIRETOR DE OPERAÇÕES**

Fábio Veras

**GERENTE DA UNIDADE DE ATENDIMENTO COLETIVO  
DE COMÉRCIO, SERVIÇOS E ARTESANATO**

Agmar Abdon Campos

**ANALISTAS TÉCNICOS**

Bruno Augusto Falci Ramos  
Mônica Stela de Alencar Castro  
Nayara Motandon Vieira  
Nayara Moraes Bernardes

**ASSISTENTE**

Célia Cristina Fontes

**CONSULTORIA TÉCNICA**

Terra Consultoria – Sustentabilidade e Desenvolvimento Ambiental

**COORDENAÇÃO TÉCNICA**

Ézio Dornela Goulart

**EQUIPE TÉCNICA: PESQUISA DE CAMPO E RELATÓRIOS**

Bruno Guillarducci  
Cristiano Rodrigues da Silva  
Ézio Dornela Goulart  
Marcelo Bastos  
Maria Christina Pires  
Mariana Lacerda de Oliveira

**PRODUÇÃO GRÁFICA, EDITORAÇÃO, FINALIZAÇÃO E IMPRESSÃO**

P Design Gráfico Visual

**FOTOGRAFIA GERAL E EDIÇÃO DE IMAGENS**

Jorge Santos

**FOTOGRAFIAS DE VALE DO SOBERBO, CACHOEIRA DAS BRAÚNAS, TRAVESSÃO,  
LAGOA DOURADA, RIO DE PEDRAS E PEIXE TOLO**

Alfeu Trancoso

**FOTOGRAFIAS DE SANTO ANTONIO DO RIO ABAIXO, PASSABEM E CANDEIAS**

Bruno Guillarducci

**FOTOGRAFIAS DE CACHOEIRA DOS INHAMES E FECHADOS**

Marcelo Bastos

**REVISÃO ORTOGRÁFICA**

Sílvia Aguiar  
Mariângela Fonseca Ferreira

# SUMÁRIO

---

|                                |    |
|--------------------------------|----|
| <b>APRESENTAÇÃO</b> .....      | 9  |
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....        | 14 |
| <b>MARCAS DO SAGRADO</b> ..... | 14 |

## Atrativos Culturais

---

### CONJUNTO ARQUITETÔNICO

|   |    |
|---|----|
| Córregos .....                                    | 31 |
| Costa Sena .....                                  | 33 |
| Fazenda Bolívia .....                             | 35 |
| Fazenda Cipó Velho .....                          | 36 |
| Fazenda dos Bambus .....                          | 37 |
| Fazenda do Ribeirão .....                         | 38 |
| Fazenda Vista Alegre .....                        | 39 |
| Igreja Matriz de Santana .....                    | 41 |
| Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição ..... | 43 |
| Igreja Matriz de Nossa Senhora Aparecida .....    | 45 |
| Santo Antônio do Norte – Tapera .....             | 46 |
| São José da Serra .....                           | 47 |

### COMUNIDADES TRADICIONAIS E MANIFESTAÇÃO DE FÉ

|  |    |
|--|----|
| Santana do Rio Preto – Cabeça de boi .....                         | 50 |
| Cemitério do Peixe .....   | 52 |
| Comunidade de Fechados .....                                       | 54 |
| Comunidade Quilombola Barro Preto .....                            | 55 |
| Comunidade Quilombola Mato do Tição .....                          | 57 |
| Comunidade Quilombola de Candeias .....                            | 59 |
| Lapinha da Serra .....   | 60 |
| Morro Redondo .....  | 62 |
| Serra dos Alves .....  | 64 |
| Museu do Tropeiro .....  | 67 |
| Minas do Hogó .....  | 69 |
| Candombe do Açude .....  | 71 |
| Guarda de Marujos de Senhora do Rosário de Congonhas do Norte .... | 72 |

### GASTRONOMIA TÍPICA

|                                |    |
|--------------------------------|----|
| Arroz Vermelho .....           | 75 |
| Bolinho de Feijão-miúdo .....  | 76 |
| Bolo de Kubu .....             | 78 |
| Banana Verde .....             | 80 |
| Gondó e Umbigo de Banana ..... | 82 |
| Pastel de Anгу .....           | 84 |

### ARTESANATO

|                           |    |
|---------------------------|----|
| Artesanato Dom Cipó ..... | 87 |
| Artesanato em Bambu ..... | 88 |
| Artesanato em Couro ..... | 89 |

|   |    |
|---|----|
| Artesanato em Fibra de Bananeira .....          | 91 |
| Artesanato em Palha de Taquaraçu e Indaiá ..... | 92 |

### SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

|                                  |    |
|----------------------------------|----|
| Abrigo da Lapa Grande .....      | 95 |
| Serra dos Milagres .....         | 96 |
| Sítio Arqueológico Tijucal ..... | 98 |

## Atrativos Naturais

---

|  |     |
|--|-----|
| Baixada das Crioulas .....             | 102 |
| Cachoeira Alta – Altamira .....        | 103 |
| Cachoeira das Braúnas .....            | 105 |
| Cachoeira da Vitória .....             | 105 |
| Cachoeira do Bicame .....              | 107 |
| Cachoeira do Soberbo .....             | 108 |
| Cachoeira do Tabuleiro .....           | 109 |
| Cachoeira do Capão Redondo .....       | 111 |
| Cachoeira do Maurício .....            | 112 |
| Cachoeira dos Carapinas .....          | 114 |
| Cachoeira do Cristal .....             | 116 |
| Cachoeira dos Inhames .....            | 117 |
| Cachoeiras do Ribeirão do Macuco ..... | 118 |
| Cachoeira Rabo de Cavalo .....         | 120 |
| Cânion das Bandeirinhas .....          | 122 |
| Cânion do Peixe Tolo .....             | 123 |
| Cânion do Travessão .....              | 125 |
| Colina da Paz .....                    | 126 |
| Lagoa Dourada .....                    | 127 |

## Eventos Programados

---

|   |     |
|---|-----|
| Festa de Nsra. do Rosário dos Pretos .....      | 130 |
| Festa dos Trabalhadores .....                   | 132 |
| Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos ..... | 133 |

|  |     |
|--|-----|
| <b>Análise e Hierarquização dos Insumos Turísticos</b> ..... | 137 |
| <b>Agradecimentos</b> .....                                  | 145 |
| <b>Currículos</b> .....                                      | 146 |







## MARCAS DO SAGRADO: ENVOLVER PARA DESENVOLVER

---

Lázaro Luiz Conzaga - *Presidente do Conselho Deliberativo do Sebrae Minas*

O Brasil é um país plural, de dimensões continentais, cuja geografia e biodiversidade, desde os descobrimentos portugueses, conjugam fascínio, mística e deslumbramento.

Historicamente, o evoluir da economia, da cultura e da atualidade brasileira avança com persistência, sobrevivendo a dificuldades e preconceitos, buscando preservar a diversidade, ao mesmo tempo em que procura suprimir a distância entre o homem e a natureza, o rural e o urbano.

O Brasil cresce em direção ao seu destino de potência mundial pacífica, com representatividade em todos os continentes. Os números de nossa economia mostram a grandiosidade desse rumo, bem como indicam caminhos a serem seguidos em todos os segmentos.

Ao apoiar e incentivar um projeto pioneiro e singular como o Marcas do Sagrado, o SEBRAE, mais uma vez, demonstra fidelidade aos seus princípios de visão estratégica e inovadora.

O Marcas do Sagrado é um trabalho de fôlego inédito e transdisciplinar construído pelo SEBRAE juntamente com o Instituto Espinhaço e Instituto Mukharajj.



# O RESGATE DA IDENTIDADE DA SERRA DO ESPINHAÇO COMO BASE PARA UM FUTURO SUSTENTÁVEL

*Ricardo Antunes – Diretor-presidente da Manabi S.A.*

Desde o período colonial da história de nosso País, a Serra do Espinhaço foi palco de expedições mineradoras que nortearam grande parte da ocupação e formação urbana em Minas Gerais. Esse ímpeto de desenvolvimento deixou marcas específicas em cada localidade da região e teve parte essencial na definição do caráter singular do homem da montanha, que notabiliza a forma de ser dos mineiros e da mineiridade.

A minuciosa pesquisa e o rico trabalho de documentação fotográfica realizados no contexto do projeto “Marcas do Sagrado” revelam os diversos tesouros culturais e naturais da Serra do Espinhaço. O resultado é um registro inédito e, portanto, precioso, que vai da arquitetura característica da região à beleza de suas cachoeiras; da gastronomia, do artesanato e dos costumes locais à imponência de seus cânions.

Atualmente, a conservação da biodiversidade e o respeito pelo meio ambiente e social são valores que integram a pauta das empresas responsáveis e o foco de atenção dos governos, das comunidades, da mídia e mesmo de investidores e analistas financeiros. Mais do que obrigações legais, são exigências éticas que se impõem a todos que se preocupam com a construção de um futuro sustentável.

Nós, da Manabi, desenvolvemos em Morro do Pilar e arredores um projeto integrado de mineração, guiado pela busca da excelência com responsabilidade. Trabalhamos com zelo e comprometimento para que os benefícios perseguidos por nossa atividade contribuam para o bem-estar das comunidades da região e para a valorização do meio em que estão inseridas. O resgate da identidade cultural e natural da Serra do Espinhaço, tão bem representado pelo material que o leitor tem em mãos, é um passo fundamental para a construção conjunta de um futuro sustentável e próspero para todos.

A night sky filled with stars and the Milky Way galaxy, with a large, jagged rock formation in the foreground. The sky is a deep purple and blue, with the Milky Way appearing as a bright, hazy band of light. The rock formation is dark and silhouetted against the sky, with some green foliage visible at the base. The overall scene is a beautiful astronomical landscape.

*Marcas do Sagrado*

*A viagem na qual nasce o próprio viajante.*

# MARCAS DO SAGRADO: A VIAGEM NA QUAL NASCE O PRÓPRIO VIAJANTE

*Luis Cláudio Ferreira de Oliveira - Presidente do Instituto Espinhaço / Loryel Rocha - Instituto Mukharajj*

*“A verdadeira viagem de descoberta  
consiste não em procurar novas paisagens  
mas em ter novos olhos”.*

Marcel Proust

Nos idos de 1987, viagens a sítios rupestres brasileiros, eivados de manifestações hierofânicas, formaram um embrião que fundou, em 1997, no Rio de Janeiro, o Instituto Mukharajj, organização sem fins lucrativos, centro de criação e produção de conhecimento voltado à cultura luso-afro-brasileira, através do desenvolvimento de projetos e atividades de pesquisa, identificação, preservação e divulgação da Cultura Oral e Simbólica Tradicional, principalmente nas suas vertentes histórico-mítico-hermético-religiosas.

O Marcas do Sagrado, criado em 2007 como uma das áreas do Instituto Mukharajj dedicada a temas de história, turismo e memória, tinha como principais atividades a elaboração e o cumprimento de roteiros turísticos voltados para os aspectos ocultos, míticos e simbólicos de acidentes geográficos, prédios e monumentos históricos e artísticos do Rio de Janeiro, além da realização da série de eventos “O Brasil Primordial”.

Em 2009, firma-se a parceria entre os Institutos Mukharajj/RJ e Instituto Espinhaço/MG, que tem por finalidade o apoio e a promoção do desenvolvimento sustentável, considerando os aspectos ambientais, culturais, socioeconômicos, através da realização de estudos, ações, atividades, apoio e parceria em projetos e movimentos relacionados com a conservação da biodiversidade, valorização da cultura e sustentabilidade social. O Instituto Espinhaço tem como área de atuação mais de cinquenta municípios da Serra do Espinhaço, em Minas Gerais, e possui membros ativos em cinco estados brasileiros e em mais de seis países.

Como frutos de ações iniciadas nessa época, várias atividades e projetos na área de cultura, meio ambiente e sustentabilidade foram realizados, sendo o Marcas do Sagrado um deles, o que aprofundou ainda mais a parceria institucional das organizações, ao mesmo tempo em que ampliou seu leque e campo de atuação.

Em 2012, o projeto foi apresentado à Diretoria do SEBRAE/MG

que, de pronto, o incentivou e decidiu apoiá-lo. A área escolhida para o Projeto-Piloto do Marcas do Sagrado foi a Serra do Espinhaço, na sua porção mineira, na macrorregião da Serra do Cipó, abrangendo quatorze municípios pré-selecionados.

A razão maior da escolha da área do Projeto-Piloto deve-se ao fato de que, desde a década de 1990, informalmente, as equipes de ambos os Institutos iniciaram e conduziram várias ações que têm como marco fundamental o ano de 2005, quando a UNESCO reconhece a Serra do Espinhaço, na sua vertente mineira, como uma Reserva da Biosfera. Todo esse processo foi iniciado e proposto à época da gestão do então Secretário Municipal de Meio Ambiente e Turismo de Conceição do Mato Dentro, o atual presidente do Instituto Espinhaço, que teve como um dos principais incentivadores e apoiadores, o senhor Luiz Márcio Haddad Pereira.

A criação da Reserva da Biosfera foi o primeiro de muitos passos que ainda precisam ser dados para que ela, de fato, se efetive como direito, valor e responsabilidade para a gente dessa terra e para o Brasil. O reconhecimento internacional de toda e qualquer Reserva da Biosfera lhe confere, sobretudo, sentido metafísico e estatuto simbólico em face do mundo e da vida. O Marcas do Sagrado é mais uma das ações que vêm somar e fazer dialogar a Reserva da Biosfera da Serra do Espinhaço com o Brasil, os brasileiros e o planeta. Nisso consiste o seu objetivo e valor.

Nossas Instituições compartilham a convicção, a certeza e a visão de se ufanar do Brasil, país mestiço, belamente cromático em razão dessa mistura. Entende e valoriza a importância do afeto ao Brasil e a suas origens como meio de auxiliar a construção de uma cidadania global, embasada numa Cultura de Paz Universal. E comunga com Roquette-Pinto o pensamento de que “é preciso conhecer o Brasil com seus encantos e as suas tristezas para amá-lo conscientemente”.

Marcas do Sagrado tem o Brasil como norte e rumo, mas sustenta e objetiva, como práxis, o diálogo, o compartilhamento e a amizade do Brasil com todos os povos e a Terra.

# Introdução

## Um novo olhar sobre a paisagem

*Mariana de Oliveira Lacerda*

### A paisagem diante dos olhos

Os Vedas da Índia ensinam sobre o olho de Shiva. O cristianismo adverte que “aquele que tem olhos de ver que veja”. Os gregos afirmavam que a filosofia nasce dos olhos. Essas tradições fazem uma clara distinção entre “olhar” e “ver”. De certa forma, algo semelhante poderá ser dito sobre o turismo do século XXI, isto é, que ele renasce com os olhos “de ver”, inaugurando uma nova etapa na relação do homem com a natureza.

### A viagem como expressão da sociedade

O olhar viajante sobre a paisagem é capaz de despertar uma nova relação com os lugares. Em um mundo individualizado, isso significa uma possibilidade de inovação. Como diz a frase popular: “não é só porque um asno viaja que ele se torna um corcel”. Para estabelecer uma relação com a paisagem, é preciso educar o olhar e estar aberto ao entendimento.

Na atualidade, as viagens são consideradas uma forma de expressão da sociedade moderna e individualizada, por isso mesmo elas dão o que pensar. A sociedade se pôs em movimento: a mobilidade espacial decorrente das viagens fez com que os efeitos do turismo massificado se tornassem igualmente poderosos como controversos. Frequentemente considerado como uma indústria, o turismo se tornou responsável pelo maior fluxo de deslocamentos humanos em tempos de paz na história da humanidade, um ritual moderno que separa o tempo de trabalho do tempo de lazer, definindo um ciclo vital de renovação. O problema é que, em férias, não só os problemas ficam para trás, mas uma parte importante das pessoas também fica, o que as torna desligadas, muitas vezes alheias e passivas diante da aparente banalidade das coisas. Mas, é bom lembrar, existem alternativas.

Felizmente, o mercado das viagens vem passando por importantes transformações, e os produtos massificados e indiferenciados que caracterizaram o turismo em sua fase industrial começam a perder espaço. Atualmente, muitos esforços são empreendidos em busca de propostas que visam driblar os efeitos deletérios do modelo convencional de viajar, proporcionando experiências significativas e construtivas para todos os envolvidos. O turismo na era pós-industrial é marcado pela recusa das pessoas em aceitar serem tratadas como

parte de uma massa indiferenciada. As novas ideias para um desenvolvimento salutar dos territórios turísticos partem, sobretudo, de uma aposta na atitude interessada de quem viaja. Nesse sentido, a relação entre turismo e paisagem é o ponto de partida para uma reflexão sobre a experiência cultural de viagem. Para compreender como a paisagem pode contribuir para estimular o olhar interessado sobre os lugares, apresentaremos, a seguir, algumas abordagens sobre o tema.

### O lugar da paisagem na ciência

Estudada pela Geografia desde o início do século XIX, a paisagem já esteve - e ainda está - atrelada às mais variadas áreas do conhecimento paradoxalmente separadas por abismos teóricos e metodológicos, o que dificulta, mas não impede, a visão global sobre o tema. Se, por um lado, consideramos que a abordagem sensível, poética e cultural representa uma possibilidade de leitura do mundo, para a ciência positivista, considerar a transversalidade de categorias como natureza e sociedade, subjetivo e objetivo, individual e coletivo, notável e ordinário significa reconhecer novas e profundas mudanças de concepção sobre a atividade científica (BERTRAND, 2000). Esse é o primeiro ponto. Compreender o lugar da paisagem na ciência significa assumir seu caráter transversal, na fronteira entre as disciplinas acadêmicas. Com isso, a paisagem pode ser reconhecida, assim como o turismo, ambos transversais e complexos, como uma “indisciplina”. Tratá-los como tal significa reconhecer que o conhecimento disciplinar não é a única forma de conhecimento possível. E isso é motivo para comemorarmos.

Para começar, diremos que a paisagem é tudo: por um lado ela é tudo o que está diante de nós e dos nossos sentidos, mas ao mesmo tempo, ela é o reflexo de um mundo interior e está por trás dos nossos olhos. Isso significa dizer que a forma como vemos e interagimos com o mundo é condicionado pelos nossos valores e padrões mentais. Esse é o segundo ponto. Natureza e percepção humana são inseparáveis: por isso, o que vemos e percebemos é um reflexo do que se passa no nosso mundo interior (SCHAMA, 1996).

Durante muito tempo, as ciências naturais e as ciências da terra, especialmente a Ecologia e a Geografia, ensinaram que a paisagem é um conjunto heterogêneo de elementos naturais, formado pelas múltiplas e simultâneas interações entre rocha, solo, relevo, hidrografia, cobertura vegetal, clima e ou-

tros tantos elementos físicos e biológicos. Assim surgiu o estudo da paisagem na academia, uma manifestação concreta, naturalmente exposta à objetivação de pesquisas analíticas e separativas (BERTRAND, 1971). Não é, pois, de se estranhar, que adecupagem da paisagem em diferentes partes corresponda a uma necessidade operacional fundada em um esforço científico polivalente interessado em identificar a imagem de uma região natural em seu caráter totalizante, o que se convenciou chamar “unidade de paisagem”. Esse estudo tem aplicação direta na resolução de conflitos ambientais relacionados ao planejamento regional e urbano. De acordo com essa linha de estudo, as paisagens se diferenciam pelo antagonismo de forças: estrutura de um lado e escultura de outro (ROSS, 1991). O estudo de seus elementos estruturadores permite que ela seja analisada, mensurada e cartografada com base no conhecimento objetivo de seus componentes.

Essa abordagem, apesar de não considerar a complexa trama de significados simbólicos, nos ajuda, em um primeiro momento, a compreender a grande diversidade ambiental do planeta Terra. Esse é o terceiro ponto. Toda paisagem está apoiada em uma base física, um terreno tangível e objetivo. A explicação parece bastante lógica: como a energia solar não atua de forma uniforme na superfície terrestre, e como a crosta terrestre também não se constitui em um único tipo de arranjo estrutural, a gama de fisionomias ou de ambientes naturais é muito numerosa, acabando por determinar um número infinito de unidades de paisagem. Saber conhecer os traços essenciais que constituem uma paisagem é uma tarefa difícil e necessária; por isso, o despertar do sentido da paisagem tem como ponto de partida o conhecimento de seus elementos e culmina com a observação in loco de determinado contexto ambiental. Nesse sentido, Bertrand evidencia o caráter pedagógico da paisagem, o que, para o nosso entendimento, é de grande utilidade para o turismo, especialmente quando aliado às estratégias de comunicação interpretativa. Embora existam pessoas com maiores ou menores facilidades para tal, sua leitura pode ser aprendida em algum grau. Ademais, o contato com sua dimensão educativa pode despertar o interesse das pessoas e proporcionar a descoberta de algo totalmente novo aos sentidos dos visitantes.

## Indo além das aparências

Mas, o sentido da paisagem pode ir muito além. Como é possível notar, a percepção conjunta dos elementos naturais demonstra a profundidade que esse aspecto da paisagem pode adquirir, mas, se acrescentarmos os arranjos territoriais construídos pela atuação do homem, a noção sobre a paisagem se amplia ainda mais.

Considerando o nosso propósito de utilizar o conceito de paisagem para inspirar um novo modelo de turismo, é preciso considerá-la como algo diferen-

te do que a soma de seus componentes. A visão do geógrafo americano Carl Sauer (1925) é esclarecedora ao afirmar que “estamos interessados naquela parte que nos diz respeito como seres humanos porque nós somos parte dela, vivemos com ela, somos limitados por ela e a modificamos”. Portanto, segundo eles, sua identidade é determinada pelo seu valor de hábitat. Para os pesquisadores da Geografia cultural, a paisagem traz para o centro do debate justamente aquilo que era, até então, considerado fora do interesse da ciência: o seu caráter simbólico e subjetivo. Isso só foi possível no final da década de 1960, quando o movimento humanista propôs uma ruptura com o positivismo científico. Sim, há simplicidade na aparência da paisagem, mas não se iludam, por traz da superficialidade aparente há profundidade de sentido, mas, para acessar seu caráter simbólico, a paisagem exige, além da habilidade imaginativa de entrar no mundo dos outros de maneira consciente, a sensibilidade histórica e contextual. Esse é o quarto ponto.

É justamente por considerar a evolução do tempo humano que a paisagem é tida como um documento histórico passível de múltiplas e instáveis leituras de mundo (MONTANA; SODERSTROM, 1993). Sendo a paisagem uma categoria fundamental de nossa percepção e de nossa experiência do mundo real, seu estudo demanda que ela seja vista como uma construção social, fruto das representações e imagens que seus habitantes projetam. Sob esse aspecto podemos nos perguntar: sendo a paisagem uma construção cultural, por que ela não é um valor em todas as culturas? Que condições encorajam as pessoas a experimentarem a paisagem e terem consciência dela a tal ponto de procurarem captar sua essência?

## Aprendendo a ler o mundo

O educador Paulo Freire (1989) nos oferece uma importante referência: para ele, aprender a ler o mundo requer compreender o seu contexto, numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. Ao descrever o ambiente onde cresceu, Paulo Freire se refere à leitura do mundo encarnada no canto dos pássaros, nas copas das árvores, nos ventos que anunciavam tempestades, nas nuvens do céu, na tonalidade diferente de um mesmo fruto. Do seu “mundo imediato” também faziam parte o “universo da linguagem dos mais velhos, expressando suas crenças, os seus gostos, os seus receios, os seus valores”. O seu medo das almas penadas estava fundado nessas conversas dos mais velhos que diziam sobre a escuridão necessária para suas aparições e o clima de penumbra alimentado pela parca luz dos lampiões. Seus temores terminaram por aguçar a percepção de ruídos misteriosos no silêncio da noite, mas, à medida que foi se tornando íntimo de seu mundo e o percebia com mais nitidez, os temores iam diminuindo.

Para Paulo Freire, aprender a ler o mundo requer, antes de qualquer coi-

sa, aprender a compreender o seu contexto social. Seguindo essa linha, podemos pensar que a leitura da paisagem-mundo é um ato fundamentalmente político, portanto existe, a priori, um posicionamento crítico para vivenciar o mundo real. Este é o quinto ponto: não há neutralidade na leitura da paisagem, pois ela está sempre condicionada por um olhar cultural. Nesse sentido, é preciso tomar consciência de que a nossa atitude no mundo é influenciada pelo conjunto de regras e regulamentos assumidos como referência em nossas vidas. Maria José Esteves de Vasconcellos (2002), psicóloga e especialista em pensamento sistêmico, comenta que vemos o mundo por meio de nossos paradigmas que funcionam como filtros, mas ela nos provoca ao afirmar que, felizmente, podemos decidir mudar nossas regras e ver o mundo de um modo diferente. Essa é uma virtude da relação viagem-paisagem: colocar-nos frente a frente com o que nos é estranho, desafiando nossos limites e, por que não, modificando-os.

O contato cultural evidencia as diferentes visões do mundo, os diferentes estilos de vida, os modos de reagir e de lidar com o outro. Sendo diferentes os paradigmas de duas pessoas em relação a um determinado tema, o que é percebido por uma será imperceptível para a outra (VASCONCELLOS, 2002). Sem a flexibilidade de paradigmas, não há atitude interessada. O fundamento da viagem não é ser um protagonista, mas saber ser um participante; por isso, a “paralisia de paradigmas” pode nos conduzir a não ver as oportunidades positivas que se encontram à nossa volta. Segundo a autora, “para reconhecê-las e usufruir delas, precisamos ser flexíveis e dispostos a visões diferentes daquelas a que estamos acostumados”. Sobre esse assunto, o geógrafo francês Georges Bertrand esclarece que “lenhadores e pastores vivem imagens diferentes, senão contraditórias da mesma floresta”. Isso acontece porque as sociedades são estratificadas, e uma posição diferente na sociedade significa uma experiência e consciência diferentes.

## A viagem como pausa

O antropólogo Simon Schama cita um dos seus professores mais queridos, descrito como um escritor de extraordinária coragem, que sempre dizia que, para vivenciar um local, era preciso usar “o arquivo dos pés”. Pois bem, à medida que aprendemos a ler o mundo com o registro dos pés, o espaço indiferenciado transforma-se em um lugar afetivo. Sobre esse assunto, o geógrafo humanista Yi-Fu Tuan estabelece uma curiosa relação: as ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. “A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa” (TUAN, 1930). Para ele, se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa.

Pausas são necessárias. Uma necessidade absoluta para qualquer um: um

lugar, uma determinada hora em que você simplesmente vivencia e traz à tona o que você é e o que pode ser. Quando alguém viaja, em um certo sentido, faz uma pausa, mesmo estando em movimento. Essa ideia talvez não se aplique a todo tipo de viagem, mas se aplica ao modelo de viagem que busca estabelecer uma relação com a paisagem. Mais que uma cena ou uma aparência, a paisagem é uma obra da mente e como tal carrega consigo um mundo (SCHAMA, 1996).

Momentos fundamentais da sociedade podem ser revividos através do olhar sobre a paisagem. Considerando homem e paisagem como indissociáveis, podemos afirmar que a paisagem é uma construção histórica, que ela pode ser objeto de conhecimento e, portanto, pode ser narrada.

## Paisagem patrimônio

Ao considerar os fatos históricos, o olhar volta-se para a herança cultural, necessariamente plural e diversificada: artesanato, literatura, linguagem oral, a lógica dos saberes, os espaços construídos. Para Cecília Londres Fonseca (2000), reconhecimento de novas referências culturais é resultado de uma forma particular de pensar o patrimônio, com base em valores e interesses democráticos. De acordo com esse olhar, o patrimônio não deve se restringir aos grandes monumentos da história oficial, em que sobretudo as elites se reconhecem, mas incluir as manifestações culturais representativas para outros grupos sociais. A noção de patrimônio representa o espelho do universo imaginário de sua gente e se define baseando-se na cultura, nas relações e nos sentimentos dos homens.

Pela sua relação com o patrimônio e em resposta à valorização das relações harmoniosas entre os homens e o meio ambiente, difundidos pela ideia de desenvolvimento sustentável após a conferência de Brundtland, em 1987, a Unesco pensou a categoria da paisagem cultural. A partir de 1992, a “paisagem cultural” foi aceita como um dos critérios para inscrição de um bem na lista do programa Patrimônio Mundial (RIBEIRO, 2007).

Uma outra iniciativa que busca criar diretrizes sobre o futuro das paisagens é a Convenção Europeia da Paisagem, aprovada em Florença, em 2000, que define a paisagem como parte do território tal como percebido pelas populações em seu caráter resultante de fatores naturais, das ações humanas e suas interações. Essa convenção privilegia a utilidade social do conceito ao considerar que: a paisagem é, em qualquer lugar, um elemento importante da qualidade de vida das populações: no meio urbano ou no campo, nos territórios degradados como naqueles de grande qualidade, nos espaços diferenciados como naqueles cotidianos [...] ela constitui um elemento essencial do bem-estar individual e social.

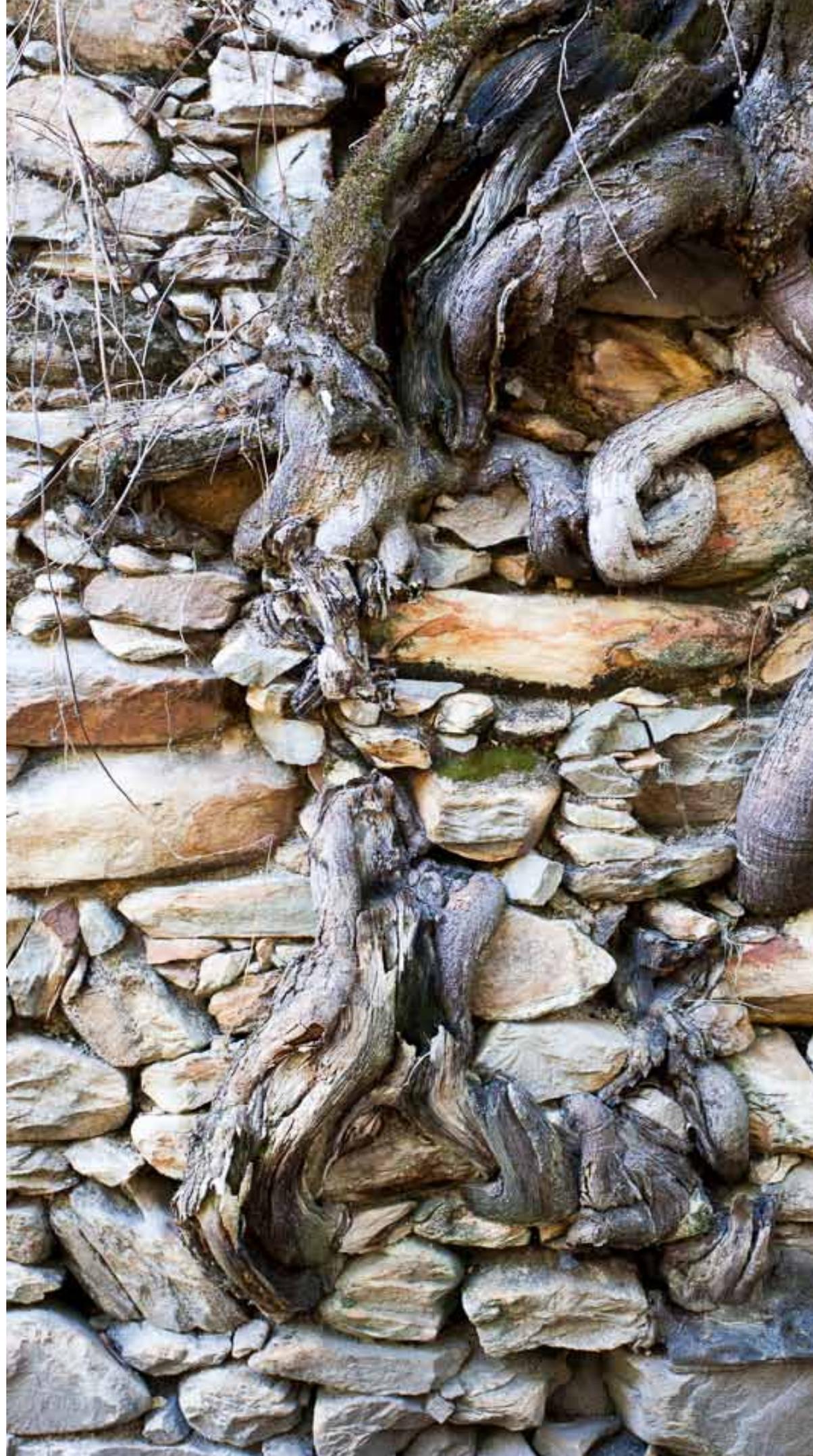
## Para finalizar

---

É nesse sentido que a paisagem torna-se importante instrumento de leitura do mundo: mais que um objeto de estudo intelectual, ela deve ser encarada como uma forma de vivência na sua plena positividade do cotidiano das pessoas, por isso suas possibilidades de leitura vão além das impressões imediatas e permitem ricas interpretações.

Para o historiador José Newton Meneses (2003), pensar uma localidade é pensar a sua própria existência, pensar a atividade turística é admitir a possibilidade de conhecimento através do ato de viajar. Através desse turismo, os lugares adquirem um sentido mais profundo, muito além de um objeto de curiosidade momentânea. Esse turismo proporciona a manifestação e o encontro dos olhares forasteiros com o olhar regional. A compreensão das paisagens permite que esses encontros sejam carregados de valores e significados. Ao viajar, promovemos intercâmbio cultural e criamos vínculos afetivos. O hábito de observar nos torna mais próximos dos lugares, evita a indiferença e estimula a percepção das expressões da cultura e do meio ambiente. Nesse sentido, o turismo pode ser entendido como a arte e a ciência de promover o encontro entre os diferentes.

Para finalizar, retomaremos o que já foi dito: costuma-se pensar que paisagem é natureza, mas a paisagem é a ciência e a arte de perceber o mundo. E a arte é fazer, da melhor forma, a mais bela ou expressiva, a mais diferente e inovadora, a mais significativa. Tudo o que é feito com arte permanece, pois pode fazer sentido para qualquer ser humano, do presente ou do futuro, desde que ele esteja aberto ao entendimento.





## Objetivo

O “Marcas do Sagrado”\* consiste na criação e estruturação de programas e iniciativas integrados e focados no turismo sustentável, que têm como objetivo redescobrir a história e a geografia míticas, a geobiodiversidade, a gastronomia e o saber popular do Brasil, valorizando a terra, as tradições culturais brasileiras e suas origens, incluindo a lusofonia, bem como promovendo e afirmando a memória e a identidade regional a partir de uma abordagem voltada para o Sagrado<sup>1</sup>, a Sustentabilidade, a Transversalidade e o Envolvimento.

## Difusão do Conceito de “Gestão da Mente Sustentável<sup>2</sup> para Integração de Territórios”

Hoje, o turismo é uma das principais atividades em nível global. Existem tantos tipos de turismo quanto de interesses humanos. É uma atividade socioeconômica de gestão extremamente complexa, por ser transversal: abrange simultaneamente aspectos econômicos, sociais, culturais, ambientais e territoriais. O conhecimento abrangente da sua problemática é fundamental para o correto equacionamento das mentes, dos territórios e dos empreendimentos turísticos dentro desses territórios.

Essa complexidade, que é um fato, necessita de soluções inovadoras e precisa estar impregnada de uma coerência entre o discurso e a ação por parte de todos os envolvidos. E, para tanto, deve buscar operar sobre novas bases, sobretudo por que se sabe que os paradigmas econômicos e sociais vigentes estão ultrapassados, conforme afirma Ourique<sup>3</sup>: “o nó górdio da democracia é o estado mental”, pois, em primeira instância, o homem é o agente ativo que constrói atitudes mentais democráticas nas e a partir das inter-relações. Para isso, é necessária uma mudança de rumo e atitude centradas na qualidade da mente humana, pois [...]

*“é no território mental que se dão concretamente as relações de poder psicossocialmente construídas, nas quais ou o indivíduo, rede, movimento e organização apropria-se (sic), pela desobediência civil mental, do poder, tornando-se assim, cada um deles, portador de voz própria, ou é então dominado pelo discurso que o atravessa – o que é muito fácil hoje, quando os valores mediatizados tendem a embeber a todos como se fossem esponjas –, tornando-se, assim, repetidor do mesmo nos territórios, esta categoria hoje central na análise das questões sociais e que só revela sua potência de produção de autonomia interdependente quando alimentada por mudanças efetivas nas relações de poder, que são – sempre e apenas – determinadas por atitudes mentais.*

*É por isso que André Mattelart vem insistindo que a liberdade política não pode mais ser apenas o exercício da vontade, mas passa – necessariamente – pelo domínio do processo de formação da vontade, de maneira que, como tenho sustentado, o desejo hoje mediatizado no reconhecimento pelo capital, vale dizer no reconhecimento pelo outro, seja, ao contrário, e a um só tempo, liberdade e vinculação socioambiental.*

*Isto só é possível por meio da observação do fluxo dos estados mentais (pensamentos, afetos, sentimentos, emoções, percepções, etc.), que ocorrem no território mental, para o que é decisiva a arqueologia dos conceitos.”(op.cit.)*

Em sintonia com o afirmado acima, o Projeto “Marcas do Sagrado”, na macrorregião da Serra do Cipó, propõe uma determinada maneira de ver, fazer e sentir as coisas. Além disso, foca em compartilhar e envolver para desenvolver, trazendo para as pessoas e as instituições a responsabilidade democrática de construção e manutenção da vida democrática e sustentável, porque, finalmente, são os seres humanos que ocupam os territórios a partir

\*Os estudos, projetos, relatórios e demais produtos, bem como a marca, o nome e o logotipo “Marcas do Sagrado” são de propriedade exclusiva do Instituto Mukharajj e do Instituto Espinhaço. Sua utilização fora do âmbito deste projeto, a exploração da marca, do nome, do logotipo, dos estudos e relatórios para fins comerciais ou de propaganda é vetada e só poderá se dar mediante autorização formal das duas Instituições.

<sup>1</sup> O sagrado antecede o religioso e é de onde o religioso extrai a sua base e valor; mas, o sagrado, em si mesmo, é superior ao religioso e não pode ser reduzido à ele. O conceito de sagrado proposto pelo “Marcas do Sagrado” constitui uma forma de existir no mundo que relaciona, de modo harmônico, consciente e responsável, o homem consigo mesmo, com a natureza e o planeta, portanto, não se identifica com o conceito de sagrado praticado pelo turismo religioso.

<sup>2</sup> Conceito e Metodologia criados por Evandro Vieira Ouriques Coordenador do Núcleo de Estudos Transdisciplinares de Comunicação e Consciência da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NETCCON.ECO.UFRJ), consultor organizacional, coordenador do curso Jornalismo de Políticas Públicas Sociais (NETCCON.ECO.UFRJ e ANDI – <http://territoriojpps.ning.com>), pós-doutor em Estudos Culturais pelo PACC.FCC.UFRJ e diretor de Comunicação e Cultura do Núcleo de Estudos do Futuro da PUC-SP.

<sup>3</sup> OURIQUE, Evandro Vieira. Território mental, o nó górdio da democracia. In Revista Democracia Viva, IBASE, nº 42, maio de 2009, p.77.



de seus estados mentais; portanto, a qualidade destes é fundamental para a preservação dos valores democráticos, da liberdade e do equilíbrio da própria vida no planeta.

O “Marcas do Sagrado”, ao trazer para as pessoas as comunidades, as instituições, os gestores, a responsabilidade democrática de gerir o seu “território mental” para bem construir o território geográfico, entende, com isso, que o maior valor patrimonial de um território é a qualidade mental de sua gente. É também em torno disso que a atividade turística do Marcos procura pelas “marcas territoriais”, pois elas são conceitos, representações e expressões vivas do que a vida seja ou do que se é com ela nos territórios.

## Difusão do Conceito de Sagrado como Norte para uma Nova Atitude: Envolver para Desenvolver

A concepção e o sentimento de que o macrocosmos se projeta ininterruptamente no microcosmos era parte integrante dos povos antigos, criando uma identidade entre o todo e as partes, entre os seres vivos e os não vivos. Ainda hoje, essa cosmovisão permanece viva em algumas raras comunidades que a concepção materialista de mundo não subverteu.

Atualmente, estamos assistindo ao renascimento de semelhante cosmovisão dos antigos que, ao mesmo tempo em que questiona a visão materialista de mundo, busca adotar metodologias e atitudes que sejam capazes de captar tais conteúdos, de natureza concreta e simbólica, evidenciados claramente, por exemplo, através da ecologia profunda que prioriza uma

nova forma de relação do homem com o planeta, gerando inclusive um novo conceito de economia, de base inclusiva e sustentável.

Cabe ressaltar que, uma vez já implantada na sociedade atual essa nova visão de mundo, qual seja a de que “o Universo é o espelho dos símbolos<sup>4</sup>”, porque, na natureza, tudo se reflete ou está em analogia com tudo, como demonstra a física quântica, torna-se evidente que “surgirão” outras estruturas e modalidades sociais, econômicas, culturais, ambientais, etc., que incorporarão e encarnarão um valor “sacral” a todas as criações, sejam elas naturais (como uma montanha, um rio, uma árvore) ou artificiais (criadas pelo homem).

*Desse modo, da interação e da combinação do todo com as partes, e vice-versa, brota um novo modus vivendi, onde a estética das proporções e das relações adquire um papel de relevo. Dentro desse enfoque, a antropologia essencial – que trabalha com a multidimensionalidade humana – e a cultura simbólica que “desempenha no acesso à caracterização das ideias e das épocas, como instância privilegiada no estudo das estruturas e conjunturas da cada tempo e lugar (Gandra, op. cit.)”, assumem papel de relevo (sic).*

Tal destaque deve-se ao fato de que ambas trabalham com um postulado consagrado pela cultura ocidental que sustenta que os ícones e os símbolos participam e estruturam a mente e a vida humanas, fato comprovado por Jung. Gandra (op.cit.) alerta e afirma que o símbolo não pode ser resumido a uma questão meramente estética ou ornamental, como quer o materialismo dialético provar. Antes, trata-se de um problema ontológico, o que envolve diretamente o ser humano e a necessidade que este ser tem de se relacionar com símbolos específicos para manutenção de sua própria saúde e bem-estar.

Embasado nisso, o conceito de sagrado do “Marcas do Sagrado” lapida e envolve diversos ícones/símbolos de maneira concisa, precisa e totalmente adequados à realidade do universo do ser humano, que existe em diferentes dimensões: essencial, cósmica, sociocultural, psíquica e inconsciente.

Aqui, o conceito de sagrado proposto é o trabalhado pelo historiador e filósofo Mircea Eliade, significando uma realidade e uma dimensão profunda, subjacente tanto ao homem como à natureza. Nesse contexto, o sagrado assume-se com diversas faces, semelhante a um diamante multifacetado: pode ser um texto, uma linguagem, uma geografia, uma paisagem, uma cachoeira, uma igreja, um edifício, uma obra de arte, um símbolo, uma experiência, uma dança, etc. Ou seja, o sagrado pode manifestar-se de diversas formas, e todas essas manifestações são admiradas ou cultuadas pelos povos porque “revelam” algo que ultrapassa o meramente material uma vez que participam

<sup>4</sup> GANDRA, Manuel J.. *Imaginário e formas simbólicas- léxico minimal*. Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica, p.11.

de uma realidade que lhes é superior, que lhes confere sentido e valor.

Vincular um destino turístico e a gestão integral deste à luz dos critérios do sagrado é uma proposta original e apaixonante que atende a um conjunto de variáveis que priorizam fazer acontecer a diferença, fomentando ideias, criando projetos e produtos singulares, oferecendo soluções únicas e exclusivas, sem padrões nem fórmulas para cada comunidade, integrando mentes e territórios dentro de algo maior: a Teia da Vida. Uma proposta de envolver para desenvolver.

## O Sagrado na Conceituação, Caracterização e Diferenciação dos Elementos, dos Atrativos Turísticos, da Identidade, da Memória e da Cultura Local

Em primeira instância, o Projeto do Marcas identifica como o sagrado dentro de um território toda e qualquer manifestação hierofânica já consolidada nele. A partir disso, trabalha com o fato de que a identificação e a manifestação do sagrado dentro do destino turístico parte de uma análise e uma reflexão sobre a relação entre os elementos diferenciados no território, um olhar



especial sobre o imaginário, os arquétipos sociais, a cultura das comunidades, os saberes populares, além da própria noção de sagrado da comunidade, isto é, do elo que liga e dá sentido à existência do ser no território, na geografia e na profunda relação cultural do homem com a sacralidade de lugares, modos, pessoas, saberes e sabores na geografia do espaço onde habita ou convive.

O conceito do Projeto propõe o sagrado como norte e rumo, utilizado como elemento de conceituação, caracterização e diferenciação desses elementos anteriormente citados que podem ou já são considerados como atrativos turísticos. No entanto, ao lançar sobre eles um olhar mais profundo, atribuindo um significado abrangente que os desvincula da esfera do comum, do cotidiano pouco valorizado, levando-os para a esfera do simbólico e ressignificando-os na cultura e no imaginário das comunidades que habitam pequenas cidades da Serra do Espinhaço, esse conceito transforma o olhar e a vida da própria comunidade.

Nesse sentido, essa nova visão propõe e cria um novo papel para o entendimento e a relação do homem com o mundo que o cerca, pois, ao interconectar mentes e territórios, adquire centralidade o destino turístico em si mesmo que passa a existir como uma marca que se apresenta em forma de imagem e dotada de uma função de comercialização conjunta que se valoriza graças ao seu carácter integral e exclusivo.

O carácter de rede do sagrado na gestão do turismo está em sintonia com a compreensão do mundo atual que requer uma visualização permanente e reflexiva a respeito das formas simbólicas que interagem e nos conectam com a nossa visão de mundo. As formas simbólicas acumulam uma crescente expressividade e (re) ordenam a vida socioespacial da humanidade, transmitindo e absorvendo o dinamismo dos valores culturais e dos legados de memória e tradição das comunidades.

O “Marcas do Sagrado” propõe um novo olhar, não mais dentro de seu tradicional aprisionamento em tipologias superficiais, mas na vivência de um papel mais profundo e interativo, que faça o simbólico sustentar a existência de um conteúdo socioespacial singular e estratégico, trazendo à tona uma nova percepção da relevância das formas tangíveis e intangíveis na (re) organização dos elementos que compõem o mundo ao nosso redor e, ainda, a interação desses elementos com nosso olhar e lugar no mundo.

Desse modo, pretende lançar um novo olhar e propor uma nova atitude em relação à “geograficidade, culturalidade, espiritualidade e sacralidade” das formas simbólicas, entendendo-as em profundidade e como modelagens de uma manifestação histórico-cultural no espaço. Sejam materiais, imateriais ou comunicacionais (com linguagens verbais e não verbais), tais formas, processos e produtos ganham uma nova significação paisagística e de conteúdo, algo essencial para decodificação, ressignificação e revalorização de lugares, processos, pessoas e territórios.

A extensão e o impacto que o sagrado comporta (por oposição ao profano,

cada vez mais presente na vida cotidiana) estão hoje, sobretudo, confinados na compreensão comum e superficial, apenas a locais específicos como igrejas, mosteiros, santuários, dentre outros, diminuindo e empobrecendo o conceito que é muito mais amplo, em essência.

Quanto a isso, cabe ressaltar a importância que alguns monumentos, lugares e pessoas que desempenham um papel de sustentação da cultura, da memória e do imaginário de muitas comunidades, assim como as festas populares, a gastronomia associada a processos históricos, o artesanato, uma paisagem singular, a presença de uma montanha ou mesmo uma “benção”. São todos atrativos turísticos diferenciados que nos transportam para novas dimensões simbólicas de seus espaços e significados.

A concepção do sagrado reflete sempre, portanto, o imaginário e o simbólico, resultado do pensamento profundo que a sociedade ajuda a construir e mantém em suas inúmeras expressões e manifestações. A noção de sagrado nos leva mais perto da explicação das estruturas simbólicas que caracterizam os homens e as construções do seu tempo, sendo estas representações de uma dimensão mais profunda da mente humana.

“Marcas do Sagrado” considera um determinado local ou atrativo turístico como simbólico, sempre que ele expresse mais do que simplesmente o seu valor intrínseco para um número significativo de indivíduos, sendo representado com uma dupla qualidade: uma realidade material (uma cachoeira, uma paisagem, etc.) e algo de imaterial (uma ideia, um valor, um sentimento...).

Assim, o sagrado do “Marcas do Sagrado” realiza-se através de um preciso entendimento do espaço-tempo onde se interagem os fenômenos espaciais e territoriais como a geobiodiversidade, além da cultura e dos saberes populares, numa intrincada tapeçaria de experiências humanas.

## Turismo Profundo na Serra do Cipó: Uma Nova Proposta de Envolver para Desenvolver

### **A Necessidade da Identificação e Reconhecimento da Identidade e da Memória do Espinhaço**

A atividade turística deve ser considerada, na atualidade, como um dos fatores mais importantes para se conectar o planeta ao lugar, o global ao local. Global, porque as peculiaridades locais emergiram como contraponto desse global, uma vez que a globalização econômica levou à valorização das diferenças de cada lugar, tornando essa diferenciação um atrativo para o capital. E o lugar entende-se como sendo a teia de várias relações que vêm compartilhar as particularidades (culturais, ambientais, sociais, políticas,



econômicas) às demandas do global que o atravessa. Isso só vem confirmar que os lugares conduzidos pela urbanização turística entram rapidamente para o fluxo de informações, bens e pessoas, e se inserem no movimento global.

O turismo é uma ferramenta importante no processo de democratização das memórias e identidades, de inclusão, de interculturalidade nas sociedades atuais, promovendo e beneficiando a fluidez que gera a multiplicidade de culturas e níveis de desenvolvimento. O turismo e os movimentos migratórios, assim como as comunicações e os negócios, diminuem as fronteiras territoriais e culturais, reais ou imaginárias, erguidas ao longo do nosso processo de civilização.

A região da Serra do Cipó compreende municípios que possuem um histórico recente de desenvolvimento turístico, com um fluxo de visitação ainda incipiente e pouco ordenado e que tem, como foco e objeto de atratividade, o turismo ecológico ou de natureza. Associado a essa modalidade, o turismo cultural e religioso (de festas tradicionais e romarias – como é o caso do Jubileu do Bom Jesus do Matozinhos, em Conceição do Mato Dentro) promove uma atração pontual e dispersa, não integrada nesses territórios.

Daí, a importância do conceito do projeto Marcas do Sagrado: identificar e descrever, num primeiro momento, potenciais atrativos que poderão vir a ser um produto diferenciado em qualidade e singularidade, nesta região. Ao entendermos que o campo cultural, em sua complexidade crescente, possui simultâneas geografias como lócus de representação e vivência, damos as formas simbólicas do ambiente ao nosso redor um novo status e uma percepção peculiar. Esse é um dos pontos estruturais do Marcas do Sagrado.

## O Sagrado como Meio de Construção de uma Cidadania Global

“A visão do Sagrado funda ontologicamente o mundo”, afirma a poetisa Ana Maria (in “As Brasilíades”). Para algumas comunidades que vivem no contexto diferenciado de algumas regiões do Espinhaço, o *modus vivendi*, aliado às especificidades da cultura de cada lugar e à singularidade dos conjuntos orogênicos de rara beleza deste território em comum (a Serra do Cipó – Espinhaço), criam ‘Sacramentos’, uma visão singular de comunhão com o Sagrado. O Sagrado e o profano, nestas comunidades, constituem duas modalidades de ser no mundo, conforme Mircea Eliade (in “O Sagrado e o Profano”), duas situações existenciais assumidas ao longo da história. Nesses termos, podemos vislumbrar que o campo do sagrado e do profano são percebidos pelas representações que são sumamente importantes para a constituição e difusão da nossa cultura, pois elas nos ofertam uma forma de enxergar o mundo, de enxergar-se nele e de viver nele.

A próspera e global “indústria” do turismo já está trabalhando esse ressurgir do sagrado dentro do turismo religioso, convergindo-o com a espiritualidade cósmica apregoada pela Carta da Terra, mas, sob a ótica das religiões e dogmas oficiais, introduzindo-se nos espaços e caminhos “mágicos” e “sagrados” da história dos povos. Tal iniciativa é importante, certamente. No entanto, é preciso atentar para não reduzir o sagrado ao âmbito estrito do religioso, porque o sagrado antecede e é superior ao religioso, sendo, aliás, de onde o religioso extrai seu sentido e valor.

Observando esses movimentos e aspectos, vale resaltar um ponto vital, diferenciador e divergente do Marcas do Sagrado em relação à “indústria” do turismo, segundo Mariana Lacerda<sup>5</sup>: “para o Marcas do Sagrado, o turismo não é considerado sob a ótica de “indústria global”, porque o termo indústria está relacionado à produção em série do turismo, portanto vincula-se ao modelo massificado, indiferenciado. Da mesma forma, as palavras “destino” e “atrativo”, utilizadas ao longo destes textos, também não estão atreladas a uma ideologia hegemônica e mercantilizadora que tende a transformar tudo em produto. O Marcas do Sagrado ocupa-se para não reproduzir esta ambiguidade. Portanto, a proposta de valorização do que há de sagrado nos “territórios mentais” de modo algum é motivada pelo seu uso turístico. Concordamos que o turismo seja uma ferramenta importante para a valorização das diferenças de cada lugar e também para conectar o planeta ao lugar”, mas essas diferenças possuem uma dimensão sagrada que extrapola o produto turístico. E, ao associá-las diretamente a produto, reproduz-se a ambiguidade. Em razão disso, o turismo no Marcas é trabalhado como “profundo”, tendo o sagrado como norte e rumo.

De Stonehenge a Machu Pichu, da Capadócia às Pirâmides do Egito, do Templo de Kashi Vishwanath às Catedrais Góticas, do Convento de Cristo, em Tomar, à Ilha do Corvo, da Ilha de Páscoa à cidade de Palenque, passando pelo Caminho de Santiago de Compostela, pelos Himalayas, pelo Vale Sagrado dos Incas, pela Pedra da Gávea ou pelo Caminho de Peabiru, vislumbra-se uma ininterrupta geografia sagrada, sem fronteiras, unida pela magia e valorada pela presença do mistério e do transcendente. Ou seja, são territórios unidos por um valor que vai além do espaço, do tempo, das formas e das geografias.

Dentro da categoria do mágico e sagrado se inclui, com particular protagonismo, os territórios desta região do Espinhaço – que abarca a Serra do Cipó e a Chapada Diamantina – que ainda não teve um projeto de turismo que enxergasse holisticamente a serra, o homem, a cultura e a memória dos lugares e processos. A macrorregião da Serra do Cipó guarda estas características que dialogam com o sagrado desde tempos antigos, registrados em sítios arqueológicos com mais de 5.000 mil anos, portanto, antes da chegada dos bandeirantes e da corrida do ouro no século XVIII.

A sacralidade da Serra do Espinhaço permanece viva na memória dos descendentes de várias etnias indígenas, sendo por eles considerada como a “espinha dorsal espiritual do Brasil”. O Espinhaço, assim como a Serra de Tumuquehumaque, a Serra do Roncador e a Chapada dos Veadeiros, é um território onde ainda podemos encontrar cenários de rara beleza cênica e patrimônios histórico-culturais associados a um modo de vida e a outros elementos diferenciados, uma especificidade singular e riquíssima.

Por todos esses territórios encontram-se ecos e vestígios do sagrado. O



<sup>5</sup>Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Geografia IGC/UFMG. Professora assistente do Curso de Turismo Instituto de Geociências/UFMG.

sagrado, dentro de uma perspectiva ontológica, contribui, não ingenuamente, para consubstanciar esse caráter identitário dotado de dinamismo específico que, certamente, pode vir a ser uma chave para a assunção e a afirmação consciente da memória, cultura e identidade locais. Territórios deste modo pensados e sentidos adquirem um cariz planetário, auxiliando na implantação de uma Cultura de Paz mundial.

## A Natureza como Ponto de Encontro entre o Rural e o Urbano

A busca pelo sagrado, pelo mundo espiritual, muitas vezes desligado de uma instituição religiosa, tem provocado uma aproximação maior do homem com a natureza. Em uma paisagem natural, os aspectos que transcendem os elementos puramente físicos estreitam o sutil elo entre o homem e o divino. O projeto Marcas do Sagrado é, além de outros aspectos, uma ferramenta para construirmos um novo modelo de relação do homem com a natureza, tendo o turismo como um meio desse movimento de compreensão, interpretação e sinergia com a exuberante natureza e todos os ricos elementos culturais, históricos e sociais que nos cercam.

A natureza pode e deve ser analisada como um bem que nos une por cima das diferenças culturais, que devem ser preservadas e incentivadas. Esta é a proposta do Marcas do Sagrado: criar uma nova vertente de turismo que saiba ler, através da linguagem dos símbolos, a sinergia existente entre atrativos singulares, bem como possa chamar a uma nova visão e atitude entre o morador local, a serra, o visitante, as comunidades, sua cultura e a natureza ao redor.

A física quântica comprova que todos somos partícipes de um mesmo Universo em evolução, unidos por invisíveis laços de luz, tornando-nos irmãos das estrelas e das árvores. Ao mesmo tempo, a ecologia nos adverte sobre a fragilidade da vida e da Terra ante a violência humana. A manutenção da legitimidade transcendental da natureza, evidenciada pela física, independe da anuência humana, uma vez que sua existência é mistério. No entanto, o risco da ruptura desse continuum natural da teia da vida concerne ao humano, e a resolutibilidade de tal questão reside na consolidação de um novo estado mental comprometido com uma responsabilidade universal e uma democracia planetária.

Quanto a isso, claros sinais de uma nova alvorada mundial surgem no horizonte. A crise do pensamento ocidental e dos valores que regem a cultura positivista, como o racionalismo, o individualismo e o materialismo dialético, construiu uma tensão oposta expressa na busca pela sacralização do mundo e dos territórios, claramente manifestados na crescente importância da ecologia e de distintos movimentos místico-religiosos, associados ao culto da terra, entre outros tantos feitos.

A ideia de Natureza ressurgiu, e à moda grega. E com ela, Dioniso insemina

a divina loucura que recupera o primado da autonomia, da criatividade e da liberdade real, base perdida da constituição do Ocidente. Ao mesmo tempo, sua presença, tangida de um impressionante fundo metafísico, aproxima o rural do urbano através da floresta, das montanhas, dos campos, das árvores, das águas, dos bichos, numa sinfonia paraclética.

## A Serra do Espinhaço: Santuário e Geossímbolo

O Projeto Marcas do Sagrado abarca quatorze municípios da Serra do Espinhaço, um grande maciço montanhoso.

Mircea Eliade (in “O Mito do Eterno Retorno”) afirma a importância do símbolo da montanha para o imaginário do homem, fazendo-a coincidir com o simbolismo arquetípico do Centro: a montanha está associada, fundamentalmente e desde há muito, aos princípios de altura e de centro. Ela é elevada, vertical, próxima ao que há de maior pureza e, por isso, simboliza o

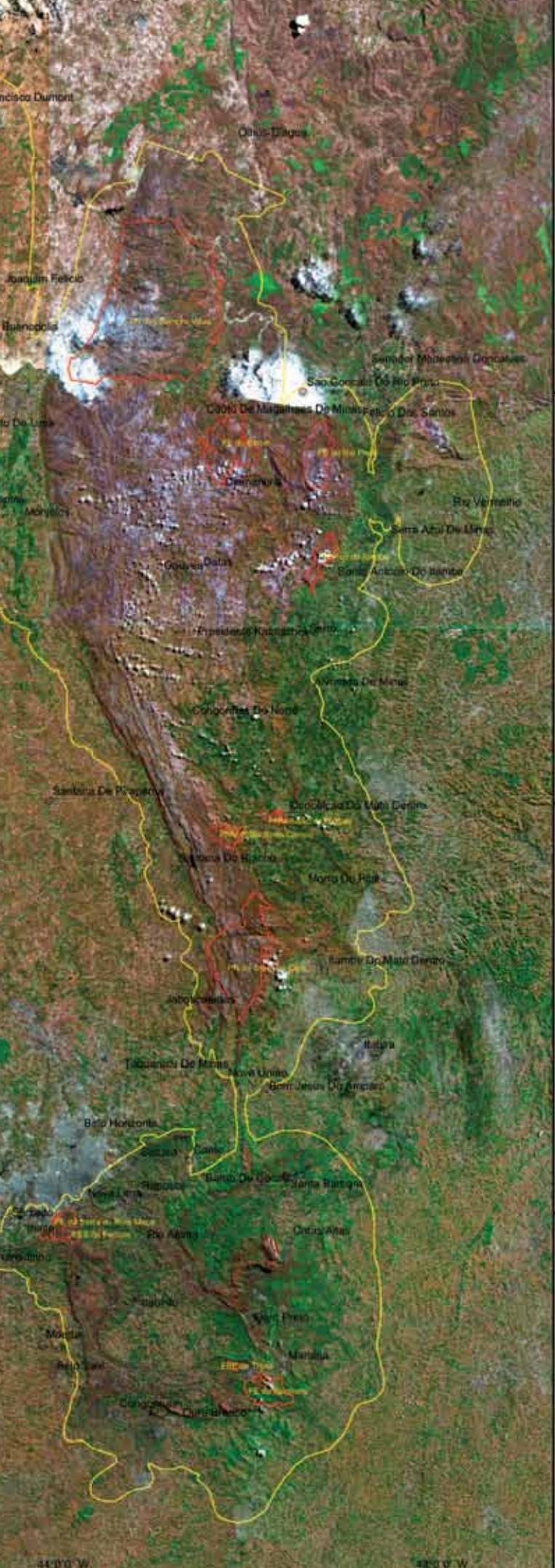
transcendente, o encontro entre a Terra e o Céu; é vista como a morada dos deuses na referência arquetípica para a ascensão humana. Vista de cima, a montanha surge como uma ponta, o centro do mundo; vista de baixo, aparece como uma linha vertical, o eixo do mundo, a escada e o caminho a escalar.



A montanha, vista, desde tempos imemoriais como o Omphalos, o umbigo do mundo, transmite ainda ideias como estabilidade,

imutabilidade, mistério e, muitas vezes, pureza. A sua elevação em direção ao céu permite, em nosso imaginário e desejos, entrar em relação com a divindade, um retorno às origens. A montanha é o Axis-Mundi: o Monte Meru na Índia, o Kuen-Luen na China, o Fuji-Yama no Japão, o Olimpo grego, o Alborj persa, o Moriah maçônico, a Montanha Ka’ba de Meca, o Gólgota do cristianismo, o Montsalvat do Graal, a Montanha Qaf do Islão, a Montanha Branca celta ou o Potala tibetano. A montanha e seus múltiplos símbolos e arquetipos estão íntima e intrinsecamente ligados à alma humana e a tudo que dela emana. O Espinhaço é a “alma” do homem dessas montanhas, sua “matriz”; é onde ele faz sua peregrinação em direção à sua montanha interior, é onde essa gente encontra a nascente da qual emana o essencial para sua vida.

A Serra do Espinhaço representa a faixa orogênica pré-cambriana mais extensa e contínua do Brasil e é uma das regiões mais ricas e diversas do planeta, com sua extensão e importância biológica, geomorfológica, arqueológica e histórica, que reafirmam a singularidade deste imenso território que resguarda importantes aspectos sociais e biogeográficos do nosso país.



A cadeia do Espinhaço norteou grande parte da ocupação humana desde os tempos mais antigos até os núcleos urbanos do século XVIII em Minas Gerais e na Bahia, no Brasil colônia. Esse maciço montanhoso também assume importância sem igual quando se trata de conservar a biodiversidade aliada à riqueza cultural e histórica.

Os magníficos conjuntos orográficos, com rochedos escavados, gargantas profundas, desfiladeiros e vales, proporcionam cenários de rara beleza, especialmente na macrorregião da Serra do Cipó, de canyons como o das Bandeirinhas, do Travessão, do Rio Preto e Peixe Tolo, além da majestosa cachoeira do Tabuleiro, considerada por muitos visitantes e por publicações de turismo como a mais bonita queda d'água do Brasil.

Para além dos cenários de beleza ímpar, na Serra do Espinhaço, particularmente na Serra do Cipó, encontra-se o maior grau de endemismo da flora brasileira e um notável endemismo de fauna.

A Serra do Espinhaço pode ser considerada a única cordilheira do Brasil, pois é singular em sua forma e formação. Há mais de um bilhão de anos em constante movimento, é uma cadeia de montanhas bastante longa e estreita, entrecortada por picos e vales. Tem cerca de 1.000 quilômetros de extensão, no sentido latitudinal do Quadrilátero Ferrífero, ao Norte de Minas e, depois de uma breve interrupção, alcança a porção sul da Bahia.

Através de um amplo movimento iniciado quando de nossa gestão na Secretaria Municipal de Meio Ambiente e Turismo de Conceição do Mato Dentro, a Serra do Espinhaço foi considerada pela UNESCO, em 27 de junho de 2005, a sétima Reserva da Biosfera brasileira, devido à sua grande diversidade de recursos naturais, culturais e sociais, integrando uma rede de 610 reservas espalhadas por 117 países pelo mundo.

As matrizes luso-afro-brasileiras se miscigenam no Espinhaço, deixando marcas nos costumes e manifestações culturais das pequenas comunidades, além de um caráter específico do homem do Espinhaço, especialmente no tocante à região de abrangência do Marcos do Sagrado.

O ideário e a análise intimista da Serra do Espinhaço como macroterritório que une e singulariza a todos dessa região, leva à reflexão sobre a pertinência e a atualidade do papel do sagrado na reconceitualização da ideia do espaço, pois reconhece o sagrado não como simples aspecto da paisagem, mas como elemento transcendente, trabalhado dentro do “território mental”, intrinsecamente conectado à cultura das comunidades.

É através dos símbolos e do imaginário – entendido aqui como parte de nosso mundo interior, onde os significados ganham vida –, em contato com o mundo exterior, que a cultura do homem do Espinhaço ganhará formas de importâncias geográficas, representadas de maneira material ou imaterial e, por isso, simbólicas. A manifestação do sagrado permite ao homem apreender que suas relações territoriais concebem seu ambiente como se fosse um espelho que, refletindo sua imagem, o ajuda a tomar consciência daquilo que eles compartilham e são.

Em um olhar profundo, evidencia-se que os territórios da região da Serra do Cipó estão imbuídos de um simbolismo sagrado que conferem ao homem desta região um sentimento de pertença, experiência única para quem o vivencia em profundidade, diametralmente oposta à superficialidade hoje praticada no processo turístico da região.

Consciente disso, o Marcos do Sagrado, propõe uma releitura dos lugares, ampliando a visão e o entendimento das paisagens e, desse modo, re-dinamizando territórios e regiões, tornando-os

<sup>6</sup> Um dos autores do Projeto Marcos do Sagrado, Luiz Cláudio Ferreira de Oliveira foi Secretário Municipal de Meio Ambiente e Turismo de Conceição do Mato Dentro de 1.998 até o ano de 2.008, período em que criou o Sistema de Gestão Ambiental e Turística do município, e as unidades de conservação ali existentes.



“produtos para um turismo profundo e diferenciado”, tanto para os habitantes nativos, quanto para os visitantes. A Serra é, com seus vários elementos, consagradamente, um espaço mítico e místico, empiricamente compreendido como “território sagrado” para os que buscam uma reaproximação consigo mesmo. Assim são as experiências relatadas por turistas que vão, por exemplo, à Cachoeira do Tabuleiro, manifestação singular de força e beleza, no coração da Serra do Espinhaço.

Assim, pretendemos, com a proposta do Marcas do Sagrado, intensificar em qualidade e inovação, os deslocamentos que hoje são motivados por desejos diversos, criando uma rota, um produto turístico diferenciado, despertando novas motivações para viagens a esses lugares, com uma nova referência a símbolos que podem ser aprofundados numa visão do sagrado e que criam uma nova mística na relação do homem com a cultura e com os elementos da natureza e da paisagem.

À sua maneira, o símbolo é, em si, uma construção mitológica e não pode haver um processo de turismo profundo sem a percepção de elementos simbólicos que remetam ao divino, à sacralidade dos elementos e processos de um lugar. Nesse contexto, as manifestações culturais e religiosas das comunidades, as “águas santas”, a culinária de raiz, as benzedoiras, a vastidão e imponência das montanhas, os festejos, as belezas naturais, o artesanato tradicional e a vida típica das montanhas estão impregnados do sagrado e é preciso re-significá-los para o homem que ali vive e para aquele que os visita.

## Turismo e Sacralidade

O turismo, embora tenha diversas modalidades, é uma atividade pensada dentro do âmbito da geografia.

Ourique (op. cit.) afirma a íntima relação existente entre mente e território. Doutra feita, a moderna concepção da Geografia ensina que o meio físico exerce uma influência na constituição física e moral do homem individual e social. Também é notória a influência que a beleza paisagística de um lugar exerce sobre as pessoas, sendo veículo ou chamariz para visitaçã, “conduzindo” as pessoas a viajarem até ele.

O chamado determinismo geográfico é, do ponto de vista social, inquestionável, e está na base do planejamento territorial e urbano de todos os espaços criados ou imaginados para fazer realidade à vida social em sua plenitude. A clássica relação da paisagem com o poder constrói a ideia de soberania, impérios e riquezas<sup>7</sup>.

A geografia, dentro de todas essas e outras variáveis, é ponto de partida e de chegada. O Marcas do Sagrado propõe uma atividade turística diferenciada que promova esse espírito de viagem e de pesquisa ao desconhecido, porque a geografia pode ser o ponto orientador de um novo começo<sup>8</sup>, não só um negócio ou descanso ou diversão, mas, sobretudo, uma translação do pensamento, porque, ao viajar, o homem modifica-se a si mesmo.

<sup>7</sup> BONAMETTI, João Henrique. *A paisagem urbana como produto do poder*. In *Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management)*, v. 2, n. 2, p. 259-273, jul./dez. 2010.

<sup>8</sup> TELMO, António. *Filosofia e Kaballah*. Guimarães Editores. Lisboa, 1989, p.119

Identificar e difundir lugares plenos de conteúdos sagrados histórica e culturalmente, que auxiliam a criar uma nova visão de mundo, é o objetivo fulcral do Marcas do Sagrado, que tem o turismo como ferramenta transformadora e edificadora de um novo processo para construir um novo mundo, melhor e mais feliz para tudo e para todos.

Em um segundo momento, pretendemos consolidar uma rota com produtos diferenciados que possam “tirar” o visitante do seu pequeno mundo e transportá-lo para um cenário mítico, carregado de memória, identidade e cultura, impregnado de um novo imaginário, de tradição e conteúdo existencial.

O Marcas do Sagrado propõe que viajar é essencialmente um caminho para conhecer, entender e compartilhar outros lugares, culturas e experiências, mas, ao mesmo tempo, para descobertas, modificações, ampliações, um caminho de autoconhecimento, transcendendo barreiras e promovendo a paz.



## Conclusão

---

### A Metáfora da Viagem

Turismo é viagem, viagem de conhecimento, independentemente do tipo de viagem e do objetivo da mesma.

Por que viagem de conhecimento?

“A imagem que fazemos de uma viagem é a de um movimento realizado por um viajante que se desloca de um lugar para outro”(Antônio Telmo, in “Filosofia e Kaballah”), partindo do conhecido para o desconhecido.

Entretanto, poderíamos perguntar o que é o desconhecido? Responderíamos: é o destino para aonde se vai.

E, “Viajar para quê?”, pergunta Sampaio Bruno, que logo responde: “Para voltar” (Telmo, op. cit., p.117).

Sampaio Bruno propõe uma inversão na figuração do movimento da viagem: ela parte do desconhecido para o conhecido. É uma viagem inusitada, sem ponto de partida ou chegada, “viagem na qual nasce o próprio viajante”.

Eis o ponto central do Projeto Marcas do Sagrado: a viagem não é o deslocamento de um ponto geográfico para outro ponto geográfico, do conhecido para o desconhecido. A condição dessa modalidade de “viagem insólita” é a de o homem assumir-se como um enigma, separando-se das suas ilusões, para descobrir a sua própria interioridade e o mundo que vê, mas não entende e nem se relaciona com ele.

A viagem, aqui, assume-se como metáfora, que cifra, significa ou esconde um Porto invisível, o Porto do espírito, episodicamente assumido como culto ( op. cit.), porque o sujeito do conhecimento é o espírito, espaço misterioso e interior de toda criatura.

A beleza metafísica da viagem é que a experiência do mundo terreno, através da geografia, leva a outro tipo de experiência, “sobre-natural”. É uma esfera a significar outra, é a dupla face do ser humano numa só vivência. É uma viagem de reintegração: à medida que o homem se desloca, sua visão de mundo se altera e, assim, muda-se a face do mundo porque o homem se modifica.

Viaja-se através das imagens, que articulam ideias, emoções, pensamentos, ações. O mundo visível, físico, geográfico é o promotor de um enigma, porque, mais do que quantificar lugares e paisagens, o viajante “progride” por analogias e símbolos, se identificando, ou não, com o que vê e, por isso, suas descobertas são profundas e valorosas. Desconhece-se até onde uma viagem pode conduzir um homem. O que se sabe é que ela é uma atividade contemplativa do espírito humano que não o coisifica por intermédio do deslocamento; ao contrário, o engrandece.

É por isso que toda viagem é viagem de conhecimento: toda viagem, fundamentalmente, garante pelo pensamento, pelos sentidos, pelo sentimento, pela atitude, o movimento de liberdade interior do homem. Por isso, só se viaja “para voltar”, para lembrar o profundo sentido de suas descobertas, a fim de que, assim, se queira viajar novamente.

Marcas do Sagrado valoriza a sensação e o exterior do mundo visível, porque é na instantaneidade da sensação que a luminosidade provoca que o mistério se mostra, pois “só há mistério enquanto se vê”(op. cit., p. 121). Basta abrir os olhos.

*Marcas do Sagrado: a viagem na qual nasce o próprio viajante.*



A night sky filled with a meteor shower, with numerous bright streaks of light falling across a dark blue and purple sky. Below the sky, a grassy hillside is visible in the foreground, and a distant city or town is illuminated with lights in the background.

Atrativos

CULTURAIS



Atrativos Culturais

# ARQUITETURA AGRÍCOLA, RELIGIOSA E CONJUNTO ARQUITETÔNICO

## Córregos

|           |                          |
|-----------|--------------------------|
| Município | Conceição do Mato Dentro |
| Local     | Córregos                 |
| Categoria | Atrativo cultural        |
| Tipo      | Conjunto arquitetônico   |
| Subtipo   | Rural                    |

Fundado por bandeirantes em 1702, o povoado de Nossa Senhora Aparecida de Córregos é considerado o mais antigo do município de Conceição do Mato Dentro. No início de sua formação, foi um importante núcleo de mineração do ouro e do diamante. Localizado em um vale, seu casario colonial – casas térreas e algumas assobradas -, simples e antigas, encontra-se conservado em uma pequena praça e em algumas ruas. Destaca-se o sobrado da Praça da Matriz.

A população de Córregos se mantém, hoje, da atividade agrícola, principalmente do cultivo de cereais. Tradicionalmente religiosa, destacam-se no calendário de eventos da cidade as festas do Divino, de São Sebastião, de Nossa Senhora do Rosário e da padroeira de Nossa Senhora de Aparecida.

Córregos foi núcleo ativo de mineração, seus primeiros habitantes exploraram ouro e diamantes nos cursos de águas locais. Para o desvio do rio Santo Antônio, na sua faina mineradora, era usado um processo de desmonte, empregando o fogo de lenha para aquecimento das rochas que, depois de bem aquecidas, recebiam o impacto da água represada. Esse súbito resfriamento abria densos sulcos entre as pedras. Por fazer parte do Circuito Turístico Estrada Real, o distrito de Córregos tem recebido um crescente e intenso fluxo de turistas, apesar da ainda precária infraestrutura local.

Os aspectos culturais de Córregos são simples e expressivos, conservando tradições religiosas e folclóricas como legado dos primeiros habitantes, devoções arraigadas na cultura portuguesa fundidas com as crenças dos africanos. Destaca-se entre suas manifestações a Banda de Música, fundada provavelmente no final do século dezenove. Outras manifestações realizadas em Córregos são as festas populares, sendo as principais as religiosas. As comemorações de São Sebastião e as do Divino há muito tempo não são realizadas, desmotivadas pela fase de estagnação econômica que o distrito de Córregos vem atravessando. As festas do Rosário e a da padroeira Nossa Senhora da Aparecida de Córregos, antes realizadas em datas distintas, hoje são comemoradas nos mesmos dias e representam as últimas expressões da cultura religiosa da comunidade correguense.

A festa do Rosário pode ser constituída por dois juízes, duas juízas, um rei



e uma rainha, formando o reinado, eles são os “festeiros” responsáveis pela organização e pelo patrocínio da festa. A cada ano, os festeiros devem cumprir e promover essa festa. Em Córregos, há um local conhecido como Casa do Festeiro, onde são organizados e guardados alguns materiais que são utilizados nessa celebração. Grande parte da comunidade participa dos preparativos, doando ingredientes para as iguarias, ajudando com a mão de obra e outros preparativos. A festa é acompanhada pelos mastros com estandartes de santos, por danças, fogos e palmas. No trajeto todos os componentes do reinado se dirigem ao Rosário com os cablocos e os marujos. Depois de uma missa festiva onde todos cantam e dançam, é servido um grande almoço para os participantes. Logo após a refeição, são servidos doces tradicionais e quitandas, como arroz- doce, doce de mamão, de leite e biscoitos de goma. Em Córregos a festa de Nossa Senhora do Rosário reúne todos os correguenses, inclusive os que estão fora. Todas essas manifestações reproduzem práticas culturais coletivas que, com todas as suas peculiaridades, caracterizam essa comunidade.

A igreja se situa na confluência das ruas principais da localidade, conservando ainda o velho muro de pedras que delimita o espaço do adro. A situação da igreja é muito privilegiada. Está instalada na parte central do povoamento, com adro limitado por muro de pedras e ainda um gramado ao seu redor. As edificações apresentam um grande afastamento da igreja e apresentam volumetria regular, em único pavimento, sem interferir na leitura de suas linhas arquitetônicas. Muitas das casas mais próximas são em estilo colonial, formando um conjunto harmonioso.

## Potencial de atratividade

É uma das povoações mais antigas da região, ligada aos ciclos minerários do ouro e dos diamantes, sendo o conjunto arquitetônico seu aspecto mais marcante.

## Grau de uso atual

Bem conhecida pelos turistas, pelo fato de estar nas margens da Estrada Real, recebe um fluxo significativo de turistas.

## Representatividade

A localidade de Córregos é um elemento raro no que diz respeito a sua arquitetura colonial, pouco encontrada na região da Serra do Cipó.

## Apoio local

O desenvolvimento do turismo tem apoio da comunidade, contudo alguns questionamentos são feitos sobre a construção de pousadas que descaracterizaram o local.

## Estado de conservação

O conjunto apresenta-se bem conservado, e a igreja passou por restaurações recentes.

## Infraestrutura

O local dispõe de pousadas e restaurantes, alguma sinalização, mas necessita de melhorias.

## Acesso

O acesso é por estrada de terra a partir da sede do município, pela Estrada Real.



# Costa Sena

|           |                          |
|-----------|--------------------------|
| Município | Conceição do Mato Dentro |
| Local     | Costa Sena               |
| Categoria | Atrativo cultural        |
| Tipo      | Conjunto arquitetônico   |
| Subtipo   | Rural                    |

Na área que compreende a região Norte do município de Conceição do Mato Dentro, encontram-se o distrito de Costa Sena e as comunidades de Capitão Felizardo, Cemitério do Peixe, Vargem da Ponte, Fama I e Fama II, Gurutuba de Cima, Gurutuba de Baixo e Córrego da Luz. O distrito de Costa Sena surgiu no princípio do século XVIII. Seus fundadores foram atraídos pela ocorrência do ouro no Rio Paraúna e em pequenos afluentes. Porém, o arraial experimentou maior florescimento depois da descoberta de diamantes na redondeza e da instalação de um quartel e postos de vigia para combater o contrabando, comuns na época.

Em 1889, ainda eram explorados ouro e diamante nas vizinhanças da localidade que, situada à margem esquerda do Rio Paraúna, era constituída por um pequeno aglomerado de sessenta casas e apenas três ruas sem alinhamento, aspecto pouco alterado em sua disposição atual. A ornamentação interna da igreja de São Francisco de Assis testemunha a fase de relativa riqueza alcançada pelo velho arraial.

Havia uma primitiva capela que deu origem à igreja foi erguida na primeira metade do século XVIII. Não foram localizados, porém, elementos documentais precisos sobre a época do atual edifício e a autoria das respectivas obras de construção e ornamentação. Pelos diferentes estilos dos retábulos, vê-se que os trabalhos de talha se realizaram em duas etapas, pertencendo os altares do arco cruzeiro ainda à primeira fase do barroco em Minas enquanto o altar-mor em linhas rococó corresponde talvez ao último quartel do século XVIII.

A igreja se destaca em razão da originalidade das soluções arquitetônicas. Sua planta, além dos três corpos principais – nave, capela-mor e sacristia lateral –, apresenta dois pequenos anexos às paredes da nave, de dimensões desiguais. Um deles, cuja única função é o alargamento do espaço interno para a colocação de retábulo, quase não se acusa exteriormente em termos de volume. O lado oposto, entretanto que possui a mesma função, conjuga a de conter a sineira e o acesso ao púlpito, tem dimensões maiores e volume externo inusitado, com dois pisos diferentes, o segundo sustentado por um pilar de madeira. O monumento é tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG, conforme Decreto 24.326, de 22 de março de 1985.

Hoje, a população de Costa Sena vive basicamente da pequena lavoura e pecuária, conservando costumes simples e arraigadas tradições. Segundo o diagnóstico da Agenda 21 Local, a localidade ainda enfrenta problemas como a prática clandestina de garimpo, o desmatamento, o assoreamento do Rio Paraúna, os constantes incêndios florestais, a falta de saneamento básico, as práticas agrícolas rudimentares, a falta de manutenção e conservação das estradas e o armazenamento inadequado dos resíduos sólidos. Nas comunidades rurais próximas do distrito, detectam-se problemas semelhantes.



## Potencial de atratividade

O conjunto arquitetônico composto de casario e a igreja são os aspectos mais interessantes do local.

## Grau de uso atual

Muito distante da sede do município, o local ainda é pouco conhecido pelos turistas.

## Representatividade

Um exemplar que guarda ainda com muita autenticidade o padrão de ocupação predominante na região.

## Apoio local

A comunidade é organizada e não tem restrições quanto ao turismo.

## Estado de conservação

A paisagem natural do entorno é exuberante, o casario encontra-se pouco modificado, e a igreja passou por algumas restaurações recentes.

## Infraestrutura

A localidade ainda não possui estrutura específica para o turismo, contudo podem ser encontradas algumas opções de alimentação.

## Acesso

O acesso é por estrada de terra a partir da sede do município de Congonhas do Norte, necessitando de melhorias.



# Fazenda Bolívia

|           |                      |
|-----------|----------------------|
| Município | Passabém             |
| Local     | Povoado de Bolívia   |
| Categoria | Atrativo cultural    |
| Tipo      | Arquitetura agrícola |
| Subtipo   | Fazenda              |

A Fazenda Bolívia é uma propriedade rural localizada no povoado da Bolívia, distante 3 km da sede do município de Passabém. Segundo fontes orais dos moradores, essa fazenda foi a que teve maior importância na região, tanto economicamente quanto historicamente, pois contribuiu significativamente para alavancar o desenvolvimento do município de Passabém e do seu entorno. No passado, a fazenda foi extremamente produtiva movimentando a economia local com cachaça, rapadura, milho, quitutes, quitandas, leite e doces.

Todos esses fatores deixaram um legado cultural para os moradores do seu entorno com relação aos processos de produção realizados na fazenda. Além disso, o grande valor histórico dos bens patrimoniais existentes na sede da fazenda marca o período áureo de funcionamento das atividades econômicas que funcionaram no local. Construída em estilo colonial, a fazenda tem 26 quartos, um engenho com alambique, um pátio onde era secado café e feijão. Possui também um acervo de peças oriundas de sua fundação e algumas trazidas pelo atual proprietário e que rememoram ao ambiente e aos costumes das antigas fazendas da região.

Territorialmente, a Fazenda da Bolívia esta dentro da jurisdição do município de Ferros, contudo, desde sua fundação, tem como ponto de apoio e referência o município de Passabém. O atual proprietário a está reformando para se tornar um hotel fazenda.



## Potencial de atratividade

A propriedade é um marco da ocupação na região em que está inserida e onde é possível acompanhar os processos tradicionais de fabricação de rapadura e cachaça.

## Grau de uso atual

Pouco visitada, principalmente por pessoas da região.

## Representatividade

É um elemento com características raras da época merecendo destaque no quesito arquitetura colonial.

## Apoio local

O proprietário não se opõe à visitação, mas requer mais organização.

Estado de conservação: regular, algumas características da propriedade já foram alteradas.

## Infraestrutura

Não dispõe de estrutura específica para o turismo.

## Acesso

Por via terrestre a partir da sede municipal, em bom estado de conservação.

# Fazenda Cipó Velho

|           |                      |
|-----------|----------------------|
| Município | Jaboticatubas        |
| Local     | Fazenda Cipó Velho   |
| Categoria | Atrativo cultural    |
| Tipo      | Arquitetura agrícola |
| Subtipo   | Rural                |

A Fazenda Cipó Velho está localizada no distrito de São José de Almeida no município de Jaboticatubas. Possui edificação do século XVIII de estilo colonial e paredes de taipa, constituído por casa-grande, uma grande construção próxima à sede que antigamente funcionava uma senzala, capela em seu interior, datada de 1829 e restaurada em 1891, aberta ao público e onde se celebra missa em domingos alternados e uma residência anexa, todas térreas, que apresentam como técnica construtiva o adobe caiado nas paredes externas e pau a pique nas internas, desenvolvidas em embasamento de pedra e estrutura autônoma de madeira.

Extensa varanda, com forro em esteira de palha e bambu, delimitada de guarda-corpo de madeira, separa a sede de um pátio central. Foi a primeira fazenda da região, adquirida dos bandeirantes Moraes. Atualmente, uma das senzalas funciona como um pequeno museu, com vários objetos entre fotos, instrumentos de construção, utensílios domésticos e outros. Na fazenda, há também um antigo moinho de fubá.

A fazenda é tombada municipalmente pelo IPAC, e seu estado de conservação está regular. A visita turística é livre durante o ano todo, com prévia autorização dos moradores que são descendentes dos antigos donos. A restrição refere-se ao museu localizado em uma senzala. Para visita ao museu Inhá Rita, é cobrada a entrada.



## Potencial de atratividade

A fazenda apresenta um conjunto de atrações que nos remete a uma viagem no tempo, belo exemplar de nossa arquitetura colonial.

## Grau de uso atual

Visitada principalmente por turistas de Belo Horizonte, São Paulo e Rio de Janeiro, em visita à região da Serra do Cipó.

## Representatividade

É um elemento com características raras da época merecendo destaque no quesito arquitetura colonial e seu museu.

## Apoio local

Falta de apoio técnico para o atrativo, que possui um fluxo de visitantes constante.

## Estado de conservação

Estado de conservação razoável, pode-se perceber que o atrativo não possui recursos para a manutenção de sua estrutura física, usando para o seu sustento do valor do ingresso de visita ao museu.

## Infraestrutura

Possui alguma estrutura para receber o visitante, mas carece de melhorias.

## Acesso

Por via terrestre, não pavimentada de chão batido, encontra-se em bom estado de conservação, porém é mal sinalizada e sem sinalização turística.

# Fazenda dos Bambus

|           |                             |
|-----------|-----------------------------|
| Município | Santo Antônio do Rio Abaixo |
| Local     | Córregos dos Bambus         |
| Categoria | Atrativo cultural           |
| Tipo      | Arquitetura agrícola        |
| Subtipo   | Fazenda                     |

Localizada na região do córrego dos Bambus, na zona rural do município de Santo Antônio do Rio Abaixo, a Fazenda dos Bambus está distante cerca de 4 km da sede municipal. Fazenda dos Bambus é a edificação que deu origem a esse povoado. Com cerca de 170 anos e, conforme informações orais, é a segunda fazenda mais antiga de todo o território de Santo Antônio do Rio

Abaixo. Pertenceu ao cabedal do major Quintão, coronel da região que viveu nesse imóvel entre fins do século XIX e meados do XX. Em seu extenso terreno, existiam grandiosas plantações de café e cana-de-açúcar que rendiam muito litros de aguardente.

De acordo com relatos, o porão que fica na parte frontal da fazenda era utilizado como ponto de vigia, os seguranças do coronel vigiavam a fazenda constantemente contra ataques de salteadores. Na estrutura do engenho, há uma majestosa roda d'água com 7 m de altura e 80 cm de largura, além de todos os bens associados a essa unidade produtiva, como gamelas, fômas de rapadura, tachos de cobre, paiol, alambique, etc.

A propriedade está aberta à visitação com a finalidade de passeio, desde que com agendamento prévio. Não é cobrada nenhuma taxa de vista, e o funcionamento é de 9 às 17 horas. Na fazenda, é possível encontrar um vasto acervo de objetos de trabalho como equipamentos agrícolas, engenho de cana-de-açúcar, roda d'água, moinho d'água e carro de boi. A beleza arquitetônica do engenho pode ser vista por quem passa pela estrada em frente à fazenda.



## Potencial de atratividade

É uma referência na ocupação do território onde se localiza o município.

## Grau de uso atual

Pouco conhecida pelos turistas, recebe uma visitação esporádica.

## Representatividade

É um elemento que se destaca pela antiguidade e pelas atividades ainda desenvolvidas na propriedade.

## Apoio local

O proprietário não se opõe à visitação e tem interesse no desenvolvimento da atividade.

## Estado de conservação

Necessita de algumas reformas para voltar a suas características originais, mas no conjunto encontra-se razoavelmente conservada.

## Infraestrutura

Não dispõe de infraestrutura específica para o visitante.

## Acesso

Acessível por estrada de terra em razoável estado de conservação.

# Fazenda Ribeirão

|           |                      |
|-----------|----------------------|
| Município | Dom Joaquim          |
| Local     | Dom Joaquim          |
| Categoria | Atrativo cultural    |
| Tipo      | Arquitetura agrícola |
| Subtipo   | Fazenda              |

Localizada a 26 km do município de Dom Joaquim, a Fazenda Ribeirão impressiona por sua grandiosidade, com diversos quartos e capacidade para hospedar cerca de 60 pessoas. Construída no século XVIII, originalmente chamada de Fazenda Ribeirão do Peixe, possui, além de sua beleza cênica, marcos da história em objetos antigos, como um sino de 1816. A fazenda já foi reformada, porém ainda mantém os vestígios da época da escravidão com a senzala ainda em terra batida e grades nas janelas.

A fazenda é um marco na ocupação do território. Muito próxima ao município do Serro, sua localização está relacionada provavelmente à produção de alimentos para os centros mineradores. A propriedade tem suas atividades econômicas ligadas à exploração da pecuária leiteira, fabricando queijo do leite que produz e o vendendo no Serro. É uma construção imponente que se destaca na paisagem por sua grandiosidade.

Tem três andares e conta com um engenho, um moinho e um paiol em suas instalações. É a fazenda mais bonita da região e a mais bem conservada. Localizada ao norte do município de Dom Joaquim, próxima ao distrito de Gororós e na divisa com Alvorada de Minas, tem um grande valor histórico reconhecido pela população local.

## Potencial de atratividade

Apropriedade com seus três andares e toda sua estrutura de engenho, alambique e oficinas, é um exemplar de destaque na região da Serra do Cipó.

## Grau de uso atual

Visitada apenas por alguns turistas esporádicos, não possui um fluxo significativo de visitação.

## Representatividade

É um elemento raro na região, em função de sua grandiosidade e sua conservação.

## Apoio local

O proprietário pretende um dia adaptar a fazenda para receber turistas, contudo por enquanto não se opõe à visitação.

## Estado de conservação

A fazenda está com sua estrutura bem conservada, passou recentemente por reforma, e o restante necessita de manutenção, como a roda d'água do engenho.

## Infraestrutura

A propriedade não possui infraestrutura específica para o turismo, necessárias algumas adaptações.

## Acesso

O acesso é por estrada de terra a partir da sede municipal, passando pelo povoado de Gororós, dista deste cerca de 10 km.



## Fazenda Vista Alegre

|           |                   |
|-----------|-------------------|
| Município | Nova União        |
| Local     | Nova União        |
| Categoria | Atrativo cultural |
| Tipo      | Conjunto agrícola |
| Subtipo   | Alambique         |

Localizada na área rural a, aproximadamente, 6 km do distrito de Carmo da União, em Nova União, a Fazenda Vista Alegre é famosa pela produção da cachaça Germana. Atrai turistas de diversos locais, inclusive internacionais, pela qualidade de sua cachaça e pela estrutura de recepção de visitantes. Agrega valor a sua visita a possibilidade de o turista praticar diversas atividades na fazenda, como cavalgar, andar por trilhas e visitar a famosa e tradicional produção da cachaça com direito à degustação. A cidade tornou-se famosa como tendo uma das melhores e mais antigas cachaças produzidas dentro dos padrões de qualidade do destilado artesanal estipulados pela Associação Mineira de Produtores de Cachaça de Qualidade - Ampaq.

A cachaça Germana é produzida por sete irmãos, que formam uma sociedade na Fazenda Vista Alegre. Seguem uma tradição que passou dos avós para os pais e destes para os filhos, que queriam voltar à fazenda em que nasceram e montar um negócio, aproveitando o alambique construído pelo pai. A fabricação da cachaça na fazenda ocorre há quase 100 anos, e há 30 anos a bebida recebeu o nome de Germana, uma homenagem à dona de um bar que vendia a melhor caninha de Nova União. A Cachaça Germana é uma das mais conhecidas aguardentes artesanais de Minas, que de tão boa foi parar no cardápio da classe executiva dos voos internacionais e no Hotel Savoy – um dos mais requintados de Londres - e no Sofitel, onde há trufas de cachaça e uma garrafa de 50 mililitros no frigobar dos quartos.

Seu processo de produção é ecologicamente correto. A cana extraída para a produção da cachaça não é queimada para o corte e é moída no máximo 24 h após a colheita. Sua fermentação é natural, com fubá de milho feito por moinho de pedra ou moinho d'água, plantado e colhido na própria fazenda. A destilação é realizada no alambique de cobre, utilizando-se somente o coração do destilado (melhor parte) e descartando a calda e a cabeça. A cachaça é envelhecida em tonéis de carvalho e bálamo por um período entre 2 a 10 anos. A destilaria produz atualmente 100 mil litros de cachaça por ano. O grande diferencial das garrafas da Germana é a sua embalagem “empalhada” com folha de bananeira seca, tornando o produto bonito e de fácil identificação. Todas as garrafas são empalhadas, para proteger o líquido da luminosidade

excessiva e para não perder qualidade, mesmo depois de algum tempo fora da adega. A folha de bananeira é um achado da família. O município de Nova União é um grande produtor de bananas, facilitando o acesso à matéria prima. Para o revestimento da garrafa, é usado o falso caule da banana, que depois de seco torna-se palha e é de fácil manuseio. O caule, na maioria das vezes é jogado fora, fazendo com que o custo para a produção seja mínimo. A fazenda tem 38 funcionários na entressafra e chega a 40 na safra. A visita ao alambique é feita de forma esporádica, mas a Germana está construindo uma pousada e um miniparque com o tema da cachaça para incrementar o turismo no local. Possui na sede da fazenda: cozinha, alambique, queijeira, campo de futebol, área de camping para 20 barracas, estacionamento para 800 veículos, loja, casa da sede, adega e cantina e a adega bar. São 30 ha de plantação de cana-de-açúcar, e o processo agrícola é totalmente artesanal, sem o uso de queimadas e uso de produtos químicos no solo. O bagaço da cana é usado no forno, e o restante é usado como adubo no canavial.

O acesso à fazenda é pela Estrada do Matinho, em chão batido em bom estado de conservação, com pouca sinalização. O local encontra-se muito bem conservado, com centro de recepção, portaria principal, sanitários, locais para



alimentação, hospedagem, lazer e entretenimento, porém não são adaptadas para portadores de deficiência ou de mobilidade reduzida. Funcionam gratuitamente todos os dias da semana, durante o ano todo sendo necessário agendamento prévio. As visitas são guiadas com limite de 20 pessoas por grupo e 100 pessoas por dia. Durante a visita, os turistas podem usufruir de cavalgadas, trilhas e palestra sobre a produção de cachaça (com direito à degustação), e uma moda de viola (luau) com datas certas para acontecer.



### Potencial de atratividade

São vários os aspectos expressivos da cachaça Germana, destacando-se a tradição do produto, a qualidade e a representatividade em âmbito nacional e internacional.

### Grau de uso atual

Recebe turistas regularmente, interessados principalmente nos aspectos de fabricação da cachaça.

### Representatividade

Possui grade representatividade na região, onde se pode acompanhar todas as etapas de fabricação da cachaça.

### Apoio local

São diversas as pessoas da comunidade envolvidas na atividade de fabricação da cachaça, e os proprietários têm prazer em receber os turistas.

### Estado de conservação

O processo de fabricação da bebida é totalmente artesanal, e a propriedade encontra-se muito bem conservada.

Infraestrutura: dispõe de infraestrutura específica para os visitantes com projetos de desenvolvimento.

### Acesso

Por estrada de terra a partir da sede do município, com alguma sinalização indicativa.



# Igreja Matriz de Santana

|           |                       |
|-----------|-----------------------|
| Município | Congonhas do Norte    |
| Local     | Congonhas do Norte    |
| Categoria | Atrativo cultural     |
| Tipo      | Arquitetura religiosa |
| Subtipo   | Igreja                |

A Igreja Matriz de Santana está localizada no município de Congonhas do Norte e possui edificação do século XVIII. A igreja possui excepcional conjunto de talha, constituído pelo altar-mor e altares do arco-cruzeiro, os quais conservam pintura e douramento originais, datando da segunda metade do século XVIII. Conserva, ainda, pinturas em estilo rococó e várias imagens dos séculos XVIII e XIX, de boa qualidade.

A Igreja Matriz de Santana está situada numa esplanada, tendo como entorno um grande gramado e uma área com calçamento em pedras correspondente ao adro, tudo isso compondo uma praça bem ampla. Em suas linhas externas, reproduz com fidelidade o padrão arquitetônico tradicional das matrizes mineiras da primeira metade do século XVIII: divisão em nave, capela-mor e sacristia aos fundos, com corredores ao longo da nave e capela-mor. O partido se desenvolve dentro de uma forma retangular perfeita, mostrando, de uma perspectiva lateral, um belo jogo de volumes, acarretado

pelos diferentes pés-direitos dos vários espaços de construção.

As duas torres, de secção quadrada e delimitando a fachada, têm cobertura de telhas em forma piramidal e são coroadas por um pináculo. As paredes são constituídas de alvenaria de adobe e os cunhais e enquadramentos dos vãos em madeira. A cobertura do corpo principal da igreja é de duas águas e toda guarnecida por beirais em cachorros. Na decoração interior, chamam a atenção, primeiramente, os dois magníficos retábulos do arco-cruzeiro, ambos de estilo Dom João V e datando, provavelmente, de meados do século XVIII. Na estrutura desses altares, destacam-se os elementos de suporte (colunas torsas nas extremidades e quartelões na parte interna) em talha vigorosa, assim como o dossel do coroamento, valorizado pelos relevos em forma de raios ao fundo do arco. O altar-mor, apesar de ser do mesmo estilo, parece mais recente, uma vez que as colunas torsas e quartelões são substituídos por colunas de fuste reto, e a rocalha aparece na decoração das superfícies inferiores. Há ainda um púlpito móvel, cuja talha – rococó – poderia datar do mesmo período do altar-mor.

De qualidade técnica superior são as pinturas que preenchem os espaços situados acima da cimalha dos retábulos do arco-cruzeiro, as quais poderiam



datar do mesmo período de confecção dos ditos retábulos, sendo, neste caso, anteriores à pintura do forro da capela-mor. À esquerda, acima do retábulo de São José, está representada a cena dos “Esponsais da Virgem e São José”, que inclui, além das figuras dos nubentes e do sacerdote, quatro personagens secundários que preenchem os espaços laterais. Do outro lado, em concordância iconográfica com a invocação principal do altar (Nossa Senhora do Rosário), figura a cena celestial da Virgem do Rosário em colóquio espiritual com os santos pretos, Benedito (à esquerda) e Efigênia (à direita).

A igreja conserva também um bom número de imagens dos séculos XVIII e XIX, algumas extremamente interessantes, como os dois santos dos nichos laterais do altar-mor – Santo Antônio e São Bento – e as imagens de São José, Nossa Senhora do Rosário, Santa Rita e Santa Eufêmia (?) dos altares do cruzeiro. Resta ainda a mencionar, no altar-mor, um belo crucifixo de marfim

e a imagem da padroeira, Santana, bastante repintada, o que dificulta sua correta avaliação.

Nada se apurou, na documentação pesquisada, sobre a época precisa, iniciativa e autoria do projeto e das obras de construção e ornamentação da atual igreja, excepcional monumento religioso, que figura entre os principais de toda a região da Serra do Cipó. Sabe-se que existiu, no antigo arraial, uma primeira capela, cuja precariedade motivou, em 1722, uma admoestação do visitador padre Antônio da Silva Prado, no sentido de que os moradores do lugar reedificassem esse primitivo templo ou construíssem uma “nova Capela”. O monumento é tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais – IEPHA/MG, conforme o Decreto Estadual nº 24.325, de 22 de março de 1985. Deve-se entrar em contato com a Casa Paroquial para a realização de visitas esporádicas à Igreja.

## Potencial de atratividade

A Matriz é uma verdadeira obra de arte que retrata o passado de uma região; sua localização na parte alta da cidade e sua ornamentação interior são admiráveis.

## Grau de uso atual

A igreja está passando por processo de restauração, sendo que é mais visitada por ocasião das festividades religiosas.

## Representatividade

É um elemento com características raras da época do ciclo dos diamantes, na região da Serra do Cipó, merecendo destaque no quesito arquitetura religiosa.

## Apoio local

A comunidade participa e mantém viva a tradição das festividades e manifestações religiosas, que têm como cenário maior a Igreja Matriz de Santana.

## Estado de conservação

Parte das pinturas já foi restaurada, sendo que o restante está em andamento; é bom o estado geral de conservação, mas necessita de melhorias.

## Infraestrutura

A cidade tem poucas opções de hospedagem e alimentação e o atrativo não dispõe de estrutura específica para visitação.

## Acesso

A cidade é servida por rodovia asfaltada e bom estado de conservação, porém com alguns trechos em pista única devido a deslizamentos.



# Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição

|           |                          |
|-----------|--------------------------|
| Município | Conceição do Mato Dentro |
| Local     | Conceição do Mato Dentro |
| Categoria | Atrativo cultural        |
| Tipo      | Arquitetura religiosa    |
| Subtipo   | Igreja                   |

A Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Conceição do Mato Dentro, foi erguida nos primeiros anos do século XVIII, por iniciativa do sertanista Gabriel Ponce de Leon. Foi ele que mandou vir de Itu, São Paulo, em 1703, a imagem da padroeira. Em 1722, a capela-mor já se encontrava concluída e, em 1772, foi concedido auxílio real para dar procedimento às obras que foram concluídas a 6 de novembro de 1802, quando a igreja recebeu a bênção inaugural. A igreja tem sido objeto de vários trabalhos de reparo e restauração.

A sacristia exhibe magnífico conjunto de pinturas, constituído pelo painel do forro de autoria desconhecida e por uma série de painéis laterais, cuja autoria até hoje gera polêmicas. Não se sabe ao certo se a obra pertence a Silvestre de Almeida Lopes, um dos mais importantes artistas da região do Serro e de Diamantina, ou a Manoel da Costa Ataíde, o Mestre Ataíde. As pinturas apresentam decorativa em perspectiva ilusionista; nas laterais, retrata estruturas arquitetônicas e ainda cenas com as estações do ano. Estes setores são ricamente decorados, inclusive com motivos fitomórficos.

A parte central do forro é decorada numa profusão de elementos fitomórficos, antropomórficos, volutas, conchas, folhas de acanto e rocalhas em forma de medalhão. No centro do medalhão observa-se a estampa do

rosto de Cristo em tecido, em referência à cena da sua paixão, considerada pelo historiador Rodrigo Mello Franco de Andrade como “uma das pinturas mais encantadoras e delicadas do patrimônio de arte religiosa do País”. Apesar da sua composição em estilo rococó, este forro ainda apresenta características estilísticas do barroco, mas com prevalência do primeiro.

A planta é composta de nave, capela-mor e duas sacristias laterais ao longo das paredes da capela-mor. Apresenta torres salientes em relação ao corpo da igreja, fachada com frontão triangular decorado com telhas de bica, que se repetem na cimalha em arco, três retábulos em talha dourada de autor desconhecido e balaustradas de jacarandá na nave e no coro. Na sacristia



encontra-se um primoroso arcaz, também trabalhado em jacarandá.

A matriz de Nossa Senhora da Conceição é um dos maiores patrimônios arquitetônicos da cidade. Sua construção norteou toda a ocupação em seu entorno e isso fez e faz com que ela seja a referência da comunidade, além de abrigar a padroeira do Município.

No entanto, a estrutura do prédio está em péssimo estado de conservação, necessitando de reformas estruturais e recuperação dos elementos artísticos. Obras iniciais de contenção da sua estrutura foram iniciadas pela Prefeitura e pela Paróquia local. No entanto, é preciso haver uma união de esforços para recuperá-la, pois sua importância turística é fundamental para a cidade.

### Potencial de atratividade

A edificação destaca-se pela singularidade de sua ornamentação, bem como pelo simbolismo que representa na ocupação do território.

### Grau de uso atual

A igreja está passando por processo de restauração, não estando aberta a visitação no momento.

### Representatividade

É um elemento com características únicas na região da Serra do Cipó, merecendo lugar de destaque.

### Apoio local

Existe a necessidade de sua restauração antes de planejar o seu uso turístico, contudo é sabido do valor que a edificação representa para a população local.

### Estado de conservação

A parte interna apresenta melhores condições, contudo a estrutura e a parte externa estão mais ameaçadas.

### Infraestrutura

Existe sinalização turística indicando o atrativo, e a sede do município dispõe de uma gama de serviços aos visitantes, porém a igreja encontra-se fechada aos mesmos.

### Acesso

A cidade é servida por rodovia asfaltada e regular estado de conservação, devido ao excesso de veículos em circulação.



# Igreja Matriz de Nossa Senhora Aparecida

|           |                          |
|-----------|--------------------------|
| Município | Conceição do Mato Dentro |
| Local     | Córregos                 |
| Categoria | Atrativo cultural        |
| Tipo      | Arquitetura religiosa    |
| Subtipo   | Igreja                   |

A Igreja de Nossa Senhora Aparecida está localizada no centro do distrito de Córregos, no município de Conceição do Mato Dentro, conservando ainda um muro de pedras que delimita o espaço do adro. A estrutura é autônoma, de madeira, e com vedações em adobe. Compõe-se de nave com coro, capela-mor,

corredores laterais e sacristias. Apresenta fachada chanfrada com torre central.

Os chanfros apresentam janela rasgada no nível do coro e óculo na parte superior, sobre a porta principal almofadada. As janelas, em madeira, apresentam vergas alteadas. As sacristias são continuação dos corredores laterais na parte mais posterior. Os pisos, em madeira, substituem as tábuas originais. Os forros são em madeira e em forma de abóbada. A igreja apresenta um conjunto de talha de boa qualidade e concepção simples.

Apresenta ainda pintura do forro da capela-mor, pinturas parietais, púlpito e órgão no coro. Este órgão é uma peça única no país; está em estado de deterioração avançado – praticamente somente resta a caixa – e necessita de recuperação urgente. Nada se sabe sobre a época da construção, projeto e autoria da obra da igreja. Os seus registros mais antigos datam de 1745. Na fachada estão gravadas as datas de 1872 e 1956, referentes às reformas com acréscimos no templo. Em 1823, a igreja ainda era citada como capela da freguesia de Conceição. Foi tombada pela IEPHA, no ano de 1985.

## Potencial de atratividade

A igreja apresenta atributos excepcionais que merecem destaque, como o órgão no coro, bem como toda a paisagem circundante.

## Grau de uso atual

O atrativo está localizado às margens da Estrada Real e, por isso, é bastante conhecido dos visitantes.

## Representatividade

São diversas as singularidades associadas ao atrativo, como uma das únicas imagens de Nossa Senhora Aparecida de na cor branca, no Brasil.

## Apoio local

A comunidade participa das festividades religiosas tradicionais, que tem como cenário a igreja, e está sempre receptiva aos visitantes interessados em conhecer o local.

## Estado de conservação

A igreja está relativamente bem conservada, merecendo destaque a ambiência em seu entorno, que compõe um belo cenário de uma vila colonial mineira.

## Infraestrutura

O distrito tem poucas opções de hospedagem e alimentação, e o atrativo não dispõe de estrutura específica para visitação.

## Acesso

A sede é servida por rodovia asfaltada em regular estado de conservação, sendo que, até o distrito, o acesso é por estrada de terra.



## Santo Antônio do Norte - Tapera

|           |                          |
|-----------|--------------------------|
| Município | Conceição do Mato Dentro |
| Local     | Santo Antônio do Norte   |
| Categoria | Atrativo cultural        |
| Tipo      | Conjunto arquitetônico   |
| Subtipo   | Rural                    |

O distrito de Santo Antônio do Norte se situa em um grande vale, no município de Conceição do Mato Dentro e resguarda ainda características do período colonial. A formação do antigo arraial remonta ao século XVIII, e seus primeiros habitantes se empregavam da mineração do ouro, cuja exploração era feita no leito do Rio Santo Antônio e seus pequenos afluentes ou nas encostas dos morros vizinhos. Esgotados os veios de metal precioso, os moradores passaram, por muito tempo, a dedicar-se à fabricação de tecidos e chapéus de algodão, como alternativa de sobrevivência econômica, pois o solo não era apropriado para atividade agrícola em condições rentáveis. Os produtos fabricados tinham grande aceitação, chegando a ser enviados para o Rio de Janeiro.

O distrito possui praticamente uma única rua representativa. Sua arquitetura é composta de uma sucessão de casas baixas, de taipa e caiadas de branco. As igrejas de Santo Antônio e a capela de Santana representam os templos religiosos da localidade. O nome que hoje é dado ao distrito lhe foi atribuído em 17 de dezembro de 1938, por meio de decreto- lei.

A Igreja Matriz de Santo Antônio é uma construção original presumivelmente das primeiras décadas do século XVIII, e os mais antigos registros datam de 1745. A igreja de construção simples em madeira e adobe, com destaque para a pintura do forro da capela-mor, é atribuída à escola do guarda-mor José Soares de Araújo. Possui uma excelente qualidade da criatividade, que se evidencia nas imagens de Santo Antônio no altar-mor, e as de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. Tombada pelo IEPHA/MG em 1985, está situada em meio ao gramado da ampla praça principal de Tapera.

O povoado de Santo Antônio do Norte (Tapera), em 1817, foi assim descrito pelo naturalista francês Saint Hilaire: "Tapera, dependência da paróquia de Conceição, fica situada em um grande vale, limitado por colinas, recobertas umas de mata virgem, outras de gramíneas. Ao redor da aldeia do vale não oferece senão traço do trabalho dos mineradores. Uma só rua, à extremidade da qual fica a igreja, constitui a aldeia. As casas que a compõem são em número de 70, quase todas cobertas de telhas e muito bonitas, mas várias entre elas estão abandonadas e em muito mau estado". Essa descrição ainda retrata bem a realidade local. Em decorrência da estagnação econômica, a localidade preserva não só a beleza paisagística de seu sítio, como também as suas características coloniais.

### Potencial de atratividade

Representa bem a modo de vida rural predominante na região da Serra do Cipó, com destaque para o conjunto de moinhos de milho movidos a água.

### Grau de uso atual

Ainda pouco visitada na região, com visitantes principalmente nas épocas de festas.

### Representatividade

A singularidade do local está no conjunto de arquitetônico colonial associado à prática tradicional de moer o milho em moinhos d'água.

### Apoio local

A comunidade é organizada e deseja o desenvolvimento do turismo no povoado.

### Estado de conservação

A paisagem natural apresenta bom estado de conservação, e o conjunto arquitetônico apresenta-se razoavelmente conservado.

### Infraestrutura

A localidade possui poucas opções de hospedagem, mas possui opções de alimentação e trilhas de acesso aos atrativos.

### Acesso

O acesso é por estrada de terra a partir da sede do município, sentido Córregos, necessitando de melhorias.



# São José da Serra

|           |                        |
|-----------|------------------------|
| Município | Jaboticatubas          |
| Local     | São José da Serra      |
| Categoria | Atrativo Cultural      |
| Tipo      | Conjunto Arquitetônico |
| Subtipo   | Rural                  |

São José da Serra, antigamente conhecido como Currais, é um povoado pertencente ao município de Jaboticatubas e está localizado a 25km da sede. Faz parte da Área de Proteção Ambiental Federal Morro da Pedreira e reúne belos atrativos de grande valor paisagístico. A vila surgiu da atividade agropecuária, tendo como principal fonte de renda a banana, a cana-de-açúcar e o leite. O povoado é banhado pelo Rio Jaboticatubas, formando várias quedas e poços apropriados para banho. Destacam-se a Cachoeira do Dimas, a Cachoeira do Bené, a Cachoeira do Rala Bunda e o Lajeado, com poços para banho e quedas d'água. A região ainda conta com a beleza da Lagoa Dourada que tem esse nome devido à grande quantidade de capim dourado, formando o aspecto de uma lagoa.

Em São José da Serra está localizada a Fazenda do Duca, construção do século XVIII, que pode ser comprovada pela presença do Cruzeiro de 1802 no terreno da fazenda. Há também uma construção que era utilizada como reserva para preparação de guerra. A Capela de São José data de 1922. A Fazenda sobrevivia da agricultura de cana, banana e leite. Empregava mais 90

pessoas na lavoura, que se alimentavam na fazenda com almoço, jantar e o chamado “quebra torto”, constituído de feijão, arroz, ovo e torresmo, que era a primeira refeição, servida por volta das 6 horas.

Conta D. Cristina, filha do Sr. Duca e atual proprietária da fazenda, que, na época do pai, quando não havia caminhões, os carros de boi e as tropas iam à serra buscar a lenha de candeia e canelas de ema para o fogo, prática que atualmente é proibida por lei. As tropas mandavam à frente a égua chamada Princesa, para avisar que estavam chegando. Quando as tropas chegavam, era feita a comemoração com refeição para todos, música e dança. Não usavam dinheiro, tudo era feito à base de troca na venda da fazenda. O que não era encontrado na venda, o Sr. Duca passava uma ordem de pagamento para ser aceita em outro estabelecimento. Um pedaço de papel com a assinatura a lápis era aceito inclusive pelo banco para saques dos funcionários ou por qualquer pessoa que tivesse a ordem de pagamento improvisada. D. Cristina conta, orgulhosa, e sente a responsabilidade de manter a honestidade do pai.

São José da Serra mantém as tradições que também se manifestam nas festas religiosas. A Festa de Nossa Senhora Aparecida acontece em outubro, e o público principal são os próprios moradores. Já o dia de São José é comemorado no município com o levantamento da bandeira e a novena no dia de São José. No último dia da novena, que é sempre uma sexta feira, acontece a cavalgada com aproximadamente 700 cavaleiros, quando acontece a benção dos cavaleiros, a missa e os shows. A festa de São José é comemorada no primeiro fim de semana após a quaresma, para que os fiéis que fazem promessa possam comer e beber à vontade. Atualmente, a Festa de São José é considerada a segunda maior festa do município, sendo a primeira a Feira de Gado. A comunidade possui três associações: Associação do Meio Ambiente, Associação Comercial e Associação da Igreja de São José.



## Potencial de atratividade

Possui um conjunto de atrativos naturais e culturais que caracterizam o povoado como um lugar singular.

## Grau de uso atual

Bem conhecida pelos visitantes, São José da Serra recebe um fluxo razoável de turistas principalmente nos fins de semana e feriados.

## Representatividade

A localidade pertence ao pequeno grupo de comunidades que ainda preservam as tradições na região da Serra do Cipó.

## Apoio local

O desenvolvimento do turismo tem apoio da comunidade, que está organizada e participa dos processos.

## Estado de conservação

A paisagem natural apresenta razoável estado de conservação e o conjunto arquitetônico apresenta-se bem conservado.

## Infraestrutura

A localidade possui diversas opções de hospedagem, como pousadas, chalés, camping e casas de aluguel; possui também boas opções de alimentação e trilhas de acesso aos atrativos.

Acesso: o acesso é por estrada de terra a partir da sede do município ou pela MG-10, que necessita de melhorias.





Atrativos Culturais

# COMUNIDADES TRADICIONAIS E MANIFESTAÇÃO DE FÉ

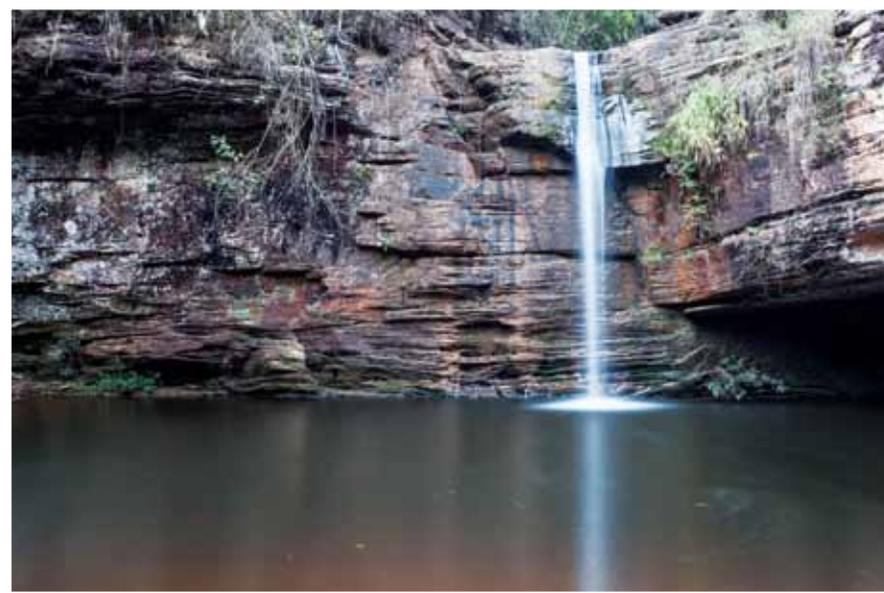
## Santana do Rio Preto – Cabeça de boi

|           |                        |
|-----------|------------------------|
| Município | Itambé do Mato Dentro  |
| Local     | Cabeça de Boi          |
| Categoria | Atrativo cultural      |
| Tipo      | Comunidade tradicional |
| Subtipo   | Agricultores           |

O povoado de Santana do Rio Preto está localizado no município de Itambé do Mato Dentro, popularmente conhecido como Cabeça de Boi, devido ao fato de o contorno da serra que circunda o lugar se assemelhar a uma figura da cabeça de um boi. O povoado, com cerca de 50 casas, muito limpo e harmônico, em sua singeleza rural, fica a 15 km da sede municipal, acessível por estrada de terra. Esse lugar vive num mar de paz, talvez protegido pelos espíritos e pedras das grandes montanhas que o rodeiam. De acordo com o que contam os moradores, o lugar era passagem dos tropeiros que seguiam para Morro do Pilar, Conceição do Mato Dentro e Diamantina. Era um lugar onde os tropeiros paravam para descansar sua tropa.

Em Cabeça de Boi, existem diversas opções de turismo para o visitante, são inúmeras cachoeiras, pois o vilarejo é cortado pelo rio Preto, que forma diversas praias fluviais de areia branca, próximas à vila. Também é interessante conhecer o pico do Itacolomi de Itambé, que é acessível por trilha com alto grau de dificuldade. A região do pico, que possui uma grande diversidade biológica, é composta de campos de altitude, campos rupestres, cerrado, com extensas áreas de campos limpos e afloramentos rochosos, principalmente nas partes mais altas. O relevo é do tipo montanhoso, com a altitude chegando a 1430 m.

As principais cachoeiras são a da Maçã, do Entancado e do Lajeado. Também é possível conhecer vestígios da ocupação pré-histórica na região, no sítio arqueológico da Serra do Veado, na região de Cabeça de Boi. O acesso à vila é feito por estrada de terra, com alguma sinalização, a partir da sede do município. Existem varias opções de hospedagem, desde pousadas sofisticadas, camping e aluguel das residências dos próprios moradores. Também é possível encomendar refeições na vila, e é praticamente imperdível experimentar a culinária à base de banana verde, tradicional do local.



## Potencial de atratividade

Os aspectos naturais do local, como cachoeiras, picos e serras em conjunto com a cultura local, são os elementos mais representativos do vilarejo.

## Grau de uso atual

A localidade é visitada principalmente nos fins de semana e feriados, com maior fluxo nos meses de verão.

## Representatividade

As comunidades de agricultores são elementos relativamente comuns na região, seus aspectos mais singulares são a culinária típica e a hospitalidade.

## Apoio local

Observa-se um grande interesse no desenvolvimento do turismo por parte da comunidade, porém ainda pouco organizado.

## Estado de conservação

A paisagem natural está razoavelmente conservada, e os aspectos culturais estão sendo resgatados e mantidos.

## Infraestrutura

Existem pousadas, casas de aluguel, alguns bares que servem também comida por encomenda.

## Acesso

O acesso a partir de Itambé do Mato Dentro é feito por estrada de terra necessitando de manutenção.



## Cemitério do Peixe

|           |                             |
|-----------|-----------------------------|
| Município | Conceição do Mato Dentro    |
| Local     | Cemitério do Peixe          |
| Categoria | Cultural e natural          |
| Tipo      | Lugar de manifestação de fé |
| Subtipo   | Romaria e procissão         |

Cemitério do Peixe destaca-se pela sua tradição cultural e significação, por carregar uma forte relação com pessoas e experiências do passado de uma comunidade. Além da paisagem construída, o local tem seu significado, ainda, na cultura imaterial, onde a religiosidade se manifesta. Constitui patrimônio histórico, ligado, portanto, a pessoas e tradições de uma localidade. Pertence ao município de Conceição do Mato Dentro, próximo ao distrito de Costa Sena, uma das regiões exploradas no período do ciclo do ouro e do diamante. Está plantado em uma colina pouco acentuada e fica cercado pelos maciços do Espinhaço e pelo Rio Paraúna, que banha a região.

Cemitério do Peixe, aproximadamente, a 30 ou 40 km de Diamantina, é um lugarejo constituído de uma igreja e um cemitério o qual dá nome ao lugar. O local se resume basicamente num aglomerado de umas cem casas pequenas, de chão batido, pintadas de branco que se revestem de vida e movimento e

onde se abrigam seus proprietários e outros religiosos no período da tradicional festa de São Miguel e Almas. No restante do ano, o local fica desabitado, à exceção de uma única família: Lotinha e seu filho, Zezinho. A capela de São Miguel Arcanjo, defronte ao cemitério, completa esse quadro, mantendo o misticismo local.

A romaria de São Miguel e Almas ocorre todos os anos no mês de agosto, sendo a data de referência dia 15. Os preparativos começam um mês de antecedência, quando são reformadas as casas. Elas são caídas de branco, com janelas e portas azuis, cores tradicionais do Cemitério de Peixe. Durante os dias de romaria, realizam-se as missões. Acompanhados por um sacerdote, há missas, batizados, catequese, confissões, casamentos, funerais e procissões. O rito mais importante é o dia do mastro de São Miguel, que atrai muitos espectadores. Enormes fogueiras são acesas, os mordomos do mastro são responsáveis pelo ritual e, a cada ano, a comunidade escolhe um casal responsável pela festa. Realizam uma pequena procissão acompanhada pela Folia de Reis, que segue cantando uma ladainha até a porta da igreja, onde a bandeira de São Miguel recebe a bênção do sacerdote e, em seguida, a pequena procissão vai até o mastro local em que erguem o sagrado estandarte. No último dia das festividades, os fiéis recebem uma benção coletiva, realiza-se um show pirotécnico e um badalar de sinos.

É importante ressaltar que essa festa, em sua totalidade, é mantida pela população, sendo realizada com a contribuição dos fiéis. A sobrevivência dessas manifestações culturais é ameaçada, também, pelo crescimento gradativo das dificuldades materiais para a sua visibilidade e realização.



## Potencial de atratividade

O local apresenta um mix de natureza, cultura e espiritualidade que são capazes de motivar o interesse de muitos visitantes.

## Grau de uso atual

Durante o ano, o local é pouco visitado, contudo, durante a festa de São Miguel, ocorre um grande fluxo de turistas.

## Representatividade

É um elemento único na região da Serra do Cipó, sem nenhum similar. A festa de São Miguel e Almas é uma das poucas que ainda acontecem em todo estado de Minas Gerais.



## Apoio local

A comunidade se organiza por ocasião da festa, contudo não há mobilização durante o restante do ano e não se percebe rejeição ao desenvolvimento do turismo.

## Estado de conservação

Todos os aspectos naturais e culturais que compõem o atrativo estão em bom estado de conservação..

## Infraestrutura

Somente por ocasião das festividades é montada estrutura de alimentação, e as casas são alugadas para os romeiros, que também acampam por toda parte.

## Acesso

Localizado distante da sede do município, acessível por estrada de terra em estado precário.



# Comunidade de Fechados

|           |                     |
|-----------|---------------------|
| Município | Santana do Pirapama |
| Local     | Fechados            |
| Categoria | Atrativo cultural   |
| Tipo      | Cultural            |
| Subtipo   | Agricultores        |

A comunidade de Fechados pertence ao município de Santana do Pirapama, já pertenceu a Conceição do Mato Dentro, mas foi desmembrado no ano de 1962. Localizada na vertente oeste da Serra do Espinhaço a região do distrito de Fechados, concentra um grande número de atrativos naturais e culturais de extrema beleza e riqueza. Inserido em uma APA municipal, na bacia hidrográfica do Rio São Francisco, sub-bacia do Rio Cipó, destaca-se na localidade da ponte do Cristal a possibilidade de observar grandes cardumes de peixes como dourados, curimatãs e matrinxãs (a pesca está proibida desde 2001).

O rio de Pedras com cachoeiras de mais de 100 m , a Cachoeira do Boi com 150 m na comunidade de São José das Cachoeiras, a Cachoeira dos Inhames com 220 m de altura, a Cachoeira do Rio Preto são somente algumas amostras da beleza da região, destacando-se ainda o córrego dos Fechados, que recorta a sede do distrito em um grande cânion. Na região, existem dezenas de cavernas ainda não utilizadas, nem para pesquisa, nem para o lazer. Isso também ocorre com os sítios arqueológicos, que são milhares de testemunhos espalhados por todo o flanco oeste da Serra do Espinhaço.

Fechados é um povoamento com registros a partir do século XVIII como caminho de passagem das tropas e da população que se deslocava do Arraial do Tijuco a Sabará, pela rota do Rio das Velhas, região de muitas tradições culturais, como o artesanato em taquara e palha e a gastronomia, entre outras. A agropecuária é a maior fonte de riqueza do município e do distrito. A extração de cristais e o garimpo clandestino também contribuem para a economia da comunidade. Próximo ao distrito, existe um caminho com vários trechos calçados, que segue em direção ao Cemitério do Peixe e, em seguida, para Diamantina.

## Potencial de atratividade

O conjunto de atrativos formado pelas cachoeiras e áreas para banho, somados à tranquilidade e à cultura tradicional da comunidade, Fechados é um lugar bastante singular.

## Grau de uso atual

A localidade é visitada principalmente nos fins de semana e feriados, com maior fluxo nos meses de verão.

## Representatividade

Fechados é um legítimo representante de lugares que encantam os visitantes na região da Serra do Cipó.

## Apoio local

A comunidade apoia o turismo desde que devidamente planejado e regulamentado.

## Estado de conservação

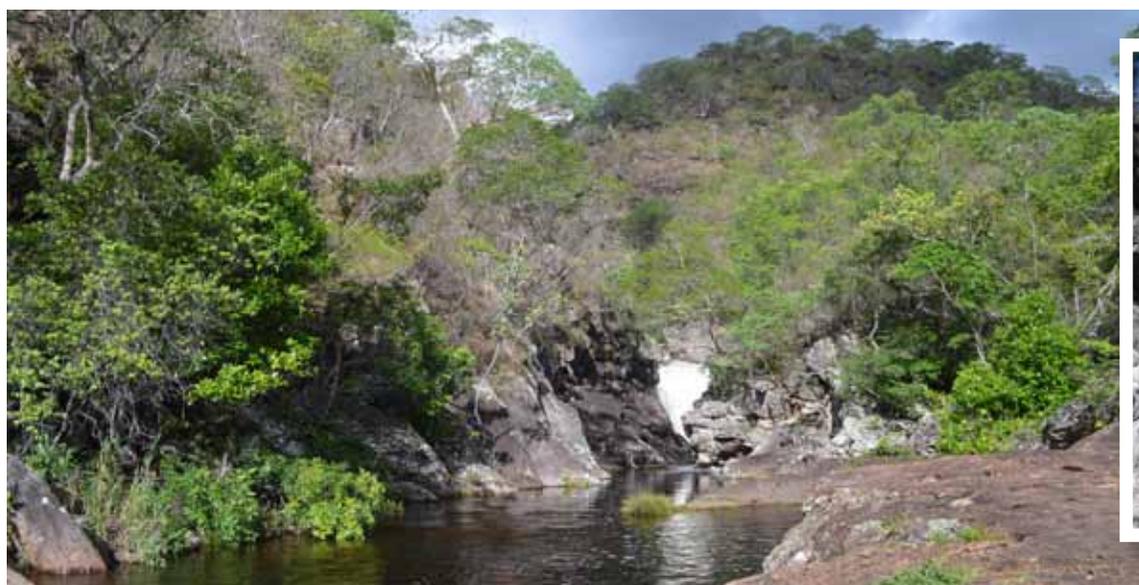
A paisagem natural apresenta-se bem conservada, por se tratar de uma região serrana, pouco propícia à ocupação. A vila tem sofrido um processo de descaracterização de seu estilo arquitetônico, nem todas as novas construções estão sendo feitas de maneira harmônica.

## Infraestrutura

Possui algumas casas de aluguel, bares e alguns moradores servem refeição sob encomenda.

## Acesso

Os acessos são feitos por estrada de terra não pavimentada, a partir de Santana do Pirapama ou Presidente Juscelino. Os atrativos são em sua maioria acessíveis somente a pé.



# Comunidade Quilombola Barro Preto

|           |                        |
|-----------|------------------------|
| Município | Santa Maria do Itabira |
| Local     | Santa Maria do Itabira |
| Categoria | Atrativo cultural      |
| Tipo      | Comunidade tradicional |
| Subtipo   | Quilombola             |

A comunidade quilombola de Barro Preto está localizada no município de Santa Maria do Itabira, o acesso é pela BR-120 e por uma estrada vicinal de aproximadamente 9 km. A população é de, aproximadamente, 600 habitantes, divididos em cerca de 170 famílias, que habitam 180 casas. A infraestrutura é composta de telefone público, rede elétrica rural, antenas de TV e bares. Não há caixa dos Correios.

A principal fonte de água destinada ao abastecimento da comunidade vem de dois grandes poços artesianos e é distribuída às residências por meio de uma rede geral. A água utilizada pela comunidade recebe tratamento de cloro, mas está parcialmente poluída pelo uso indiscriminado de agrotóxicos na silvicultura de eucalipto. O acesso ao povoado é feito por meio de precárias estradas vicinais, o que torna difícil o trânsito no período de chuvas. Os meios de transporte são apenas o ônibus escolar e os veículos particulares.

Na comunidade, há grupos de capoeira, de artesanato, que atende a jovens e crianças, e um de forró em estilo pé-de-serra. As mulheres participam de um grupo específico, constituído por intercessoras de oração da igreja local. A Associação São Francisco de Barro Preto, fundada em 1986, representa os moradores.

Segundo o relato de moradores, a área de Barro Preto foi ocupada na segunda metade do século XIX. Os primeiros habitantes foram Tobias Pires,

João Grigó da Silva, Francisco Acácio e Quitéria Carneiro, sendo esta a maior detentora das terras da comunidade. O povoado teve suas origens em Indaiá, onde moravam os antepassados mais próximos. Acredita-se que os primeiros habitantes vieram do Rio de Janeiro e da Fazenda das Pedras de Minas Gerais, com destino a Indaiá. Eram escravos fugitivos e libertos, com algum recurso financeiro. Entre eles havia o escravo Tobias, que ocupou a propriedade e gerou vários descendentes quilombolas. A figura de Tobias ficou marcada na lembrança da comunidade, e o morador José Marciano, de 74 anos, relata tê-lo conhecido quando criança.

Na comunidade, as casas são de alvenaria e de pau a pique. A maioria é simples e traz consigo uma história de luta e esforço de construção – algumas ainda estão somente com reboco. Barro Preto já é reconhecida pela Fundação Cultural Palmares desde 2006. Nesse mesmo ano foi solicitada a titulação das terras da comunidade.

No entorno da comunidade, fazendeiros praticam silvicultura e pecuária de corte, utilizando sazonalmente a mão de obra local. A remuneração pelo trabalho diarista é irrisória. A pequena área disponível para os moradores é utilizada para a agricultura familiar de subsistência. Como o que produzem não supre as necessidades familiares, é comum investirem na produção “a meia” nas terras dos fazendeiros. A maioria das famílias cria semoventes, principalmente, galinhas. Em menor proporção, há a criação de suínos e gado leiteiro, este destinado à venda na própria comunidade. Visando ao sustento familiar, qualquer atividade é essencial. Alguns trabalham na extração de palmito, outros no garimpo rudimentar, em busca de minerais como águas marinhas e esmeraldas.



Os doces e bordados são normalmente comercializados no povoado, por vezes são vendidos a compradores de outras regiões. Os demais produtos raramente são vendidos, a não ser quando há excedente. A troca de produtos, o escambo, é verificada em situações especiais entre parentes, o que indica a manutenção parcial dos hábitos dos antepassados.

A comunidade tem sua cultura marcada por festas, como a de Santo Antônio, comemorada no dia 25 de junho, e da vigília de Natal, no dia 25 de dezembro. As danças mais comuns estão associadas a batuque, moda de quatro, quadrilha, umbigada e capoeira. Segundo o morador Sebastião, de 82 anos, antigamente, no povoado era comum a prática da marujada e o hasteamento das bandeiras de Santo Antônio, São Pedro e São Sebastião. Atualmente, as bandeiras encontram-se na casa de Maria Praxedes. No pequeno povoado ainda se mantém erguida a casa mais antiga, a de Maria Praxedes, de 88 anos. A moradia foi feita de pau a pique e pedras sobrepostas – esse era o padrão das casas dos antepassados.

Segundo relato dos moradores, a comunidade pretende tombar a casa, como parte do patrimônio histórico-cultural de Barro Preto. A comunidade, anteriormente, era denominada Córrego do Santo Antônio, mas depois passou a chamar-se Barro Preto. O nome tem sua origem em um costume antigo dos moradores: pintar a roupa de preto, durante os períodos de luto, usando barro, cipó e gabiroba.



## Potencial de atratividade

A comunidade é muito alegre e receptiva e mantém ainda algumas tradições importantes.

## Grau de uso atual

Pouco visitada por turistas, ainda não é muito conhecida.

## Representatividade

Localmente, trata-se de um elemento importante, com poucos similares na região da Serra do Cipó.

## Apoio local

A comunidade é organizada e está aberta à visita turística.

## Estado de conservação

A paisagem do entorno é bastante modificada, principalmente pela monocultura de eucalipto, contudo a comunidade mantém traços de sua cultura tradicional.

## Infraestrutura

Possui um pequeno museu com algumas peças que ajudam a contar suas tradições.

## Acesso

o acesso é por estrada de terra a partir da sede do município, necessitando de melhorias, principalmente no período das chuvas.

# Comunidade Quilombola Mato do Tição

|           |                        |
|-----------|------------------------|
| Município | Jaboticatubas          |
| Local     | Matição                |
| Categoria | Atrativo cultural      |
| Tipo      | Comunidade tradicional |
| Subtipo   | Quilombola             |

A comunidade quilombola de Mato do Tição – constituída por membros da família Siqueira – está situada a cerca de 4 km da sede do município de Jaboticatubas. Conhecida na região apenas como “Matição”, iniciou-se com trinta pessoas e, atualmente, possui uma população de, aproximadamente, cem habitantes. Mantém a tradição de agricultura. Em seus quintais, plant-se e colhe-se o que será servido na mesa.

O sítio de Mato do Tição ocupa uma área de três hectares, incrustada entre serras. A parte habitada corresponde ao vale, cortado pelo córrego Chico Matias, onde vivem 28 famílias e cerca de 100 pessoas. A comunidade dispõe de energia elétrica e telefone público e é representada pela Associação dos Moradores do Mato do Tição.

A origem do nome Mato do Tição, de acordo com algumas versões, se deve às tochas que os negros acendiam para se aquecerem do frio das noites e para iluminar o caminho durante a locomoção pelas trilhas locais. O tição aceso passou a ser a característica da região, e, ao se referirem ao local e a seus habitantes, as pessoas diziam: “lá no mato onde tem tição”, “lá no mato do tição”, “lá no matição”.

Segundo relato de Divina de Siqueira, 82, no período escravista, os negros cativos viam-se obrigados a constantes mudanças, quando eram vendidos a senhores de regiões diferentes. Os ancestrais da família Siqueira – Constança, Pedro e Rita Basílio – foram transferidos para a posse do coronel Chico Alves, proprietário da Fazenda de Baixo, situada nas proximidades do atual sítio de Mato do Tição. Após a abolição, os ex-escravos receberam desse senhor as terras que passaram a habitar e onde promoveram a ampliação do núcleo familiar. A história dos moradores de Mato do Tição – como a de tantos outros negros brasileiros – está enraizada na contradição que envolve o paternalismo e a opressão dos senhores que os subjugarão.

Os fazendeiros que hoje vivem no entorno chegaram à região há 50 anos e ocuparam terras que eram destinadas ao plantio de roças para o sustento da comunidade. O direito de usucapião do que sobrou em nome dos Siqueira já foi



reconhecido. Em 2006, a comunidade recebeu o certificado de reconhecimento quilombola. E, desde 2004, aguarda a titulação de seu território pelos órgãos competentes.

A principal renda da população se origina do trabalho nas cidades próximas, mas muitos ainda plantam roças e hortas. A mata densa e os parques terrenos obrigam os moradores, algumas vezes, à prática da queimada e derrubada de árvores para ampliação da área de plantio. Podemos dizer que Mato do Tição concretizou a mistura de negros, índios e brancos, reduplicando, em espaço limitado, a aculturação experimentada em grande parte do território brasileiro.

De um lado, marcada pela presença de ancestrais indígenas e, de outro, pela corrente negra, a família Siqueira herdou também a cultura do branco. Ritos do antigo catolicismo ainda permanecem, como os vestígios do latim nos cantos que entoam. Essas heranças fazem do Mato do Tição “uma ilha sagrada nas cercanias do profano, um elo com o passado e a sacralização do mundo”.

Do período da escravidão ainda se mantêm vivos os segredos do candombe, o movimento do corpo no batuque, a alegria e a melodia das cantigas de roda que animavam a vida nas senzalas e os cantos da negra Tança, usados na apanha da lenha e em outros momentos de trabalho. Mas, segundo os moradores, muito se perdeu como o cumbá, dança de enxadas praticada antigamente e que hoje já não é mais lembrada.

## Potencial de atratividade

As tradições e costumes da comunidade, como as festividades e manifestações culturais de origem afro-brasileira em conjunto com a espiritualidade do local são os aspectos mais excepcionais.

## Grau de uso atual

As festas são frequentadas por visitantes vindos de vários locais e têm importância significativa para o turismo no município..

## Representatividade

Os remanescentes de comunidades quilombolas são elementos que contribuem para a história da ocupação da região da Serra do Cipó, sendo o Matição um dos poucos que ainda mantém traços de sua cultura tradicional.

## Apoio local

Todos os visitantes são muito bem recebidos, e a comunidade é favorável ao desenvolvimento do turismo, com vários projetos em andamento.

## Estado de conservação

Em função da ocupação pelas atividades agropecuárias a paisagem natural, encontra-se descaracterizada; contudo, os aspectos culturais da comunidade merecem destaque.

## Infraestrutura

Na época da festa, é montada estrutura para receber os visitantes, fora esse período não dispõe de estrutura para atendimento ao turismo.

## Acesso

O acesso é por estrada de terra a partir da sede do município, trecho pequeno mas que pode ser melhorado e melhor sinalizado.



# Comunidade Quilombola de Candeias

|           |                          |
|-----------|--------------------------|
| Município | Conceição do Mato Dentro |
| Local     | Candeias                 |
| Categoria | Atrativo cultural        |
| Tipo      | Comunidade tradicional   |
| Subtipo   | Quilombola               |

Candeias é um lugarejo distante, depois do distrito de Itacolomi, no município de Conceição do Mato Dentro, de povoamento remoto, com mais de cem anos de ocupação. Foi o refúgio privilegiado da família de Hilário Candeia, primeiro morador desse local com instalação e desenvolvimento das atividades agropecuárias nas roças da região.

A Capelinha do Rosário ocupa a parte mais alta da encosta e foi construída pelo senhor José do Patrocínio Candeia, padrinho de Dona Eva Fortunata Candeia, moradora do local, que se tornou zeladora e guardiã do templo. A única rua inicia-se em frente à Capela. Todo o conjunto conta com um pouco mais de 20 edificações, quase todas antigas, porém muitas delas reformadas, com alteração do contexto original em estrutura de madeira e paredes de pau a pique.

A festa de Nossa Senhora do Rosário é comemorada com cortejo, rei e rainha e é concorrida por todos os habitantes da região. Na vegetação,



predomina a espécie candeia, que deu nome ao lugar. O povoado tem uma visão privilegiada, com grandes perspectivas visuais para montanhas da Cordilheira do Espinhaço, mais precisamente na região da Serra do Intendente, hoje Parque Estadual.

## Potencial de atratividade

O conjunto arquitetônico é interessante, mas o que mais chama atenção é a paisagem circundante, marcada por grandes serras e cachoeiras.

## Grau de uso atual

Pouco conhecida dos turistas, Candeias recebe alguns visitantes com mais frequência nos feriados.

## Representatividade

Trata-se de um elemento relativamente comum na região da Serra do Cipó, mas a proximidade de outros grandes atrativos faz a diferença.

## Apoio local

A comunidade não está organizada em função do turismo, haja vista que a demanda ainda é pouca.

## Estado de conservação

A paisagem natural apresenta bom estado de conservação, devido talvez ao isolamento, o conjunto arquitetônico apresenta-se razoavelmente conservado.

## Infraestrutura

O local não dispõe de infraestrutura, à exceção de algumas casas para alugar e um bar/mercearia.

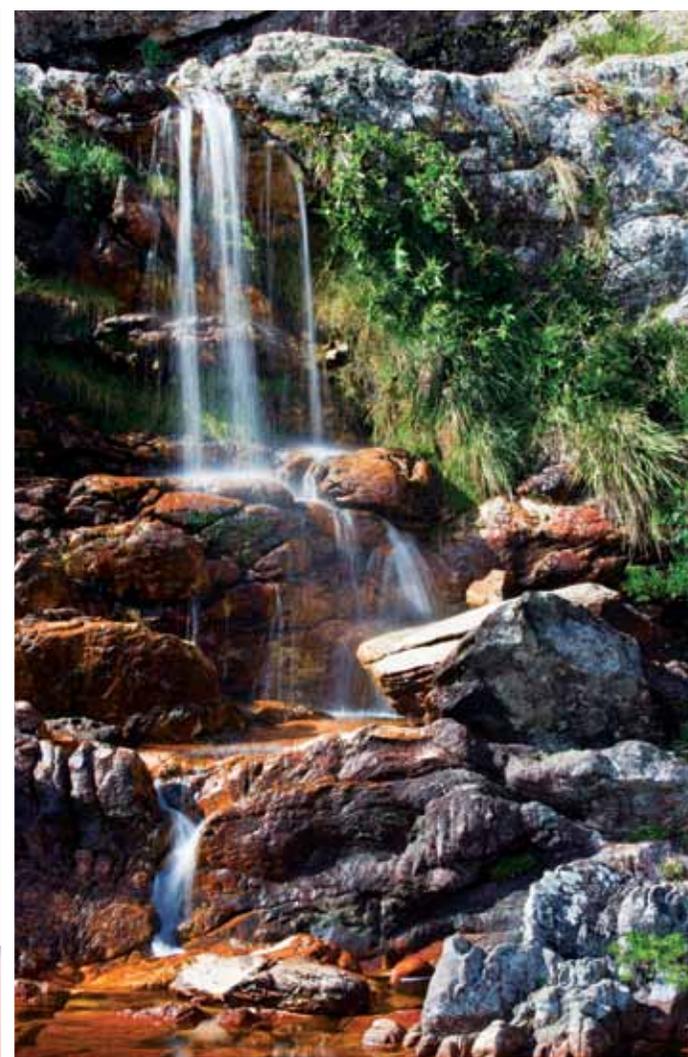
## Acesso

O acesso é por estrada de terra a partir da sede do município, necessitando de melhorias, principalmente na chegada à comunidade.

## Lapinha da Serra

|           |                             |
|-----------|-----------------------------|
| Município | Santana do Riacho           |
| Local     | Lapinha da Serra            |
| Categoria | Atrativo cultural e natural |
| Tipo      | Comunidade tradicional      |
| Subtipo   | Agricultores                |

Distrito de Santana do Riacho, Lapinha está localizada na região da Serra do Cipó e faz parte da APA (Área de Preservação Ambiental) Morro da Pedreira, cinturão de proteção do Parque Nacional da Serra do Cipó. Integra o circuito da Estrada Real e está a 143 km de Belo Horizonte. Alguns a chamam Lapinha da Serra, os moradores mais antigos, de Lapinha de Belém. A região começou a se desenvolver ainda no século XVIII, desbravada pelos bandeirantes. A partir do século seguinte, os tropeiros trataram de interligar as áreas povoadas através do comércio, transportando cachaça, rapadura, farinha, etc. em lombos de burro. São muitas as histórias sobre Lapinha que se perdem entre as mais variadas versões de seus antigos moradores. A Lapinha foi fundada por apenas três famílias que trabalhavam em fazendas da região, no início do século passado. Até hoje quase todos os moradores possuem um grau de parentesco bem próximo, gerando uma série de casamentos consanguíneos e levando alguns moradores a procurar maridos e esposas fora da vila.



A economia local é voltada basicamente para a subsistência, através da agricultura familiar e da pecuária leiteira em baixa escala. O ecoturismo tem se mostrado uma alternativa para o desenvolvimento local, possuindo o vilarejo uma média de 300 habitantes. A estrada que dá acesso a Lapinha foi construída há pouco mais de dez anos, por isso seus moradores ainda estão se acostumando com o turismo. A vila possui algumas dezenas de casas e não há ainda infraestrutura totalmente adequada para o turismo.

Lapinha possui inúmeras belezas naturais. A região atrai inúmeros visitantes para conhecer cachoeiras, lagos, grutas, rios, picos, sítios arqueológicos, fauna, flora e, é claro, as pessoas e sua cultura local. O batuque é uma manifestação bastante tradicional no vilarejo, realizado semanalmente pelos moradores. Trata-se de uma dança acompanhada de sapateado, palmas e tambor, quando de negros. No batuque de branco, o pandeiro e a viola são tocados. Batuque é o nome que se dá, geralmente, a todas as danças de negros vindos da África e consiste em um círculo formado pelos dançadores: um negro ou uma negra vai para o meio e, depois de executar vários passos, dá uma umbigada, a que chamam semba, na pessoa que escolhe, que, por sua vez, vai para o meio do círculo, substituindo-o. A tradição indica o batuque como de procedência banto.

## Potencial de atratividade

Lapinha apresenta uma diversidade de atrativos naturais e culturais que em conjunto com a paisagem do entorno tornam o local uma referência na região da Serra do Cipó.

## Grau de uso atual

A vila é bastante visitada e tem um fluxo de visitantes praticamente diário.

## Representatividade

Existem outros lugares na região com características naturais e culturais semelhantes, mas Lapinha, com sua lagoa emoldurada pelo pico do Breu, é um lugar singular.

## Apoio local

A comunidade está organizada em associações que visam de alguma forma promover o turismo, contudo ainda se nota por parte de alguns moradores certa insatisfação com os malefícios advindos da atividade turística.

## Estado de conservação

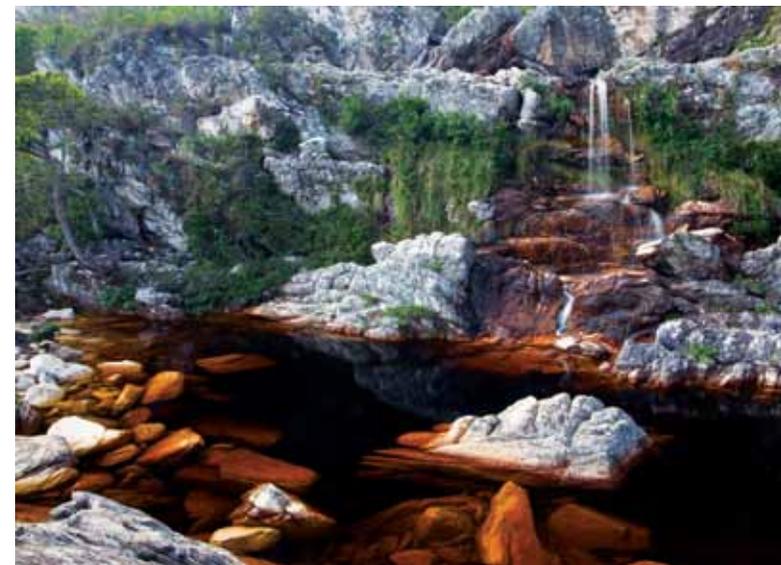
A paisagem natural do entorno encontra-se relativamente bem conservada, e a vila já sofreu com o aumento significativo de novas construções, mas que, em sua maioria, procuram estar em harmonia com o conjunto.

## Infraestrutura

A vila possui diversas opções de hospedagem, alimentação e serviços turísticos, mas durante a semana algumas delas não funcionam.

## Acesso

O acesso é feito por rodovia pavimentada até a sede do município, daí são mais 15 km de estrada de terra necessitando de melhorias.



## Morro Redondo

|           |   |
|-----------|---|
| Município | Itabira   |
| Local     | Ipoema  |
| Categoria | Cultural e natural  |
| Tipo      | Lugar de manifestação de fé; Relevo continental   |
| Subtipo   | Romaria e procissão; Encontro para manifestação de fé; Visitação de cunho religioso; Referencial de narrativa mítica; Morro/Mirante |

O Morro Redondo é uma das elevações residuais componentes da Cadeia do Espinhaço. Está localizado a 1.224 metros de altitude no povoado de Maná, Distrito de Ipoema, Município de Itabira, MG. Trata-se de um mirante natural, lugar de beleza ímpar, que proporciona visão de 360º de montanhas, principalmente da cordilheira do Espinhaço. Há mais de cem anos, uma cruz atrai cristãos ao cume do Morro Redondo no dia de Santa Cruz, 3 de maio. Dezenas de fiéis faziam romaria até esse mirante natural de Ipoema para exaltar o maior símbolo cristão, mesmo antes de lá ser erguida uma capela. Há três anos, a tradição da caminhada para a festa foi resgatada, e a manifestação religiosa não para de crescer. Também é espaço de arte, abriga o monumento “O Destino” e a escultura de Senhor do Bonfim, ambos da artista plástica mineira radicada em Nova Iorque, Vilma Nöel. Para completar o sentido do lugar de fé e de tradições, no cume do Morro Redondo, está incrustado o Santuário Senhor do Bonfim que, no mês de maio, se enche de cores para celebrar a Festa de Santa Cruz.

A Festa de Santa Cruz é realizada em maio, com uma caminhada de Ipoema ao Morro Redondo abrindo os festejos. E, em outubro, acontece a Festa de Nossa Senhora do Rosário, acompanhada pela Guarda de Marujos da Nossa Senhora do Rosário, da Serra dos Alves. São 15km de Ipoema ao Morro Redondo, onde estão localizados, em pontos estratégicos, 14 cruzeiros que, a cada ano, recebem nova decoração para a festa.

Todas as obras do Morro Redondo são feitas a partir de doações, sejam elas em material, financeira ou trabalho voluntário. Os moradores da região abraçaram o Morro Redondo e contam com uma grande ajuda do líder comunitário e empresário Roneijober Andrade. O sino da capela foi construído pelo processo artesanal, possui o nome dos doadores, do Santuário, além de local e data. Vale destacar que há no mundo apenas seis lugares que ainda fundem o sino pelo processo artesanal, como na época medieval. O Morro Redondo também é local de pesquisas sobre as *Vellozia gigantea*, planta cujo nome popular é canela-de-ema. Podem-se encontrar, no local, as canelas-de-ema gigantes, com aproximadamente 6 metros de altura.

De natureza privada, localizado em área rural, possui sinalização de acesso em boas condições, com necessidade de melhoria. A visitação pode ter caráter de passeio, observação, religiosidade e pesquisa, não havendo necessidade de agendamento. Pode ser autoguiada ou com a opção da contratação de guias. A entrada não é cobrada. Já em fase de acabamento, terá bar, lanchonete e banheiros. Possui estacionamento para poucos carros. O acesso é por estrada não pavimentada com necessidade de melhoria em



alguns trechos. Há uma trilha de acesso, trecho de 200 metros de caminhada (aproximadamente), com leve grau de dificuldade. A trilha de acesso está em boas condições, com necessidade de melhoria.

O local é aberto à visitação o ano inteiro, sendo os turistas o principal público frequentador. Possui visitação média de 100 pessoas por fim de semana, com aumento desse número durante feriados, férias e festas religiosas. Localizado em relevo montanhoso, possui no entorno vegetação de cerrado com espécies endêmicas e raras.



## Potencial de atratividade

O Morro Redondo tem como características excepcionais a paisagem monumental das montanhas avistadas a partir do seu topo, a qualidade de suas edificações (capela e escultura) e a forte ligação com o sagrado, manifestada nas suas tradições (Festa de Santa Cruz).

## Grau de uso atual

O local recebe visitantes durante todo o ano, principalmente nos finais de semana e feriados.

## Representatividade

É um elemento singular na região da Serra do Cipó, sendo um local muito bem cuidado e que associa manifestações de fé, contemplação da paisagem e aspectos naturais notáveis.

## Apoio local

O atrativo é apoiado pela comunidade do entorno e por um grande número de voluntários que, através de doações, vêm estruturando e melhorando o local aos poucos. Existe, inclusive, um projeto denominado “Abraça o Morro Redondo”.

## Estado de conservação

O entorno imediato é caracterizado por pequenas propriedades rurais; no entanto, é possível avistar uma grande parcela das serras que formam a cordilheira do Espinhaço mais distante; a infraestrutura de visitação é bem conservada, e as obras estão sendo realizadas com os devidos cuidados.

## Infraestrutura

Possui trilha de acesso, sinalização, banheiros e lanchonete.

Acesso: feito através de estrada de terra, com sinalização de acesso, mas precisando de melhorias.



## Serra dos Alves

|           |                             |
|-----------|-----------------------------|
| Município | Itambé do Mato Dentro       |
| Local     | Serra dos Alves             |
| Categoria | Atrativo cultural e natural |
| Tipo      | Comunidade tradicional      |
| Subtipo   | Agricultores                |

Na vertente leste da Serra do Espinhaço, a Serra dos Alves destaca-se como um local com grande concentração de atrativos naturais e culturais excepcionais. Inserida na Área de Proteção Ambiental Morro da Pedreira, a Serra dos Alves é um dos divisores de águas das bacias hidrográficas dos rios Doce e São Francisco, onde nasce o Rio Tanque e suas diversas cachoeiras, como a dos Borges, Bongue e Marques.

Serra dos Alves é uma comunidade que surgiu por volta de 1850, com a exploração do ouro e de cristais pelos bandeirantes. Com apenas 34 famílias, totalizando em média 50 moradores, conserva seus costumes tradicionais e o modo de vida tranquilo. Atualmente, nota-se o crescimento na comunidade de casas de temporada, construídas por pessoas que residem, na maioria dos casos, em Itabira e Belo Horizonte. Alguns moradores da vila ainda mantêm na agricultura o plantio de milho e feijão, porém a grande maioria planta apenas para subsistência por não suportar trabalho pesado, já que os mais novos estão sendo empregados em outras cidades.

Dentro de 5km quadrados existem mais de 50 cachoeiras, algumas localizadas dentro dos Cânions, pouco conhecidas pelos visitantes, em meio a uma flora preservada. As cachoeiras localizam-se no entorno do Parque

Nacional da Serra do Cipó, na serra das Bandeirinhas. A cachoeira dos Marques, localizada próxima ao Cânion dos Marques, com altura aproximada de 5 metros de queda e um poço de águas escuras, é uma das mais próximas da vila. Não possui sinalização para acesso, com grau leve de dificuldade.

Na beleza do lugar, em meio à Serra dos Alves e à Serra das Bandeirinhas, destacam-se a Cachoeira do Bongue, com 70 metros de altura, que forma piscinas naturais de águas claras; a Cachoeira da Boa Vista, com várias quedas d'água, totalizando 60 metros de altura, que impressiona pelo grande volume de água em determinadas épocas do ano, sendo o rio Tanque desenhado em meio às formações rochosas. O Cânion dos Marques, com aproximadamente 600 metros de extensão, tem paredes de até 40 metros de altura e, no seu interior, as corredeiras formadas pelos rios Tanque e Ribeirão Santana. O Cânion Boca da Serra é um local de destaque por sua grande beleza cênica e valor paisagístico. Com quedas d'água e poços para banho, possui a vegetação formada por campos rupestres, e seus paredões ultrapassam 40 metros de altura. Nele está localizada a Cachoeira da Lucy, que forma em sua base um poço de 15 metros de profundidade em águas cristalinas.

Na Capela de São José são mantidas as comemorações tradicionais das Festas de São José, a Festa do Rosário em outubro, e a Festa do Divino no mês de junho, que são acompanhadas pelo Congado e pela Guarda de Marujos de Nossa Senhora da Serra dos Alves. A praça da igreja é gramada com as casas voltadas para a igreja. A Capela foi construída em 1860 e tem a estrutura de madeira com vedação em adobe e pau-a-pique sobre embasamento de pedra. O altar de madeira, retábulo, possui imagens de grande valor histórico, construídas em madeira, barro e papel marché.

A Guarda de Marujos de Nossa Senhora da Serra dos Alves é a mais





antiga da região; existe há mais de 115 anos e possui 38 componentes, tendo como Capitão o sr. Geraldo Silva Soares, 48. Os outros componentes são o Vice-Capitão, o 1º Mestre, o 2º Mestre, e os marujos que cantam e tocam as caixas por eles mesmos fabricadas. Durante a festa é servido almoço com a tradicional comida mineira, como o feijão tropeiro, carne assada, frango com ora-pro-nóbis e angu. Também é servido café preparado pelas quitandeiras da comunidade, com o biscoito de polvilho, rosquinhas, broas de fubá e o bolo de kubu.

Há relatos de moradores de aparições de luzes e fogo na região, nas décadas de 70 a 80. O sr. Geraldo, Presidente da Associação Comunitária dos Amigos da região da Serra dos Alves, relata que, em 1978, por volta de 5 horas da manhã, avistou uma luz avermelhada por mais de 5 minutos, cuja claridade ele aproveitou para caminhar. Conta que a luz passou entre o norte e o leste, por cima da comunidade. Há relatos também do sr. Januário, 80 anos, que já viu esses fenômenos várias vezes. Ainda hoje, surgem relatos de pessoas avistando estas luzes. Serra dos Alves ainda mantém as benzedeadas, a exemplo de D. Maria, de 94 anos, que também faz a Bênção do Sol, para dores de cabeça provocadas pelo sol nos trabalhadores do campo.

A comunidade sofre com as dificuldades de comunicação, estradas e falta de luz, segurança e medicamentos. Não há ônibus diário para a comunidade nem existe posto de saúde no local, tendo os moradores que se deslocarem para o Posto de Saúde em Senhora do Carmo, a 15km de distância, onde nem sempre há atendimento médico, havendo necessidade de deslocamento para Itabira.

De natureza pública, localizada em área rural, a localidade recebe visitantes em caráter de passeio, observação, religiosidade, pesquisa e aventura. Para visitar alguns atrativos, é necessária a contratação de guias ou condutores. As poucas placas de sinalização existentes estão confusas. Não há placas de aviso para os turistas. A vila possui bar e lanchonete, meios de hospedagem e restaurantes de comida caseira. O acesso é por estrada não pavimentada, que necessita de melhorias. O local é aberto à visitação o ano inteiro, sendo os turistas o principal público frequentador, com o aumento do turismo a partir de 2002, quando foi feito o tombamento da Capela de São José.

## Potencial de atratividade

O conjunto de atrativos formado pelas cachoeiras e áreas para banho, somados à tranquilidade e à cultura tradicional da comunidade, faz da Serra dos Alves um lugar bastante singular.

## Grau de uso atual

A localidade é visitada principalmente nos fins de semana e feriados, com maior fluxo nos meses de verão.

## Representatividade

Serra dos Alves é um legítimo representante de lugares que encantam os visitantes na região da Serra do Cipó.

## Apoio local

A comunidade está organizada através de uma associação de moradores e tem participado das discussões dos problemas e das soluções para o desenvolvimento do turismo.

## Estado de conservação

A paisagem natural apresenta-se razoavelmente conservada, por se tratar de uma região serrana, pouco propícia à ocupação. A vila tem sofrido um processo de descaracterização de seu estilo arquitetônico, nem todas as novas construções estão sendo feitas de maneira harmônica.

## Infraestrutura

Possui algumas pousadas e casas de aluguel, bares, mercearia e alguns moradores se servem de refeição sob encomenda.

## Acesso

Os acessos são feitos por estrada de terra não pavimentada, a partir de Ipocema ou Senhora do Carmo. Chega-se aos atrativos, em sua maioria, somente a pé.



Atrativos Culturais

FORMAS DE EXPRESSÃO  
LUGAR DE REFERÊNCIA

# Museu do Tropeiro

|           |                   |
|-----------|-------------------|
| Município | Itabira           |
| Local     | Ipoema            |
| Categoria | Atrativo cultural |
| Tipo      | Museu             |
| Subtipo   | Museu             |

O Museu do Tropeiro está localizado no distrito de Ipoema, município de Itabira, no caminho dos diamantes da Estrada Real. Ipoema era um dos locais de pouso dos tropeiros do século XVIII. O Museu do Tropeiro foi inaugurado em 2003, no casarão construído pela família Guerra, onde foi rancho de tropeiros. Trata-se de um importante espaço cultural que possibilita resgatar a memória dos tropeiros viajantes. Na sala de exposição há um acervo de mais de 400 peças, dentre elas equipamentos de defesa, utensílios domésticos, vestuário, equipamentos de montaria, que remetem o visitante ao passado, fazendo-o sentir-se parte desse caminho das tropas.

O tropeirismo enriqueceu as regiões através da movimentação dos ciclos

econômicos. Eram os tropeiros os empresários de transporte, o patrão e o dono da tropa que iniciavam o povoamento das localidades com bases para suas viagens. Eram transmissores de notícias, correios, aviadores de receitas e encomendas. Levavam consigo alimentos não perecíveis, o que deu origem ao nome do feijão tropeiro, mistura feita para alimentação com feijão, farinha e carne seca. No museu, pode-se acompanhar a trajetória do tropeirismo na região e suas referências, como a madrinha dos tropeiros, elemento principal na tropa. A madrinha era uma égua ou mula mais velha que viajava na cabeça da tropa, servindo de guia. Era o animal que levava as insígnias da tropa e representava as mulheres, já que as mesmas não participavam das viagens.

De natureza pública, localizada em área urbana, o Museu do Tropeiro realiza atividades junto à comunidade, como o Projeto das Bordadeiras de Quarta, em referência à quarta medida de unidade dos tropeiros, em que as mulheres trazem as técnicas do bordado aliadas à literatura dos tropeiros; o conjunto de estaladores de chicote, os trança-fitas, as lavadeiras e lavadeiras-mirins, além da banda da cidade e a banda Mirim. O museu também realiza, aos sábados de lua cheia, a roda de viola.

O local é aberto à visitação o ano inteiro, sendo os turistas o principal público frequentador. Integra o roteiro turístico Circuito Estrada Real e possui, em sua estrutura, lanchonete e banheiros. A visitação é preferencialmente agendada e sempre guiada. Sua entrada é gratuita. Horário de funcionamento: de terça a domingo, de 8h30hs às 16h30, com intervalo para almoço de 12h às 13h30.



## Potencial de atratividade

O Museu do Tropeiro pode tornar-se um centro de referência ao tropeirismo, que pode ser tombado como patrimônio imaterial, com reconhecimento nacional. Consolidando sua vocação para ecomuseu, o atrativo será dotado de grande significado, atraindo, por si só, correntes de turistas.

## Grau de uso atual

O atrativo recebe fluxo médio de visitantes, sejam grupos escolares ou viajantes da Estrada Real.

## Representatividade

O museu do tropeiro representa um elemento único na região da Serra do Cipó, seja em função da sua temática ou do seu acervo.

## Apoio local

A maioria da população de Ipoema se orgulha do Museu do Tropeiro e de suas raízes, participando de diversos projetos culturais promovidos pelo Museu.

## Estado de conservação

O prédio do museu e seu acervo estão muito bem cuidados; contudo, o distrito já sofreu diversas intervenções, restando poucos exemplares das primeiras habitações.

## Infraestrutura

O distrito de Ipoema possui pousadas e restaurantes; o museu possui diversos espaços e facilidades para os turistas.

## Acesso

Acessível por estrada pavimentada desde a capital, através de rodovias federais e estaduais. O alto índice de acidentes na rodovia é preocupante.



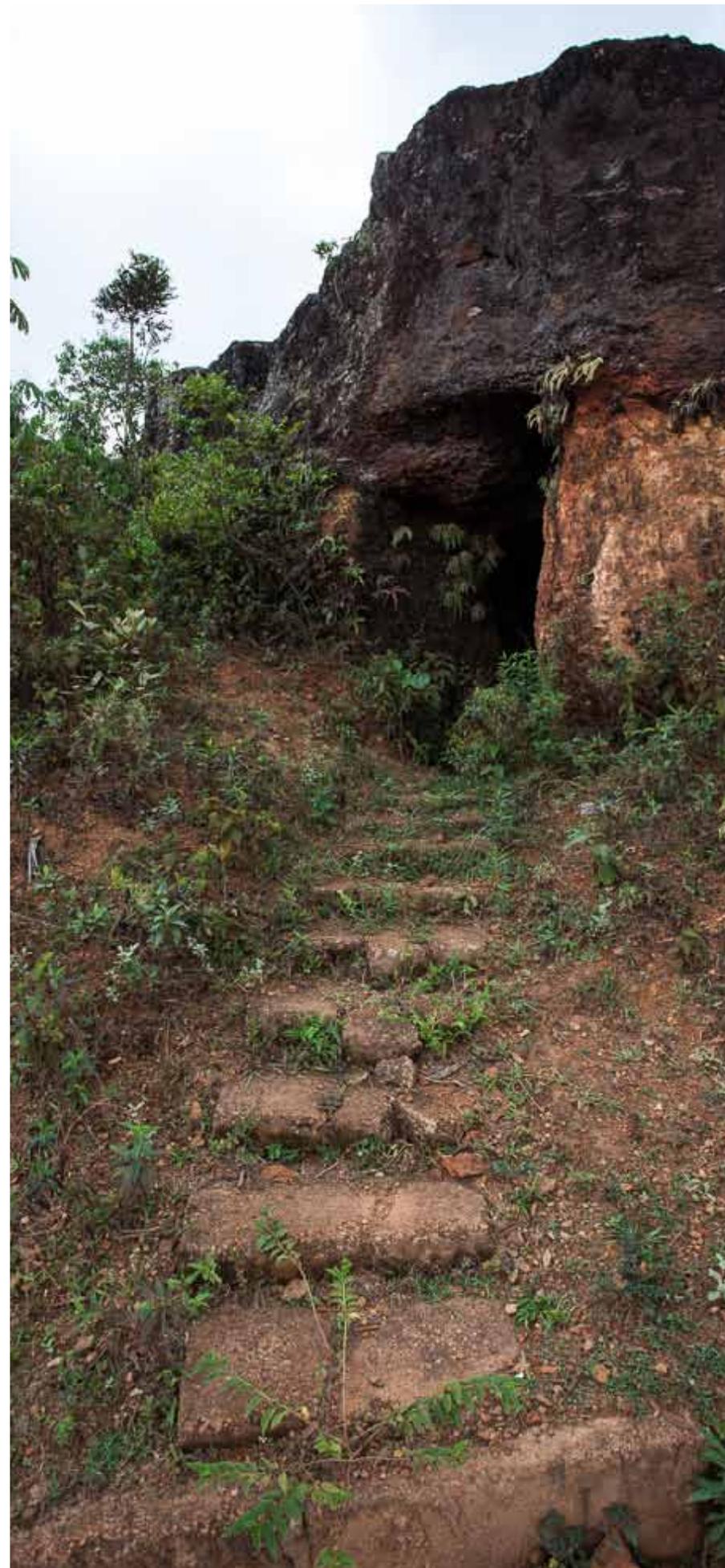
# Minas do Hogó

|           |                               |
|-----------|-------------------------------|
| Município | Morro do Pilar                |
| Local     | Morro do Pilar                |
| Categoria | Atrativo cultural             |
| Tipo      | Lugar de referência e memória |
| Subtipo   | Acontecimentos históricos     |

Gaspar Soares foi a primeira denominação da atual cidade de Morro do Pilar, fundada por volta de 1700 por bandeirantes paulistas chefiados por Antonio Soares, sendo o antigo topônimo alusivo a um seu parente e sucessor. Formada a povoação, em fundo de exploração de ouro, erigiu-se a primitiva capelinha sob a invocação de Nossa Senhora do Pilar, mais tarde substituída por um segundo templo que recebeu a benção por provisão de 1789. A mineração do ouro, fator de origem e desenvolvimento do arraial, já estaria praticamente abandonada no princípio do século XIX, não mais prevalecendo como exploração regular e de significado econômico. Quando ali esteve em 1817, registrava Saint-Hilaire o estado de decadência da localidade, assinalando, porém, ser abundante a ocorrência local do minério de ferro. Em razão disso, desde 1809, fora ali instalado um estabelecimento de fundição desse metal – a “Real Fábrica de Ferro” – sob administração do intendente dos diamantes, Manuel ferreira da Câmara Bittencourt e Sá. A pioneira fábrica funcionou, em regime de produção mais ou menos regular, de 1814 a aproximadamente 1830, época em que encerrou as suas atividades.

Cabe destacar que o período de atividade da fundição em Morro do Pilar foi extremamente curto. Todavia, houve um longo período de construção anterior à fundição, que estabeleceu nova dinâmica ao município. Além disso, há o valor histórico-simbólico de ali ter nascido o embrião da siderurgia brasileira, fato que, infelizmente, não é apropriado pelo poder público local. Poucos morrenses e também mineiros conhecem tal fato histórico. Em 1818, Morro do Pilar eleva-se a distrito, com o nome de Morro do Gaspar Soares e emancipa-se em 12 de dezembro de 1953, com o nome de Morro do Pilar. O Município de Morro do Pilar abriga 18,8% da área total do Parque Nacional da Serra do Cipó. Os rios que cortam o território municipal são o Rio Picão, o Rio Preto e o Rio de Peixe.

Os marcos edificados que merecem menção são a Igreja do Canga; o Monumento Intendente Câmara, localizado dentro da área urbana, no Bairro Paredão e as Minas do Hogó, local onde foi explorado ouro por Gaspar Soares de 1704 a 1743 e, posteriormente, ferro pelo Intendente Câmara. Localizadas próximo à caixa d’água do município, as Minas de Hogó constituem um conjunto com 18 minas antigas, onde eram feitas explorações de ouro cercadas pela vegetação de cerrado e afloramentos de hematita. Uma das minas possui, aproximadamente, 150 metros. As minas foram desativadas devido a um desabamento e à finalização da atividade mineradora. Funciona diariamente para visitação gratuita. O caminho não possui sinalização turística, e as Minas encontram-se praticamente abandonadas, em desejável estado de conservação.



## Potencial de atratividade

---

A referência histórica à qual as Minas do Hogó estão relacionadas é o elemento de destaque do local.

## Grau de uso atual

---

As minas são raramente visitadas, contudo podem constituir-se em importante atrativo para o município.

## Representatividade

---

O conjunto das referências à memória da mineração apresentadas em torno das Minas do Hogó em Morro do Pilar são elementos que não são comuns na região da Serra do Cipó.

## Apoio local

---

O atrativo está abandonado pela comunidade e pelos órgãos públicos; contudo, parcela da população reconhece sua importância para a memória local.

## Estado de conservação

---

O estado de conservação é bastante regular, sendo que a área já foi bastante modificada ao longo do tempo, estando sujeita a incêndios constantes, contudo ainda insiste em sobreviver uma vegetação bastante adaptada a condições extremas.

## Infraestrutura

---

O atrativo não possui nenhuma infraestrutura destinada ao visitante.

Acesso: as Minas do Hogó encontram-se na periferia da sede municipal, acessível por rodovia pavimentada, embora as trilhas que levam às Minas sejam precárias.



# Candombe do Açude

|           |                             |
|-----------|-----------------------------|
| Município | Jaboticatubas               |
| Local     | Cardeal Mota                |
| Categoria | Atrativo cultural           |
| Tipo      | Formas de expressão         |
| Subtipo   | Música; Cênica performática |

A comunidade quilombola do Açude Cipó situa-se na área rural de Jaboticatubas, próxima à rodovia MG-10, nas proximidades do Parque da Serra do Cipó. Dista a três quilômetros do distrito de Cardeal Mota e a dois quilômetros do Rio Cipó, ocupando uma área de, aproximadamente, 11.000 m<sup>2</sup>. Na localidade, residem 11 famílias, em torno de 60 pessoas, que sobrevivem de trabalhos urbanos e rurais e da renda proveniente das aposentadorias de alguns membros da comunidade.

Segundo lideranças da comunidade, os escravos chegaram à região há cerca de 120 anos e lutam contra fazendeiros para permanecerem no local. Os primeiros moradores vieram da fazenda Cipó Velho. A comunidade se apresenta como uma grande família, preservando as tradições, mantendo, assim, um elo com o passado. O Candombe, cerimônia que nasceu em tempos de escravidão, é uma importante manifestação cultural.

O Candombe é a principal expressão cultural do Açude. As caixas de percussão, denominadas tambu, foram confeccionadas por antigos moradores no final do século XIX e início do século XX. Atualmente, não existem mais pessoas que saibam fazer o instrumento. Há intenção de construir um centro cultural para a preservação dessa tradição, comemorada no segundo sábado de setembro. Uma das atrações turísticas da região, o Candombe, é uma manifestação afro-brasileira num ritual de louvor a Nossa Senhora Aparecida e a outras entidades religiosas.

O ritual surgiu nos últimos anos da escravidão, quando os escravos já haviam assimilado vários aspectos da cultura colonial e incorporado elementos da religião católica. Antigamente reprimido pelos senhores, hoje, o Candombe é motivo de orgulho para as famílias, uma manifestação de fé e esperança. No ritual sagrado, não faltam canções com versos em português e muita cachaça, para descontração de quem vai prestigiar a festa.

Empunhando a bandeira de Nossa Senhora do Rosário, o líder do grupo, sempre a pessoa mais velha, entra na roda cantando a primeira música destinada a pedir proteção a Deus:

*“O Senhor me dá licença – BIS (2X)*

*De eu entrar nessa baixada – BIS (2X)”*

Desse momento em diante, entra uma pessoa de cada vez na roda

para dançar e cantar e as que estiverem do lado de fora formam um coral de resposta ao canto. As pessoas que estiverem assistindo à apresentação podem ser convidadas a dançar dentro da roda. Geralmente, os homens são responsáveis por tocar os instrumentos, tambu e caixa batuqueira. O tambu pertenceu aos escravos há, aproximadamente, 300 anos. Comprometido em manter fielmente a tradição, o grupo, assim como os antigos, não utiliza uniformes para dançar. Os integrantes do candombe dizem que o principal para manter a roda bonita e afinada é que todos estejam reunidos.

## Potencial de atratividade

A singularidade da expressão cultural, associada às festividades tradicionais religiosas são os aspectos mais notáveis do atrativo.

## Grau de uso atual

A manifestação é bem conhecida pelos turistas que visitam a região, sempre que é apresentado, há um fluxo importante de visitantes.

## Representatividade

Associado à cultura afro-brasileira, o candombe já foi elemento mais comum na região, contudo poucos ainda permanecem tão ativos como o dos Açudes.

## Apoio local

O candombe é bastante querido pela comunidade, destacando-se o fato de os mais jovens se interessarem pela manutenção da tradição.

## Estado de conservação

A expressão mantém suas tradições há séculos, e os instrumentos ainda são fabricados artesanalmente.

Infraestrutura: as apresentações acontecem na comunidade, que não possui muita estrutura destinada ao turismo.

## Acesso

O acesso à comunidade é feito a partir da MG10 por um pequeno trecho de estrada de terra.



## Guarda de Marujos de Nossa Senhora do Rosário de Congonhas do Norte

|           |                                    |
|-----------|------------------------------------|
| Município | Congonhas do Norte                 |
| Local     | Congonhas do Norte                 |
| Categoria | Atrativo cultural                  |
| Tipo      | Formas de expressão                |
| Subtipo   | Música; Dança; Cênica performática |

O município de Congonhas do Norte mantém viva a tradicional Guarda de Marujos de Nossa Senhora do Rosário, conhecida também como Marujada, por mais de 300 anos. As crianças de Congonhas do Norte já participam da marujada, para que a tradição não se perca. Os componentes da Guarda são devotos a Nossa Senhora do Rosário, usam as cores branco, vermelho e azul, que se destacam nas fitas e adornos dos chapéus. Atualmente, são 32 componentes que se dividem nas seguintes funções: dois violeiros, três contramestres que utilizam a espada, patrão, contramestre, piloto, e os outros são do pandeiro. Nos seus instrumentos de apresentação incluem as espadas, a viola de dez cordas, os pandeiros, tambores e sanfona. Os pandeiros, tambores e adornos são fabricados pelos próprios Marujos com madeira, couro e tecido.

A Marujada é uma tradição iniciada pelos africanos. Conta o senhor Cirilo, mordomo da Marujada, que, naquele tempo, um grupo ficou perdido no mar por 7 anos e 1 dia, sobrevivendo de água da chuva. Foi então que fizeram um sorteio para se alimentarem de um dos marinheiros do grupo; porém, o

sorteado foi o Capitão do grupo. Então, oraram para que Nossa Senhora do Rosário lhes concedesse a terra e, então, eles faziam uma festa para Ela. Foi então que o mar se abriu e os marinheiros desceram do barco, “bambos” de fome, surgindo a primeira marcha: “Não tem nada não, não tem nada não”, formando a cantoria. A primeira marcha, chamada Sexta-feira, conta a história da dificuldade dos marinheiros no mar e de como foram salvos. Durante as apresentações, são recitadas as mensagens para Nossa Senhora do Rosário e se faz a Coroação do Rei e da Rainha.

A Marujada mantém ensaios sempre antes das festas de que participam durante o ano. Durante o cortejo, as batidas e as danças são diferenciadas. Cada marcha possui sua própria dança. Participam das festas nas comunidades da região e também integram, em algumas festas, a Guarda de Marujos da Serra dos Alves, que também se unem à Marujada de Congonhas do Norte, notando-se, assim, a união dos grupos.

A Festa do Rosário, realizada em outubro, inicia-se na sexta-feira com a bandeira acompanhando a procissão até a Matriz de Santana para a realização da missa. Após o levantamento do Mastro, começa a festa do reinado do Rei do Rosário com celebração de missa no sábado. As festividades continuam no domingo com o encontro de cavalgadas e carros de boi. O reinado da Rainha do Rosário também acontece no domingo, com celebração de missa e procissão, acompanhada pela Marujada. Finaliza-se com a coroação dos reis e a entrega da coroa aos novos festeiros. Durante a festa recebem a mesada, que é a doação para a igreja. São servidos almoço e lanche nas casas para os Marujos. No juizado, as virgens e os rapazes acompanham a festa. Os Marujos buscam a rainha em casa e, depois, entregam-na. Em 1923, aconteceu a primeira festa do Rosário com os festeiros Camilo Rosa e Ana Pereira de Santana. A festa do Rosário é a principal festa da comunidade e a presença da tradição da Marujada em Congonhas do Norte ressalta a espiritualidade do povo da região.



### Potencial de atratividade

---

A singularidade da expressão cultural, associada às festividades tradicionais religiosas são os aspectos mais notáveis do atrativo.

### Grau de uso atual

---

Mais conhecida pelos frequentadores das festas religiosas.

### Representatividade

---

A expressão cultural das Marujadas já foi elemento bem comum na região, contudo poucas ainda permanecem tão ativas como a de Congonhas do Norte.

### Apoio local

---

A Marujada é bastante querida pela comunidade, destacando-se o fato de os mais jovens se interessarem pela manutenção da tradição; contudo, poderia receber mais apoio.

### Estado de conservação

---

A expressão mantém suas tradições há séculos, sendo que os instrumentos e as vestimentas ainda são fabricados artesanalmente.

### Infraestrutura

---

As apresentações acontecem na rua mesmo, durante os cortejos. Portanto, não possuem nenhuma infraestrutura destinada ao turismo.

### Acesso

---

O acesso ao município é por estrada pavimentada, necessitando de melhorias.





Atrativos Culturais

GASTRONOMIA TÍPICA

# Arroz Vermelho

|           |                                 |
|-----------|---------------------------------|
| Município | Jaboticatubas                   |
| Local     | Jaboticatubas                   |
| Categoria | Atrativo cultural               |
| Tipo      | Gastronomia típica              |
| Subtipo   | Receitas típicas e tradicionais |

O Arroz Vermelho é produzido no município de Jaboticatubas, mas é possível encontrá-lo em alguns restaurantes da região do distrito da Serra do Cipó. O Arroz Vermelho é uma variedade de sementes “crioulas” utilizadas pelos antigos habitantes da região da Serra do Cipó. Era plantado nas baixadas úmidas, sempre nos meses chuvosos. Nos dias atuais é raramente encontrado, mas permanece em alguns lugares a tradição de seu plantio, processamento e utilização.

Depois de colhido, o arroz é secado ao sol, conforme seu grau de umidade. Uma vez seco, é tradição na região descascar as sementes com a utilização de pilão manual e peneira, para socar e depois soprar a casca. O modo de preparo do arroz, já descascado e pronto para o consumo, é igual ao de um arroz comum, levando-se em conta que o tempo de cozimento é maior e necessita de mais água. Recomenda-se refogar o alho e a cebola em uma panela de barro, acrescentar o arroz, refogar e adicionar água até ficar cozido. Acompanha bem qualquer receita típica da gastronomia mineira, como o frango com quiabo e angu.

A receita pode ser encomendada no restaurante Coqueiros, às margens da MG -10, antes da ponte do Rio Cipó. O local, que funciona há mais de 10 anos, serve o arroz acompanhado de frango caipira com angu. A maior parte dos produtos utilizados é plantada e colhida na horta do próprio restaurante. O local funciona de quarta a domingo das 8 às 18 horas.

## Potencial de atratividade

Os aspectos interessantes da receita estão relacionados ao fato de o processo de plantio e beneficiamento do arroz ainda manter seu modo de fazer tradicional.

## Grau de uso atual

Ainda não está disponível na maioria dos restaurantes da região, por isso ainda é pouco conhecido pelos turistas.

## Representatividade

É um elemento da culinária muito ligado às tradições locais, com alguns raros similares.

## Apoio local

O produto é cultivado pelos moradores, com algum apoio na comercialização, precisa ser mais desenvolvido.

## Estado de conservação

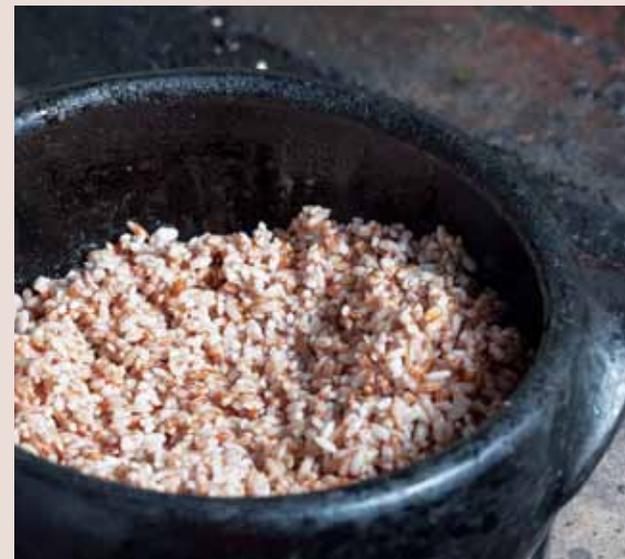
Os processos repetem ainda hoje o modo tradicional de plantio e preparo da receita.

## Infraestrutura

O arroz está disponível em alguns restaurantes, sob encomenda; também é possível encontrar o arroz em natura para comprar.

## Acesso

Os restaurantes estão localizados próximo ao distrito da Serra do Cipó, que é servido por rodovia pavimentada estadual.



## Bolinho de Feijão-miúdo

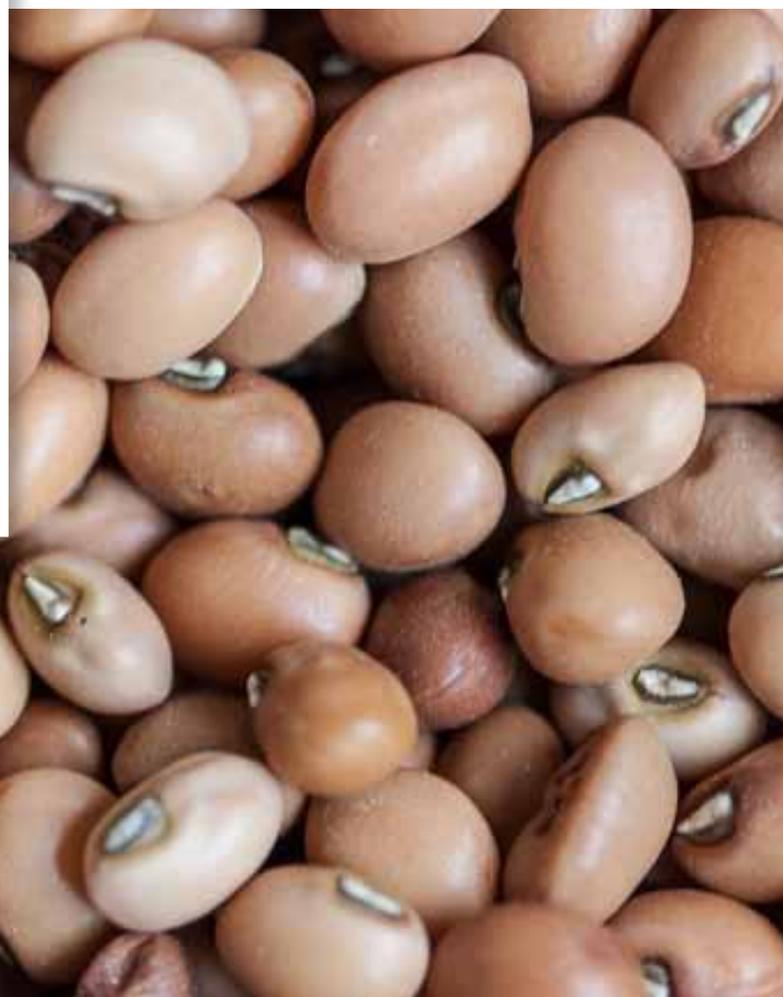
|           |                                 |
|-----------|---------------------------------|
| Município | Jaboticatubas                   |
| Local     | Lajeado                         |
| Categoria | Atrativo cultural               |
| Tipo      | Gastronomia típica              |
| Subtipo   | Receitas típicas e tradicionais |

A receita do Bolinho de Feijão-miúdo vem sendo repassada através de gerações no município de Jaboticatubas. O plantio, o cultivo e a colheita do feijão ainda são feitos na região do Lajeado, no mesmo município. Pode-se encontrar o bolinho em alguns bares da sede ou nas casas dos moradores, que o fabricam sob prévia encomenda.

A comunidade mantém o processo tradicional de fabricação do bolinho, que deve ser feito momentos antes do consumo. Sua receita pronta não deve ser armazenada, o que mantém a qualidade e sabor do produto. O

feijão miúdo, após ser colhido, é lavado e colocado para secar. Triturado em pedaços grosseiros no moedor à manivela, retira-se a casca, em peneira ou água corrente, e o coloca de molho em água para amolecer. Nesta fase, a força e paciência são essenciais para uma boa massa do bolinho, pois o feijão é colocado em pilão de madeira de ipê e é socado por mais de vinte minutos até que o feijão fique macerado, o que favorece a leveza da massa. Junta-se à massa um pouco de fubá de moinho d'água, também produzido na região. Após o tempero de sal e pimenta a gosto, o bolinho é frito em óleo. O Bolinho de Feijão Miúdo pode ser consumido quente ou frio. Tradicionalmente, a massa é bem apimentada. Pode ser acrescentado recheio, após pronto.

Dona Rosângela, nativa de Jaboticatubas, aprendeu a receita com sua mãe, que também tinha aprendido na família. Lembra que antes, quando ainda morava na roça, ela mesma plantava o feijão, mas agora compra dos poucos agricultores que ainda cultivam esta variedade no município de Jaboticatubas. Ela explica que: “quando se faz algo com amor, algo que se gosta, sempre fica bom”. Ela já vende os bolinhos sob encomenda há muitos anos e os fabrica numa pequena cozinha montada na varanda de sua casa, mas ainda deseja montar seu próprio negócio. Assim, poderá vender a tradicional receita de Bolinho de Feijão-miúdo e manter toda a sua história.



## Potencial de atratividade

A receita é preparada com ingredientes produzidos na região da Serra do Cipó, passada a gerações e com utilização de sementes “crioulas”. Esses são alguns dos aspectos expressivos capazes de motivar os visitantes.

## Grau de uso atual

A receita é pouco conhecida pelos visitantes, os bolinhos são vendidos em bares e fabricados durante algumas festividades locais.

## Representatividade

A região da Serra do Cipó mantém outras receitas com características similares, mas a do Bolinho de Feijão-miúdo parece que é encontrada somente em Jaboticatubas.

## Apoio local

Assim como a cozinheira entrevistada, outras pessoas apoiam a iniciativa de resgatar e manter essa tradição.

## Estado de conservação

Do ponto de vista do processo de fabricação e obtenção dos ingredientes, a receita mantém vários elementos tradicionais, como o processamento em pilão de madeira e a utilização da variedade específica de feijão.

## Infraestrutura

A receita é fabricada na própria casa da cozinheira, e o bolinho vendido nos bares da cidade, necessitando de adequações e melhorias para atender a um fluxo maior de visitantes, bem como a adesão de mais pessoas para a manutenção da receita.

## Acesso

Localizado na sede do município de Jaboticatubas, que é servido por rodovia pavimentada estadual.



## Bolo de Kubu

|           |                                 |
|-----------|---------------------------------|
| Município | Itabira                         |
| Local     | Ipoema                          |
| Categoria | Atrativo cultural               |
| Tipo      | Gastronomia típica              |
| Subtipo   | Receitas típicas e tradicionais |

As quitandas estão presentes na história de Ipoema, sendo o Bolo de Kubu uma das mais típicas e tradicionais receitas da Estrada Real. Originalmente, o Kubu era preparado pelos tropeiros durante suas viagens. Todos os alimentos por eles levados eram alimentos não perecíveis e, da união de alguns desses ingredientes, surgiu o Kubu, que é um tipo de bolo assado em folha de bananeira. Os tropeiros faziam a massa, enrolavam-na na folha de bananeira e assavam no borralho. A folha de bananeira protegia o alimento, porém o bolo era tido como feio; daí a origem da expressão kubu quando se faz referência a alguém considerado feio.

O preparo do Kubu demanda tempo e paciência, pois é trabalhoso. Derrete-se a rapadura na panela, reservando-a até esfriar. Adiciona-se o bicarbonato e bate-se até que a mistura fique branca. Em seguida, junta-se

manteiga, coalhada, ovos, fubá de moinho d'água, farinha de trigo e cravo e canela a gosto. Limpam-se as folhas de bananeira, esquentando-as no forno para que amoleçam, cortando-as em pedaços médios e usando-as para enrolar a massa. Atualmente, usa-se o forno a lenha para assar o Kubu, que leva entre 15 e 20 minutos para ficar pronto. Deve ser retirado da folha de bananeira apenas no momento de ser degustado. Há variações na receita; às vezes, não se usa a rapadura para que não fique doce. Pode ser assado, também, em panela no fogão, mas ainda é necessário cobrir a panela com carvão, para que o bolo seja assado por igual.

O preparo do Kubu está se perdendo no Distrito de Ipoema. Por ser trabalhoso e por faltar incentivo, as quitandeiras estão deixando de fazê-lo e as novas gerações não têm interesse em aprender o costume. O Kubu foi preparado por Heloísa Helena dos Santos, 44 anos, e assado no forno a lenha de Dona Calita. Ainda é fabricado por encomenda, mas não é encontrado sempre no distrito.



## Potencial de atratividade

A quitanda é preparada ainda segundo as tradições e costumes da época dos tropeiros, assada em forno artesanal e enrolada na folha de bananeira, sendo esses os aspectos mais expressivos.

## Grau de uso atual

A receita é bem conhecida na região, sendo que já foi levada em diversos congressos de turismo, representando a Estrada Real. Atualmente, não é encontrada com facilidade em Ipoema.

## Representatividade

É uma receita bastante singular na Estrada Real, sendo que, na região da Serra do Cipó, é somente encontrada no distrito de Ipoema e em Senhora do Carmo (Serra do Alves).

## Apoio local

A comunidade reconhece a importância da preservação da tradição, porém é necessário motivar a continuidade da produção, haja vista que a maioria das pessoas que conhecem a receita alega que é muito trabalhoso prepará-la.

## Estado de conservação

O processo de fabricação e os ingredientes utilizados seguem a tradição da época dos tropeiros.

## Infraestrutura

A receita é fabricada e assada na própria casa das quitandeiras, sob encomenda; o kubu não é encontrado nos comércios da cidade.

## Acesso

Localizado na sede do distrito de Ipoema, que é servido por rodovia pavimentada estadual.



## Banana Verde

|           |                                 |
|-----------|---------------------------------|
| Município | Itambé do Mato Dentro           |
| Local     | Cabeça de Boi                   |
| Categoria | Atrativo cultural               |
| Tipo      | Gastronomia típica              |
| Subtipo   | Receitas típicas e tradicionais |

A receita da Banana Verde vem sendo repassada através de gerações no município de Itambé do Mato Dentro, principalmente na comunidade de Santana do Rio Preto, conhecida também como Cabeça de Boi. O plantio, o cultivo e a colheita da banana ainda são feitos na região.

A culinária da banana é uma forte herança africana do século XVI e tornou-se muito presente nas plantações brasileiras. Nenhuma fruta teve popularidade tão fulminante como a banana, no que diz respeito à quantidade, à distribuição e ao consumo. Pode-se encontrar a Banana Verde em alguns bares da comunidade ou nas casas dos moradores que a preparam sob prévia encomenda. A melhor banana para o preparo é a banana Caturra, mas pode ser usada também a banana da Terra. São diversas as maneiras de preparar a banana verde: lasanha, salada, farofa, angu, sopa e o doce feito da casca da banana. Destaca-se a banana verde frita, ou Chips de Banana, que já é encontrada embalada em postos de venda.

De acordo com a Sra. Geralda Rosa Bittencourt, 46, esposa de Vicente Cândido Bittencourt, moradores da comunidade de Cabeça de Boi, o processo tradicional de preparação das receitas ainda é mantido. A banana, colhida ainda verde, é picada e preparada pelas mãos das mulheres de Cabeça de Boi, que aprenderam as receitas com os seus antepassados. A receita da salada de banana leva seis bananas caturras verdes; 2 colheres de sopa de óleo; 1 colher de sopa de alho e sal; 2 colheres de sopa de colorau (opcional); cebolinha fresca picada à gosto. É preparada em uma panela, dourando-se o alho e o sal no óleo, em fogo brando. Acrescentam-se as bananas verdes picadas e mexe-se, acrescentando o colorau para dar a cor desejada. Acrescenta-se a cebolinha picada na hora de servir. Pode-se temperar também com cebolas de cabeça.

A Banana Verde de Cabeça de Boi foi registrada como Patrimônio Imaterial, denominada Tradição da Culinária da Banana, sensibilizando o município ao que se refere à cultura local. O registro foi uma iniciativa da Prefeitura Municipal em parceria com o Conselho de Patrimônio Cultural de Itambé do Mato Dentro. Tem como intuito estimular o fortalecimento da culinária tradicional, tornando-se um bem cultural e importante instrumento da memória do povoado de Cabeça de Boi.



## Potencial de atratividade

As receitas com banana verde são variadas e passaram por processo de registro como bem cultural municipal, sendo estes os aspectos mais expressivos.

## Grau de uso atual

As receitas com banana verde são bem conhecidas na região, sendo servidas nos restaurantes e bares da região; são facilmente encontradas pelos visitantes.

## Representatividade

A banana verde também é utilizada na culinária em outras regiões; porém, na Serra do Cipó, é mais difundida em Itambé do Mato Dentro.



## Apoio local

A comunidade está organizada em torno da tradição, seu uso está sendo estimulado e reconhecido como importante instrumento da memória do povoado de Cabeça de Boi.

## Estado de conservação

O processo de preparação das receitas e a forma de cultivo dos ingredientes estão sendo mantidos segundo a tradição.

## Infraestrutura

É relativamente fácil encontrar as receitas à base de banana verde nos bares e restaurantes do povoado, bem como na sede municipal.

## Acesso

A sede do município está em vias de ter seu acesso todo por asfalto a partir da capital, contudo, para o povoado de Cabeça de Boi, são cerca de 15km em estrada de terra, necessitando de melhorias.



## Gondó e Umbigo de Banana

|           |                               |
|-----------|-------------------------------|
| Município | Conceição do Mato Dentro      |
| Local     | Fazenda Mariana               |
| Categoria | Atrativo cultural             |
| Tipo      | Gastronomia típica            |
| Subtipo   | Receitas típicas tradicionais |

Gondó, Maria-Gondó ou Capiçoba é uma verdura encontrada nas hortas mineiras. Parecida com a mostarda, planta nativa do Brasil, tem potencial de uso como hortaliça ainda pouco explorado. É uma verdura mineira que andou sumida por muito tempo, mas agora vem despertando o paladar e o interesse dos gastrônomos de Minas Gerais.

O Gondó (*Erechtites valerianifolius*) é uma espécie botânica pertencente à família Asteraceae. É uma planta anual, herbácea, com 0,5 a 2 m de altura ou mais. Dá flor quase o ano inteiro e de forma mais intensa de outubro até dezembro. Os nomes populares capiçova e capiçoba provêm das palavras tupi ka' pii «erva» e sowa «folha». A planta é nativa da América do Sul, do México até a Argentina. O Gondó é considerado uma erva daninha, porém, as inflorescências e folhas são usadas como hortaliça. São preparadas, entre outros, na forma de refogados, e apreciadas por serem saborosas; o gosto lembra o jambu. A planta é rica em proteínas: 23% da base seca. É parente do dente-de-leão, da losna ou absinto, da serralha e serralhinha, da margarida, da calêndula, da camomila, da alcachofra e de todas estas plantas inofensivas com flores em capítulos, característica importante nesta família.

Tradicionalmente utilizada como todas as outras folhas mineiras, refogada e servida com angu, feijão e carne de porco, o Gondó é potencialmente comerciável como verdura, por ser deliciosa refogada e pelo seu alto teor de vitamina A. Na cozinha, também pode e deve ser usada crua, revelando alguma picância e um leve sabor de manga verde, bem interessante. Substitui a rúcula perfeitamente. Podem-se encontrar as receitas elaboradas com o Gondó e o Umbigo de Banana na Fazenda Mariana, pertencente ao casal Mário Lúcio e Ana Saldanha. A Fazenda Mariana está localizada no município de Conceição do Mato Dentro, anteriormente conhecida como Fazenda Palmital, devido à grande quantidade de palmito na região.

O Gondó deve ser lavado e pode ser servido de diversas maneiras, picado e refogado no alho, acompanha o angu, que pode ser servido frio ou frito misturado já com o Gondó. Para o preparo do umbigo de banana é necessário picá-lo debaixo d'água corrente. Retira-se o excesso até que fique apenas a parte macia do umbigo de banana. Pica-se em rodela, ainda debaixo de água corrente e ferve-se três vezes com bicarbonato de sódio para retirar a nódoa.



## Potencial de atratividade

O Gondó é uma hortaliça tradicional que exerceu influencia na alimentação da população da região cujo consumo tem diminuído bastante.

## Grau de uso atual

A verdura é praticamente desconhecida dos turistas que visitam a região, contudo já compôs pratos premiados em festivais gastronômicos.

## Representatividade

É um elemento raro na região da serra do Cipó, que representa um costume tradicional.

## Apoio local

A receita tem apoio da comunidade para se manter.

## Estado de conservação

As receitas que utilizam a planta são preparadas ainda de maneira tradicional.

## Infraestrutura

Não se encontra facilmente a verdura nos restaurantes da região, contudo pode ser encomendada com alguns moradores.

## Acesso

Disponível na Fazenda Mariana a 5 quilômetros da sede municipal.



## Pastel de Angu

|           |                          |
|-----------|--------------------------|
| Município | Conceição do Mato Dentro |
| Local     | Conceição do Mato Dentro |
| Categoria | Atrativo cultural        |
| Tipo      | Gastronomia típica       |
| Subtipo   | Receitas tradicionais    |

O pastel de angu é considerado um prato típico de Conceição do Mato Dentro e seu surgimento é atribuído aos antigos moradores. Sua receita surgiu em um período de dificuldade financeira da população que utilizava a sobra do angu como massa para o pastel. A receita tradicional vem nos sabores carne e queijo, e tanto a massa como a forma de fazer são artesanais.

Como cidade que recebia gente de todas as regiões do país e do mundo, desde sua fundação, Conceição também ajudou a estabelecer as bases para o nascimento de uma gastronomia muito peculiar e bem feita ao modo de vida dos mineiros. Dessa forma, desde o tempo do arraial, foram surgindo influências que misturavam costumes indígenas, de negros africanos, portugueses e de imigrantes de todas as partes do mundo. O que ficou de registro nessa cultura

alimentar se perpetuou e atravessou séculos. Conceição do Mato Dentro foi o berço do famoso pastel de angu, até hoje uma tradição culinária que pode ser encontrada em bares e restaurantes da cidade.

Quem conta sobre o surgimento dessa receita do pastel de angu é Dona Lélia Generoso, esposa do professor Antônio Magno. Segundo ela, a receita de pastel de angu foi passada por sua mãe; no passado o angu era a comida mais comum entre os escravos. A receita foi passada por uma escrava que tomava conta da mãe dela. O angu era muito fácil de fazer, visto que o fubá não era uma comida muito valiosa à época, e o recheio do pastel era feito com as sobras das refeições dos fazendeiros. Assim nasceu o pastel de angu, foi passando de geração em geração até chegar aos dias de hoje, referência gastronômica no mundo inteiro.

O modo de preparo começa com a fervura de meio litro de água em uma panela, outro meio litro bate-se no liquidificador com cebolinha, salsa, loro, cebola, sal, alho e pimenta a gosto. Depois de bem batido, colocam-se 300 gramas de fubá no liquidificador e vira-se tudo na água fervendo, misturando bem para não empelotar. Tampa-se e deixa-se cozinhar por 1 hora. Mistura-se o restante do fubá e mexa até ficar uma massa homogênea. Coloca-se a massa numa gamela, umedeça um plástico para tampar a massa sem deixar entrar ar. Depois de frio, sova-se bem. Deve-se molhar a mão para ir moldando a massa até ficar bem fina. Recheio a gosto, apesar de o usual ser de carne moída.



## Potencial de atratividade

A receita é uma marca importante na identidade regional, além de o pastel ser muito saboroso.

## Grau de uso atual

Bem conhecido e procurado pelos turistas que visitam Conceição do Mato Dentro.

## Representatividade

É uma receita bastante singular na região da Serra do Cipó, encontrado somente em Conceição do Mato Dentro.

## Apoio local

A comunidade está envolvida na manutenção da tradição, pois o pastel é fabricado em diversas residências e disponível em alguns bares e restaurantes.

## Estado de conservação

Aparentemente a receita tem se mantido ao longo dos anos, com a utilização de ingredientes da própria região, como o fubá de moinho d'água.

## Infraestrutura

O pastel é feito e vendido na própria casa dos moradores, congelado, ou nos restaurantes da sede do município já pronto ou frito na hora.

## Acesso

Localizado na sede municipal, que é servido por rodovia pavimentada estadual.





Atrativos Culturais  
**ARTESANATO**

# Artesanato Dom Cipó

|           |                                |
|-----------|--------------------------------|
| Município | Dom Joaquim                    |
| Local     | Dom Joaquim                    |
| Categoria | Atrativo cultural              |
| Tipo      | Artesanato / Trabalhos manuais |
| Subtipo   | Tecelagem                      |

Em Dom Joaquim, artesãos que trabalham com diversos materiais se organizaram e formaram a Associação dos Produtores Artesanais Dom Cipó – APRADOC. O resgate e a manutenção das tradicionais técnicas de tecer os tapetes arraiolos constituem o principal produto da Associação, tendo como diferencial os motivos que ressaltam a biodiversidade da região da Serra do Cipó, como as “sempre-vivas” e as “canelas-de-ema”. Os tapetes de arraiolo são tapetes bordados em lã, com o ponto de costura com o mesmo nome, sobre uma tela de juta, algodão ou linho, característicos da vila alentejana de Arraiolos em Portugal.

A Dom Cipó existe formalmente há cerca de quatro anos, contando com, aproximadamente, 30 artesãos associados, fruto de uma parceria entre o Sebrae-MG e a Prefeitura Municipal que capacitou os artesãos de Dom Joaquim. Dentre os produtos confeccionados, encontram-se artigos de decoração e utilidades domésticas feitos com cabaça e fibras naturais de taboa, bananeira, palha, bambu, piteira, madeira, tecidos e pedra-sabão encontrados na região.

A Associação já possui as máquinas de costura, mesas e matéria-prima para confecção das peças, vitrines e prateleiras, porém necessita de espaço para a montar os equipamentos e iniciar os trabalhos. A apresentação dos produtos está desordenada no pequeno espaço que possuem, causando uma desvalorização do artesanato. Há também a necessidade de local para escoamento do material fabricado. As informações foram fornecidas pela sra. Assunção, 67, conhecida como Titi. A Associação funciona todos os dias, no horário de 12 às 17 horas.



## Potencial de atratividade

O artesanato tem como diferencial a utilização de símbolos da flora da serra do cipó.

## Grau de uso atual

Os produtos são vendidos na loja da sede do município, sendo maior a comercialização na época das festas; participam também de feiras de artesanato em outros locais.

## Representatividade

O tapete de arraiolo é o elemento de maior importância produzido pela associação, mantendo uma tradição da região.

## Apoio local

A associação conta com um número expressivo de artesãos e a comunidade reconhece a importância do artesanato local.

## Estado de conservação

O processo de fabricação do tapete segue a tradição secular, transmitido de geração em geração.

## Infraestrutura

A Associação possui uma loja cedida pela Prefeitura Municipal, mas o espaço é pequeno e necessitam de um galpão para abrigar a produção.

## Acesso

O município está em fase final de pavimentação de seu acesso pela MG-10, sendo que a sede da associação fica na área central do município.

## Artesanato em Bambu

|           |                                |
|-----------|--------------------------------|
| Município | Taquaraçu de Minas             |
| Local     | Taquaraçu de Minas             |
| Categoria | Atrativo cultural              |
| Tipo      | Artesanato / Trabalhos manuais |
| Subtipo   | Cestaria                       |

No município de Taquaraçu de Minas, encontra-se ainda a tradição do artesanato em bambu, para fabricação de esteiras e cestas, produtos típicos da região da Serra do Cipó. Esse artesanato é produzido, principalmente, pelos artesãos do município, em suas residências. Após a colheita do bambu, ele é descascado e cortado para a preparação das taquaras. As taquaras são trançadas de acordo com o produto a ser fabricado. São produzidas esteiras para forro, cestas, peneiras e balaios. Os produtos, atualmente, são feitos por encomenda e os pedidos não têm uma quantidade regular. Pode-se encontrar o artesanato nas residências dos artesãos de Taquaraçu e em alguns pontos de venda de outros municípios, por exemplo, em Belo Horizonte. Os artesãos utilizam facões, facas, martelos e marretas em sua produção.



### Potencial de atratividade

O aspecto mais expressivo do artesanato está na tradição, pois trata-se de atividade desenvolvida há tempos, muito valorizada nos períodos da ocupação do território.

### Grau de uso atual

Poucos são os turistas que visitam Taquaraçu de Minas, sendo que os trabalhos em bambu são procurados, mas grande parte da produção ainda é vendida a atravessadores.

### Representatividade

Poucos são os lugares onde ainda se encontra a tradição dos trabalhos de cestaria com bambu.

### Apoio local

São diversas as pessoas da comunidade envolvidas na atividade de fabricação do artesanato, contudo elas necessitam de organização para oferecer o trabalho aos turistas.

### Estado de conservação

A atividade é desenvolvida nas próprias residências, mantendo a tradição de fabricação.

### Infraestrutura

A atividade não dispõe de nenhuma infraestrutura específica para os visitantes, sendo possível encontrar algumas peças em comércios da sede do município.

### Acesso

A sede do município é servida por rodovia pavimentada.

## Artesanato em Couro

|           |                          |
|-----------|--------------------------|
| Município | Conceição do Mato Dentro |
| Local     | Conceição do Mato Dentro |
| Categoria | Atrativo cultural        |
| Tipo      | Artesanato               |
| Subtipo   | Couro                    |

Pioneiro em sua região, com a vida toda dedicada à profissão de seleiro, João Luiz de Almeida, conhecido como “Velho Majó”, foi referência no município de Conceição do Mato Dentro na arte de fabricar arreios e selas. Sua família aprendeu com o patriarca, João Majó, a trabalhar com o couro. Fabricam sandálias há 30 anos, as famosas sandálias de couro de Conceição do Mato Dentro, que são uma tradição herdada do Velho Majó, uma homenagem ao tradicional seleiro João Majó.

Foi a partir do desmonte de uma “sela paulista” – diferente da utilizada na região – que João Majó iniciou seu principal ofício, apesar da diversificação de produtos, todos voltados para montaria, que fabricou durante todas essas décadas. As selas de João Majó se tornaram famosas, fama que foi muito além de Conceição do Mato Dentro pelo grande capricho e perfeição com que eram confeccionadas. Recentemente, ele foi um dos artesãos que participaram do Projeto Resgate Cultural, do Sebrae-MG, que valoriza e tenta manter a tradição de velhos ofícios. O trabalho com arreios foi publicado no livro Mestre de Ofícios de Minas Gerais. A tradição do artesanato em couro é marca da família Majó. A produção desse artesanato é saber repassado por gerações.

O artesanato em couro na cidade de Conceição do Mato Dentro merece destaque na produção artesanal da região da Serra do Cipó. São diversas as peças produzidas, desde calçados, bolsas, arreios e selas, até cintos, dentre outras. Tudo é feito à mão e com riqueza de detalhes que valorizam e tornam cada peça única. Desde o couro em sua coloração natural aos mais variados tons e apliques, a produção desse artesanato compõe a riqueza artística da cidade.



## Potencial de atratividade

A tradição regional do artesanato em couro resgatada pelos herdeiros do Velho Majó é um dos aspectos mais significativos do atrativo.

## Grau de uso atual

As sandálias são conhecidas e procuradas pelos turistas que visitam a região.

## Representatividade

A tradição dos Mestres de Ofício está sendo resgatada em todo o estado e a arte em selaria de Conceição do Mato Dentro foi certificada em 2002.

## Apoio local

Os artesãos reconhecem a importância do turismo para a manutenção da atividade, tanto que se adaptaram a produtos de maior aceitação, como as sandálias.

## Estado de conservação

O ofício da selaria mantém ainda suas tradições em Conceição do Mato Dentro, sendo que as técnicas de trabalhar o couro ainda permanecem.

## Infraestrutura

É possível encontrar os produtos de artesanato em couro em lojas de Conceição do Mato Dentro ou diretamente com os fabricantes.

## Acesso

O município é servido por estrada pavimentada necessitando de conservação; as lojas e as fábricas onde é produzido o artesanato estão na sede municipal.



# Artesanato em Fibra de Bananeira

|           |                                |
|-----------|--------------------------------|
| Município | Nova União                     |
| Local     | Carmo da União                 |
| Categoria | Atrativo cultural              |
| Tipo      | Artesanato / Trabalhos manuais |
| Subtipo   | Fibras naturais                |

No distrito de Carmo da União, a cerca de 8km da sede do município de Nova União, destaca-se a tradição do artesanato em fibra de bananeira, planta muito cultivada na região. Produzido principalmente por dois artesãos, Edicarlos e Maria Ilma, o artesanato com a fibra de banana possui grande potencial para ser explorado comercialmente, porém, como não há incentivo para a produção, a existência da atividade está em risco.

A fibra da folha de bananeira é retirada pelos próprios artesãos que já trabalham no ofício há mais de 10 anos, confeccionando bonecas, brincos, porta-retratos, imagens de santos, dentre outros. As peças são fabricadas por encomenda e não são comercializadas em feiras ou lojas. Os artesãos iniciaram a produção através de um curso de artesanato em fibra de bananeira, uma vez que o município é um dos maiores produtores do estado dessa fruta; logo, a matéria prima é farta.

Daí, Edicarlos se firmou como autodidata no ofício e “pioneiro na cidade”: das primeiras peças em forma de boneca, passou a criar porta-retratos, caixas, presépios, quadros com paisagens, bijuterias e até imagens da Santa Ceia. “A identidade do artesão está em criar. Algumas eu imaginei e fiz; outras, as pessoas foram encomendando e sugerindo para mim”, destaca. O artesão acrescenta que, além de ser um “meio de sobreviver”, o artesanato “é uma forma de aproveitar a bananeira, valorizar o produto típico da região e o título da cidade”.

O jovem conta que a fibra da bananeira é obtida de duas formas diferentes: extraída do caule após a colheita dos cachos de banana - “para não matar o pé antes da hora” - ou a partir dos talos de palha que caem naturalmente do vegetal. O passo seguinte é o tratamento da matéria-prima para a secagem, que leva de quatro a cinco dias. “Passo uma cera pastosa e um verniz fosco nos talos, que dão um visual mais rústico na peça”, afirma. Depois de secas, as fibras já estão prontas para o manejo cuidadoso do artesão. A peça mais simples, o par de brincos, por exemplo, leva em média duas horas para ficar pronta.

Todo o trabalho é feito em casa, onde Edicarlos mora com os pais. “Comecei por necessidade, mas hoje faço com muito amor”, diz. Na roça onde vive, ele é o único a trabalhar com a fibra da bananeira, e tornou-se conhecido pela criatividade e zelo com os produtos únicos feitos por ele, sob encomenda. Em algumas ocasiões, ele expõe o trabalho na capital, em eventos promovidos pelo Circuito Serra do Cipó.

## Potencial de atratividade

Destaca-se no artesanato o aproveitamento de matéria-prima até então sem utilidade, sem deixar de destacar a qualidade das peças.

## Grau de uso atual

Poucos são os turistas que visitam a região, sendo que os trabalhos em fibra ainda são pouco procurados.

## Representatividade

Não se trata de um elemento raro, contudo tem bastante expressão na região da Serra do Cipó.

## Apoio local

São poucas as pessoas envolvidas com o artesanato, mas com grande interesse em ofertar para os turistas.

## Estado de conservação

A atividade é desenvolvida nas próprias residências e as técnicas foram desenvolvidas pelos próprios artesãos.

## Infraestrutura

A atividade não dispõe de nenhuma infraestrutura específica para os visitantes, sendo possível encontrar algumas peças diretamente com os fabricantes.

## Acesso

As artesãs trabalham no povoado de Carmo da União, sendo que a sede é servida por rodovia pavimentada e o povoado é acessível por estrada de terra.



## Artesanato em Palha de Taquaraçu e Indaiá

|           |                             |
|-----------|-----------------------------|
| Município | Morro do Pilar              |
| Local     | Morro do Pilar              |
| Categoria | Atrativo cultural           |
| Tipo      | Trabalhos manuais           |
| Subtipo   | Palha de taquaraçu e indaiá |

O município do Morro do Pilar se destaca pela tradição do artesanato em palha de indaiá e taquaraçu, plantas nativas da região, o qual é produzido principalmente pelas mulheres do município. A técnica de trançar a palha é passada de geração em geração, sendo utilizada praticamente para a fabricação de chapéus. Dona Sônia, filha de Dona Maria – que também faz o chapéu de palha de indaiá –, conta que aprendeu o ofício na família, porém tem medo de que a tradição se perca, pois, em suas palavras, “os filhos de hoje em dia não querem saber de aprender”.

A palha de indaiá é retirada do coqueiro; retiram-se os talos e colocam-se as folhas no sereno da noite para abrir a folha. Devem ser deixadas no sol para secar. Após secas, são feitas as fitas de palha com,

aproximadamente, 1cm de largura. As fitas são rasgadas com pente de ferro, formando fitas menores. Para cada trança são necessárias 26 pernas. Depois de feita, a trança é passada num rolo manual para amaciar. As fitas são costuradas à mão com uma linha encerada com cera de abelha; as próprias mulheres enceram a fita e a costuram de maneira tão delicada que não aparece no chapéu. O chapéu vai sendo moldado com as tranças e colocado para secar ao sol. Cada chapéu demora, em média, três dias para ficar pronto.

As folhas de indaiá podem ser retiradas várias vezes ao ano se forem retiradas de maneira correta, diferentemente da folha de taquaraçu que só se tira uma vez, e depois se perde. São dois tipos de chapéu: o da palha mais grossa e o da palha mais fina. O mais grosso é chamado de “meião” e necessita de quatro braços de fita para ser feito, enquanto o mais fininho precisa de sete a oito braços. O Chapéu de Palha de Taquaraçu é mais grosseiro e utilizado nas festas juninas; a palha é mais dura e a costura pode ser feita na máquina, e não à mão. O processo de preparação da palha é o mesmo da palha de indaiá.

Em todo o Morro do Pilar, podem-se encontrar nas ruas as mulheres trançando a palha enquanto caminham, fazem suas compras, levam as crianças para a escola. São mais de 50 trançadeiras por todo o município. Nota-se que a tradição está se perdendo devido à falta de valorização do artesanato. Cada chapéu é vendido nos valores entre R\$ 6,00 e R\$ 30,00.



## Potencial de atratividade

O aspecto mais expressivo do artesanato está na tradição das trançadeiras presentes em Morro do Pilar; trata-se de uma atividade desenvolvida há tempos.

## Grau de uso atual

Poucos são os turistas que visitam Morro do Pilar, sendo que os trabalhos em palha são procurados, mas grande parte da produção ainda é vendida a atravessadores.

## Representatividade

Trabalhos artesanais são desenvolvidos por toda a região da Serra do Cipó, mas, tradicionalmente, os produtos desenvolvidos em Morro do Pilar são bastante singulares.

## Apoio local

São diversas as pessoas da comunidade envolvidas na atividade de fabricação do artesanato, contudo elas necessitam de organização para oferecer o trabalho aos turistas.

## Estado de conservação

A atividade é desenvolvida nas próprias residências, mantendo a tradição de fabricação, mas há indícios do rareamento da matéria-prima, principalmente do taquaraçu.

## Infraestrutura

A atividade não dispõe de nenhuma infraestrutura específica para os visitantes, sendo possível encontrar algumas peças em comércios da sede do município.

## Acesso

As artesãs trabalham, em grande parte, na sede municipal e no povoado da Lapinha, sendo que a sede é servida por rodovia pavimentada, e o povoado é acessível por estrada de terra.





Atrativos Culturais

SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

# Abrigo da Lapa Grande

|           |                     |
|-----------|---------------------|
| Município | Taquaraçu de Minas  |
| Local     | Fazenda Lapa Grande |
| Categoria | Atrativo natural    |
| Tipo      | Sítio arqueológico  |
| Subtipo   | Cerâmico            |

O abrigo da Lapa Grande está localizado às margens do Rio Taquaraçu, na Fazenda Lapa Grande, área rural a 13 km do município de Taquaraçu de Minas. O abrigo desenvolve-se sob rocha calcária e não apresenta muitas ornamentações. A entrada principal localiza-se a poucos metros do nível do Rio Taquaraçu, com aproximadamente 3 metros de altura em meio a blocos abatidos. O caminho é tranquilo, feito por condutos amplos. No entorno,

floresta estacional decidual, observa-se vegetação de grande porte na margem do rio e de menor porte no topo do maciço. O abrigo é tombado pelo Iphan, Ibama e IEF.

No local foram escavados diversos utensílios, como cacos cerâmicos, associados à cultura Aratu-Sapucai, que ocupou a região no passado. A visita se dá em caráter de passeio e contemplação. Não é cobrada nenhuma taxa de visita, e o acesso não possui restrições, sendo necessária autorização do proprietário do local. Não possui nenhum tipo de infraestrutura de atendimento ao turista. Para se chegar à entrada principal, existe uma passagem estreita entre paredão e o Rio Taquaraçu onde os frequentadores instalaram um cabo de aço para dar segurança.

Observam-se sinais de depredação por toda parte como pichações feitas com carvão, tinta vermelha e incisões, o que é preocupante, uma vez que se trata de um sítio arqueológico. Restos de fogueira, lixo e espeleotemas arrancados são indícios de que o lugar é muito frequentado, principalmente por pescadores. Em referência à acessibilidade, não há facilidade de acesso para pessoas com deficiência nem mobilidade reduzida.

## Potencial de atratividade

O sítio arqueológico é o aspecto mais representativo avaliado.

## Grau de uso atual

O local é frequentado por moradores da região e turistas esporádicos.

## Representatividade

O abrigo em calcário é bastante interessante, mas os aspectos de sua ocupação histórica também merecem destaque.

## Apoio local

Não existe muito apoio por parte da comunidade, mas os proprietários da fazenda não se opõem à visita, contudo é necessário para isso autorização dos órgãos competentes.

## Estado de conservação

O entorno do atrativo encontra-se mal conservado com depredações nas paredes, lixo e pichações.

## Infraestrutura

É acessível por trilha, esta é o único caminho disponível.

## Acesso

Por estrada de terra e trilha de grau de dificuldade mediano.

## Serra dos Milagres

|           |                       |
|-----------|-----------------------|
| Município | Itambé do Mato Dentro |
| Local     | Serra dos Milagres    |
| Categoria | Atrativo natural      |
| Tipo      | Sítio arqueológico    |
| Subtipo   | Arte rupestre         |

A aproximadamente 3km da sede do município de Itambé do Mato Dentro, localiza-se a Serra dos Milagres, caracterizada pela ocorrência de um sítio arqueológico e um córrego que corre sobre um lajeado com uma pequena cascata e vários locais propícios para banho. Próximo ao sítio está a Cachoeira dos Milagres, com águas claras e amareladas que formam ‘painéis’ nas pedras, sendo ideais para banho. Com grande incidência de raios solares, compõe o cenário com o paredão do Sítio Arqueológico.

O percurso até a cachoeira é composto por vegetação de transição entre

Cerrado e Mata Atlântica com resquícios de campos rupestres, ocorrendo presença de diversas orquídeas e cactáceas. Há algumas árvores curiosas como o “sangue de boi” (denominação dada pela população, uma vez que o tronco é todo coberto em vermelho, lembrando um sangue de boi). O Sítio, que é composto por grandes paredões de quartzito que formam diversos abrigos na sua base, não foi escavado e não há controle da visitação. Com isso, nota-se o vandalismo com a depredação das paredes quebradas e pichadas com carvão. Seu entorno é cercado pela vegetação típica de Cerrado.

Os grafismos presentes na Serra dos Milagres caracterizam-se por zoomorfos pintados em vermelho e ocre, o que corresponde provavelmente à Tradição Planalto. Há também um conjunto de estrelas ou asteriscos pintados nas cores vermelho e preto, que chamam muita a atenção. Possui visitação em caráter de passeio e aventura sem necessidade de agendamento. Pode ser autoguiada ou com a opção da contratação de guias. A entrada não é cobrada.



## Potencial de atratividade

O conjunto das pinturas rupestres e a possibilidade de banhos em panelas com água cristalina são os aspectos mais excepcionais do atrativo.

## Grau de uso atual

O atrativo recebe um pequeno número de visitantes, principalmente nos meses de verão.

## Representatividade

O mais singular do atrativo é a possibilidade de contemplar um painel com pinturas rupestres ao pé de uma serra e usufruir de banhos de água cristalina.

## Apoio local

O local está cadastrado como patrimônio municipal e, recentemente, o poder público municipal conseguiu recursos para recuperação do sítio arqueológico.

## Estado de conservação

O paisagem natural do entorno é exuberante, com diversas flores e água boa, contudo as pinturas estão ainda carecendo de proteção e despoluição.

## Infraestrutura

O atrativo possui apenas a trilha que dá acesso à Serra dos Milagres e algumas poucas placas antigas.

## Acesso

Itambé do Mato Dentro ainda não é servida por estrada asfaltada, que se encontra em fase final de implantação.



## Sítio Arqueológico Tijucal

|           |                          |
|-----------|--------------------------|
| Município | Conceição do Mato Dentro |
| Local     | Tijucal                  |
| Categoria | Atrativo natural         |
| Tipo      | Sítio arqueológico       |
| Subtipo   | Arte rupestre            |

Situado na região do Tijucal a 24 km do município de Conceição do Mato Dentro (estrada para Morro do Pilar, depois do trevo de Três Barras), o Sítio Arqueológico do Tijucal é o mais extenso e mais rico em pinturas desse município. É conhecido também como Conjunto Fênix, pois, na verdade, trata-se de um conjunto de abrigos onde se encontram figuras rupestres.

Apesar de não ter sido tecnicamente examinado pelas observações realizadas, presume-se que seja igualmente da Tradição Planalto, tendo em sua composição várias pinturas de animais e peixes. A região é ocupada por numeroso conjunto rochoso com inscrições em várias lajes e paredes. Algumas delas com grandes painéis que apresentam ainda registros de atividades

coletivas com presença humana e cenas de ações individuais.

O primeiro abrigo se destaca pela conservação das figuras, que se enquadram na Tradição Planalto, com representações da avifauna local. Há desenhos reconhecidos de cervídeos, anta, tatu, sempre representados com o corpo chapado e de tratamento linear. Nos cervídeos é notória a necessidade de representação do animal com os membros fletidos, dando a ideia de movimento, fato também comum na Tradição Planalto, sendo evidente ao longo da Serra do Espinhaço. Destaca-se um painel de representações antropomórficas sequenciadas e executadas em ocre.

No abrigo vizinho, que dista aproximadamente 40 m do primeiro, há um grande painel, cuja medida se aproxima de 15 m de área decorada. Apresenta painéis de arte rupestre, onde se destaca a figura de uma ave, razão de o conjunto se chamar Fênix. Ele oferece condições para um assentamento prolongado, pois está protegido por uma marquise, que faz parte do abrigo e, na parte anterior, por um grande bloco, que o protege ainda mais.

A estrada de acesso é boa, não trazendo dificuldades para nenhum veículo. Esse complexo ainda não está protegido legalmente, mas se encontra em fase de estudos visando à sua conservação. Além das pinturas, há também grutas que se encontram na Serra dos Imbós sendo estas, rodeadas de Mata Atlântica. Nas grutas, algumas pinturas estão descaracterizadas devido à pichação que sofreram.





### Potencial de atratividade

O conjunto das pinturas rupestres bem conservadas e a diversidade dos painéis são os aspectos mais expressivos do local.

### Grau de uso atual

O atrativo é praticamente desconhecido dos turistas que vistam a região da Serra do Cipó.

### Representatividade

Os sítios arqueológicos com grafismos são comuns na região da Serra do Espinhaço, contudo o Tijuca apresenta uma diversidade e um estado de conservação que é difícil de se encontrar similar.

### Apoio local

Não há restrições da comunidade à visitação, porém não se observa articulação no sentido da utilização turística do local.

### Estado de conservação

As pinturas encontram-se em bom estado de conservação, e o entorno é ocupado por pastagens e plantações.

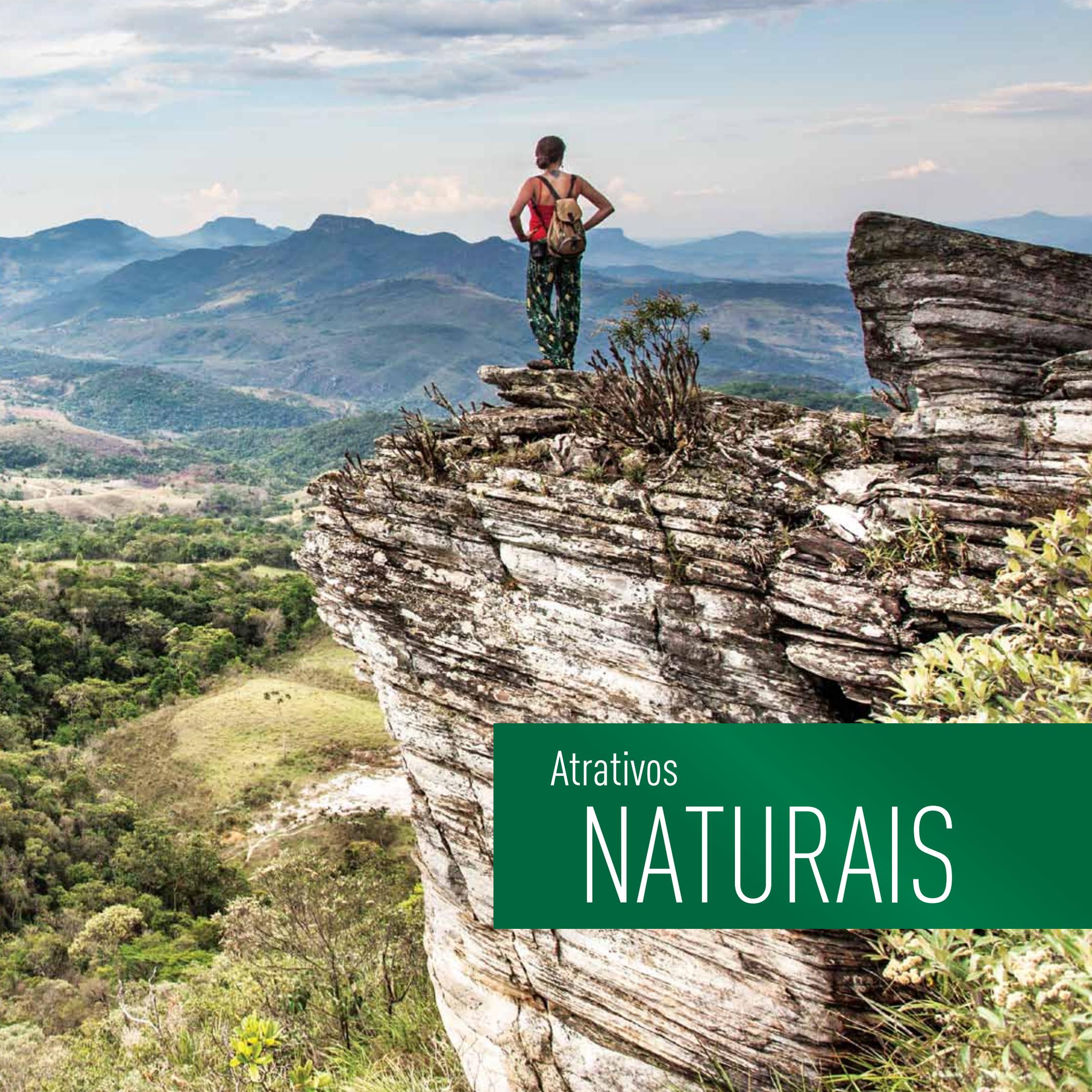
### Infraestrutura

O atrativo possui apenas a trilha que lhe dá acesso.

### Acesso

A região do Tijuca é acessível por estrada de terra a partir da MG10, entre o trevo de Morro do Pilar e Três Barras.





Atrativos

NATURAIS

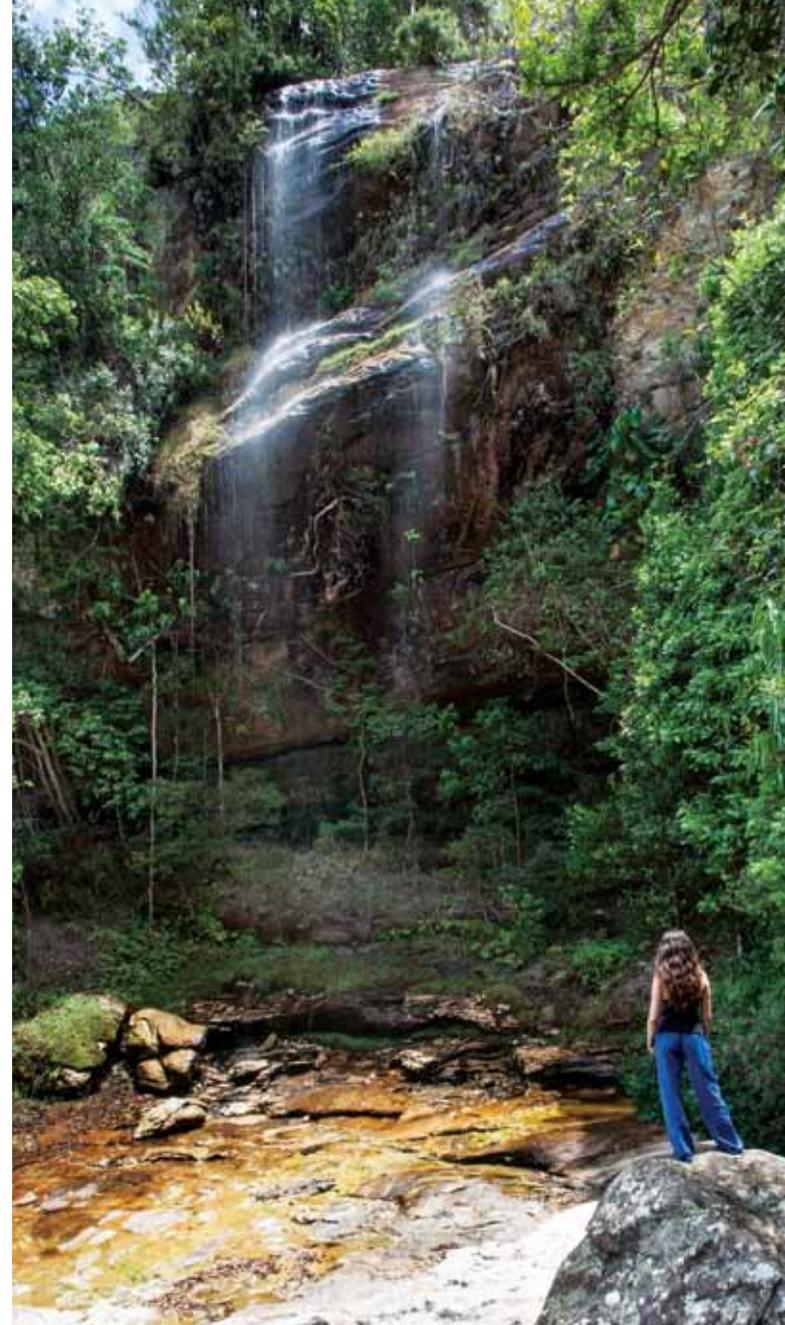
# Baixada das Crioulas

|           |                                |
|-----------|--------------------------------|
| Município | Itambé do Mato Dentro          |
| Local     | Barro Preto                    |
| Categoria | Atrativo natural               |
| Tipo      | Queda d'água / Relevo cárstico |
| Subtipo   | Cachoeira / Gruta              |

A região da Baixada das Crioulas está localizada no Povoado Barro Preto, no município de Itambé do Mato Dentro. Trata-se de uma região de várzea, cortada por um ribeirão tributário do Rio Preto de Itambé, que possui várias pequenas quedas d'água e poços para banho, sendo que a principal delas, com cerca de 30 metros, está localizada ao lado de uma gruta em quartzito, facilmente penetrável.

A cachoeira está localizada em propriedade particular e possui uma queda que cai num lajeado de pedras. A água reflete uma cor amarelada quando nela incide a luz do sol, formando um espetáculo para os olhos. Logo abaixo, há uma sequência de pequenas cachoeiras com poços que podem ser utilizados para banho. Ao lado da queda, existe uma gruta que, segundo contam, as escravas (crioulas) se escondiam com os senhores para namorar, após lavarem as roupas no rio.

A visita se dá em caráter de passeio e contemplação, sendo que a cachoeira é propícia à prática de atividades de aventura. Não é cobrada nenhuma taxa de visita e existe a recomendação de contratação de guias. Para visitar a gruta, é necessária autorização do órgão competente bem como a utilização de equipamentos de segurança. A gruta não possui nenhum tipo de infraestrutura de atendimento ao turista. O acesso é por estrada não pavimentada e não existe sinalização na estrada nem na trilha de, aproximadamente, 500 metros. Atualmente, o principal público frequentador são os moradores da região. Em referência à acessibilidade, não possui facilidade de acesso para pessoas com deficiência nem mobilidade reduzida.



## Potencial de atratividade

O conjunto formado pela queda d'água e a gruta são os aspectos mais representativos avaliados.

## Grau de uso atual

O local é frequentado por moradores da região e turistas esporádicos, principalmente nos meses de verão.

## Representatividade

A cachoeira é um elemento bem comum, porém a possibilidade de visita na gruta em quartzito é bastante interessante.

## Apoio local

Aparentemente, não há interesse dos proprietários em desenvolver o turismo no atrativo, sendo um lugar de interesse da Associação de turismo local.

## Estado de conservação

O entorno do atrativo encontra-se razoavelmente bem conservado, mas, durante a visita, foram recolhidos diversos resíduos de lixo deixados pelos visitantes, como latinhas de alumínio e embalagens.

## Infraestrutura

A cachoeira é acessível por trilha, mas esta é a única infraestrutura disponível.

## Acesso

Por estrada de terra em condições não muito boas, sendo necessário caminhar cerca de 25 minutos até a cachoeira.

# Cachoeira Alta - Altamira

|           |                  |
|-----------|------------------|
| Município | Nova União       |
| Local     | Altamira de Cima |
| Categoria | Atrativo natural |
| Tipo      | Queda d'água     |
| Subtipo   | Cachoeira        |

A Cachoeira Alta está localizada na região de Altamira de Cima, a 4 km do povoado de mesmo nome, aproximadamente 25 km da sede do município de Nova União, na Unidade de Conservação APA Morro da Pedreira, unidade de uso sustentável.

É a Cachoeira mais alta do município, com água limpa e clara. Possui duas quedas d'água, sendo a maior com aproximadamente 170 metros, e a menor com 3 metros de altura. O local não é indicado em período de chuvas, pois é grande o risco de acidentes. Está localizada em formação rochosa de quartzito que se estende por toda a paisagem do lugar. Do poço se avista a Serra dos Bois, a leste. Ideal para banhos, contemplação da paisagem, observação de pássaros e árvores, contato com a natureza e caminhadas.

A estrada de acesso não é pavimentada e é mal sinalizada, não possui sinalização turística. O curso d'água do Rio Preto corta a estrada sentido Altamira de Cima por duas vezes, sendo necessário passar por ele. Pela trilha, só é possível chegar à cachoeira a pé, subindo o curso d'água pelas pedras ou por uma trilha na margem do rio. O acesso feito pelas pedras é de dificuldade moderada, pois algumas pedras são escorregadias; já a trilha pela margem do rio possui uma dificuldade menor, não havendo grandes dificuldades ou obstáculos. No período de seca, o caminho para a trilha dura cerca de 15min, mas no período chuvoso chega a 40min, devido ao aumento do volume da água.

A visitação é gratuita e se dá durante o ano todo de 9 às 17h, não havendo a necessidade de guia.

## Potencial de atratividade

As formações rochosas em conjunto com a altura da queda d'água emoldurando a paisagem ao longe, com o poço de águas claras são alguns dos aspectos mais expressivos do atrativo.

## Grau de uso atual

O local não é muito visitado, o que ocorre ocasionalmente nos fins de semana e feriados prolongados.

## Representatividade

Trata-se de um elemento bastante comum, cabendo destacar a altura da queda d'água.

## Apoio local

O atrativo encontra-se na APA Morro da Pedreira, necessitando de regulamentação para seu desenvolvimento.

## Estado de conservação

A paisagem do entorno encontra-se aparentemente em bom estado de conservação, contudo a trilha de acesso ao atrativo encontra-se degradada em alguns pontos.

## Infraestrutura

Algumas poucas placas de sinalização na estrada e a trilha.

## Acesso

O acesso até o atrativo é em estrada de terra necessitando de manutenção, já a trilha possui grau de dificuldade moderada, carente de intervenções



# Cachoeira das Braúnas

|           |                                  |
|-----------|----------------------------------|
| Município | Santana do Riacho                |
| Local     | Parque Nacional da Serra do Cipó |
| Categoria | Atrativo natural                 |
| Tipo      | Queda d'água                     |
| Subtipo   | Cachoeira                        |

Localizada no município de Jaboticatubas, numa região que antecede o Cânion das Bandeirinhas, a Cachoeira das Braúnas tem 65m de queda e uma das maiores piscinas naturais de toda a Serra do Cipó. Seu acesso é bem difícil necessitando além de experiência, bom preparo físico dos visitantes e pernoitar

no interior do Parque Nacional da Serra do Cipó (necessita autorização). O acesso se dá pela portaria do Parque ou através de trilha que parte do povoado de Serra dos Alves. Trata-se de um dos atrativos mais isolados da região e praticamente desconhecido.

A melhor maneira de se conhecer a Cachoeira das Braúnas é fazer a travessia a pé saindo da Serra dos Alves até o distrito da Serra do Cipó. A primeira parte do trajeto dura cerca de 5 horas e vai da Serra dos Alves até o local denominado de “Currais”, já dentro do Parque Nacional. Trata-se de um abrigo de montanha, antiga sede de retiro, utilizado pela administração do Parque como ponto de apoio.

Deste local são mais 6 km de caminhada até a cachoeira, onde é possível observar uma infinidade de orquídeas, bromélias e lírios do campo. A trilha segue margeando o Córrego da Mutuca, sendo necessário, às vezes, transpô-lo de um lado para o outro. A cachoeira das Braúnas forma o maior poço de cachoeira dentro do Parque Nacional, são cerca de 30 m de queda livre com um volume surpreendente de água.

## Potencial de atratividade

É considerada a cachoeira mais bonita localizada no interior do parque nacional, numa região de enorme diversidade biológica.

## Grau de uso atual

Muito pouco visitada pelos turistas, para seu roteiro há necessidade de autorização do ICMBio, mais utilizado por praticantes de longas caminhadas.

## Representatividade

É um elemento de destaque na região da Serra do Cipó, uma cachoeira como poucas outras similares.

## Apoio local

Necessita de estruturação do roteiro para autorização da visita, depende do órgão de gestor da unidade de conservação.

## Estado de conservação

Bom estado por estar localizada no interior de uma unidade de conservação.

## Infraestrutura

Somente trilha de acesso ao local, próximo existe um abrigo de montanha utilizado pelos caminhantes.

## Acesso

Somente acessível por trilha a pé, de longa duração.



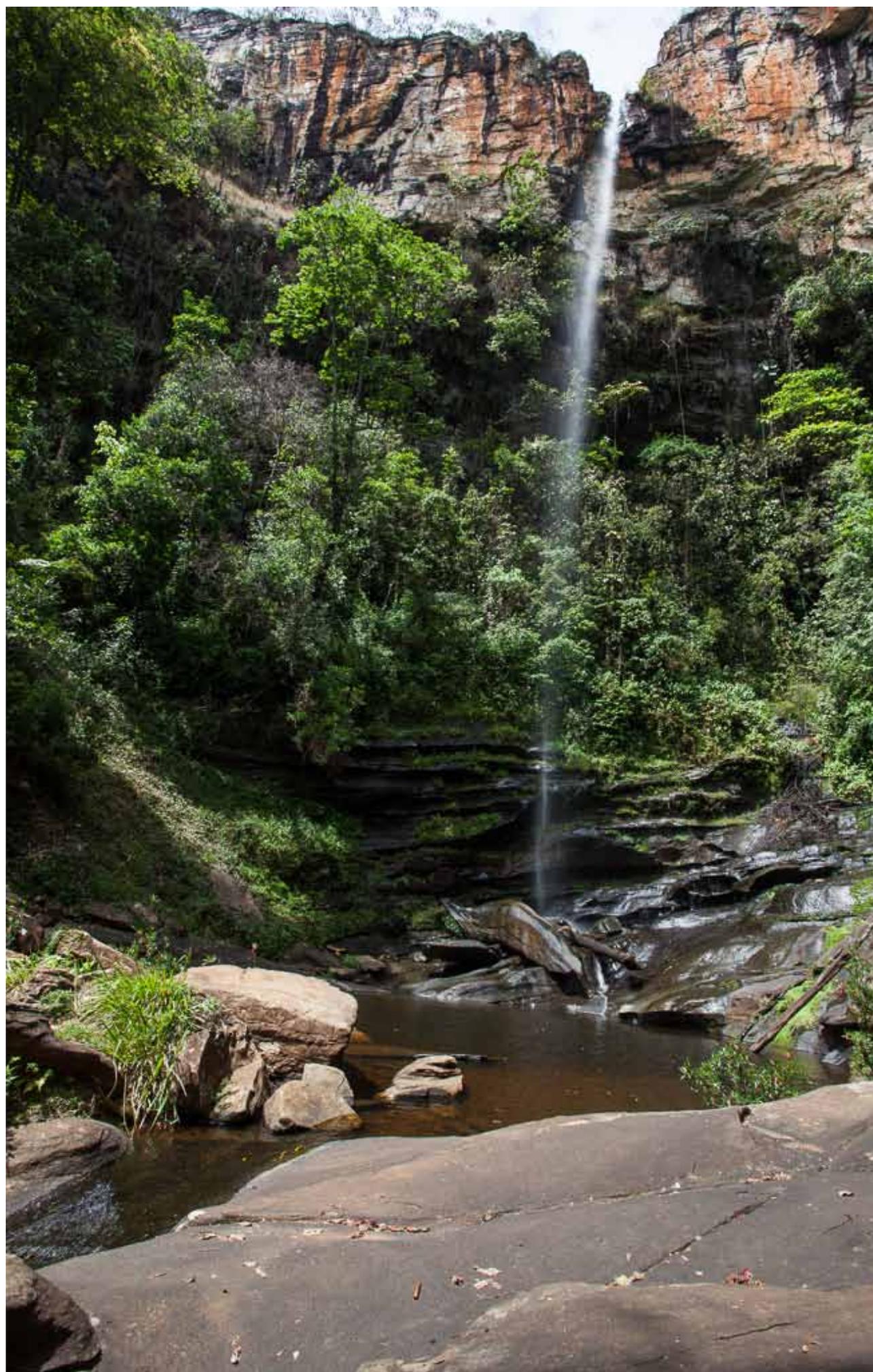
## Cachoeira da Vitória

|           |                       |
|-----------|-----------------------|
| Município | Itambé do Mato Dentro |
| Local     | Ribeirão Bonito       |
| Categoria | Atrativo natural      |
| Tipo      | Queda d'água          |
| Subtipo   | Cachoeira             |

A cachoeira da Vitória está localizada na região do Ribeirão Bonito, no município de Itambé do Mato Dentro na Serra, a aproximadamente 4km da sede municipal. A cachoeira está entre paredões rochosos de cor avermelhada com aproximadamente 100 metros de altura, com uma queda d'água de aproximadamente 70m. Em seu entorno, é possível observar a vegetação de mata ciliar e o cerrado; possui um poço no fim da queda com águas cristalinas e propícias para banho.

Para se chegar à cachoeira, a partir do local onde é possível ir de automóvel, percorre-se uma trilha de aproximadamente 800 metros em meio à vegetação nativa. É possível avistar a cachoeira desde muito longe. À medida que se vai avançando na trilha, a cachoeira se destaca na paisagem pela sua imponência. É preferível visitá-la no período das chuvas, pois a queda fica mais visível e com maior volume de água.

A visitação pode ser feita em caráter de passeio e aventura, sem necessidade de agendamento prévio. Não é necessária a autorização dos proprietários, contudo recomenda-se a contratação de guias. A entrada não é cobrada e o atrativo não possui nenhum tipo de infraestrutura de atendimento ao turista. O acesso é por estrada não pavimentada e não existe sinalização na estrada. Há ainda uma trilha de 800 metros com algumas necessidades de melhoria. Atualmente, o principal público frequentador são os moradores da região e turistas ocasionais, principalmente nos feriados. Em relação à acessibilidade, não possui facilidade de acesso para pessoas com deficiência nem mobilidade reduzida.



### Potencial de atratividade

As formações rochosas avermelhadas, em conjunto com a altura da queda d'água emoldurando a paisagem ao longe, são alguns dos aspectos mais expressivos do atrativo.

### Grau de uso atual

O local possui um baixo volume de uso, sendo visitado, principalmente, nos fins de semana e feriados prolongados.

### Representatividade

Trata-se de um elemento bastante comum, cabendo destacar a altura da queda d'água.

### Apoio local

O atrativo, aparentemente, encontra-se em terra pública, contudo não existe nenhum tipo de interesse em investir no local.

### Estado de conservação

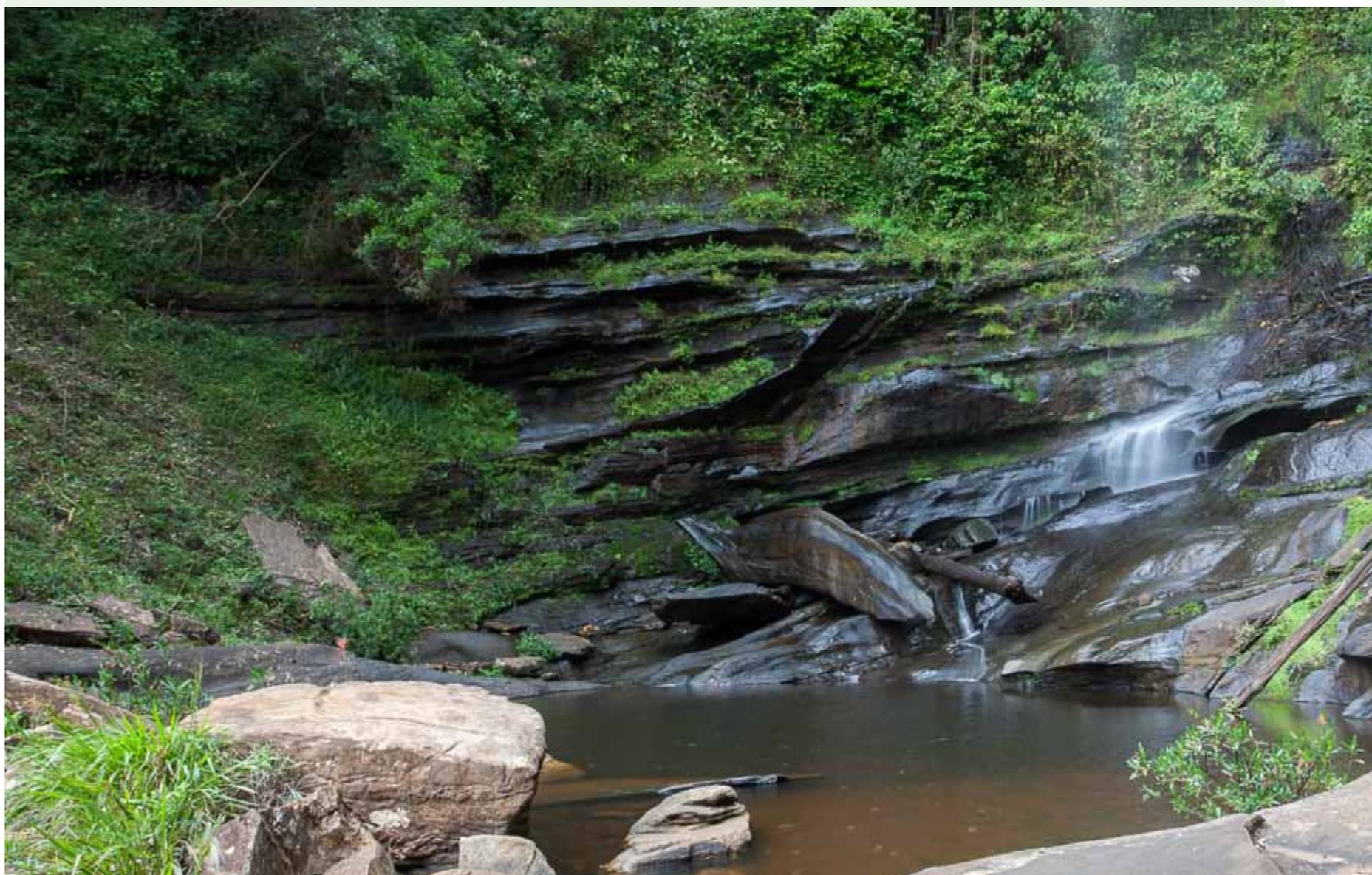
A paisagem do entorno encontra-se, aparentemente, em estado regular, contudo a trilha de acesso ao atrativo encontra-se degradada em alguns pontos.

### Infraestrutura

Há algumas poucas placas de sinalização, e a trilha é a única infraestrutura disponível.

### Acesso

O acesso até o atrativo é por estrada de terra, necessitando de manutenção; já a trilha é relativamente fácil, mas carente de intervenções.



# Cachoeira do Bicame

|           |  |
|-----------|--|
| Município | Santana do Riacho e Congonhas do Norte |
| Local     | Serra Talhada                          |
| Categoria | Atrativo natural                       |
| Tipo      | Queda d'água                           |
| Subtipo   | Cachoeira                              |

A Cachoeira da Bicame é formada pelo rio das Pedras, com duas quedas de cerca de 80 metros de altura que formam um poço acobreado. Está situada em uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) dentro da APA Municipal Serra Talhada, na divisa dos municípios de Santana do Riacho e Congonhas do Norte. Indubitavelmente, é uma das mais belas cachoeiras de Minas Gerais.

O volume d'água é impressionante. É larga, com um poço grande e fundo, e ainda pedras sobre as quais pode-se ficar em pé embaixo da queda. O caminho é através de uma das regiões menos visitadas da Lapinha, o que proporciona o encontro com diversas espécies de plantas, ao lado das estradas e trilhas.

Exuberante e imponente, ela perfura o chão com a força do Rio de Pedras e impõe um cenário paradisíaco à crista do Espinhaço. De mãos dadas com a exuberância e a imponência desse monumento natural, andam os cuidados que se deve ter. Ainda não existe um plano de exploração turística do atrativo e, até que se tenha, a visitação está suspensa. Trata-se de uma área particular, e é esse o desejo dos proprietários.

O acesso mais usual é pelo povoado de Lapinha da Serra, em Santana do Riacho. Primeiro, são 30 quilômetros de estrada pavimentada até Santana do Riacho e depois mais 12 km em um veículo 4x4 até o início da trilha. Aí, mais oito quilômetros caminhando até a queda larga de 22 metros de altura que termina em um poço profundo. Recomenda-se contratar condutores para chegar até o local.

## Potencial de atratividade

Trata-se de uma das cachoeiras mais bonitas de toda região, que compõe uma paisagem muito representativa.

## Grau de uso atual

O local possui um baixo volume de uso, mais frequentado principalmente por praticantes de caminhada.

## Representatividade

O atrativo faz parte de um grupo seletivo de cachoeiras que se destacam das centenas que existem em toda a região da Serra do Cipó.

## Apoio local

Localizado em uma Reserva Ambiental, é necessário planejamento e controle para fomentar a visitação.

## Estado de conservação

A paisagem do entorno encontra-se em bom estado de conservação.

## Infraestrutura

A trilha de acesso ao atrativo é a única estrutura disponível.

## Acesso

É difícil, feito parte em veículos 4x4, e o restante a pé.



## Cachoeira do Soberbo

|           |                   |
|-----------|-------------------|
| Município | Santana do Riacho |
| Local     | Vale do Soberbo   |
| Categoria | Atrativo natural  |
| Tipo      | Queda d'água      |
| Subtipo   | Cachoeira         |

A região do vale do Soberbo está localizada na zona rural do município de Santana do Riacho, na divisa com Congonhas do Norte, acessível a partir do vilarejo da Lapinha da Serra, do qual dista cerca de 12 km. Antiga mineração de diamantes, a Cachoeira do Soberbo é singular por sua beleza e misticidade. Já o poço dos Ingleses, um pouco abaixo, é o maior da região, dizem que, no fundo, a mais de 20 m de profundidade, existe um caminhão naufragado dos tempos da extração de diamantes.

O poço do Soberbo é o maior de toda a Serra do Cipó, com uma profundidade de dezoito metros, é um dos lugares mais lindos de toda a região. Além do poço, o rio forma a cerca de cinquenta metros o Cânion do Rio das Pedras. O caminho é em meio a belas paisagens, riachos e quedas d'água. O lugar é cheio de histórias. Em 1960, a busca por riquezas minerais trouxe para o poço do Soberbo os norte-americanos, que começaram lá a exploração de diamantes. O trabalho foi árduo, tentavam desviar o curso da água para secar o poço, já que o diamante, por ser mais pesado que as demais pedras, encontra-se sabidamente nos lugares mais fundos. Em 1963, depois de muito trabalho, uma grande cheia acabou com tudo, levando o dique de desvio e encerrando a exploração.

No local, encontram-se, ainda hoje, abandonados, diversos vestígios do período da mineração. Outros motivos do abandono da exploração são contados pelos moradores da região: um é que um garimpeiro havia achado uma grande pepita à beira do poço e, entusiasmado, disse: "Agora nem Deus pode comigo", e no mesmo instante a pedra escorreu de suas mãos caindo dentro do poço, logo ele pulou em sua busca e nunca mais foi visto. Outro motivo seria a expulsão dos garimpeiros pelas luzes que apareciam frequentemente nas noites. Seja lá por qual motivo for, os exploradores saíram com pressa e deixaram para trás lembranças dessa história: motores, peças, máquinas e parte das paredes de pedras das instalações feitas.

A visitação é permitida mediante autorização dos proprietários da área. É um passeio de alto grau de dificuldade, que exige resistência e preparo físico para longas caminhadas. São três horas e meia de caminhada para se chegar, recomenda-se nunca fazer esse passeio sem guia, pois o caminho passa por áreas pouco visitadas e é cortado por trilhas confusas.



### Potencial de atratividade

O vale do Soberbo é uma das paisagens mais exuberantes da região da Serra do Cipó que, em conjunto com a grandeza do poço do Soberbo, formam um atrativo de qualidade excepcional.

### Grau de uso atual

O local é frequentado mais por caminhantes, principalmente nos feriados e nos finais de semana.

### Representatividade

É um elemento bastante singular na região, em razão da mística do local e das paisagens circundantes.

### Apoio local

Não há muito interesse no desenvolvimento do turismo sem o devido planejamento e monitoramento da atividade.

### Estado de conservação

A paisagem é uma das mais bem conservadas da região da Serra do Cipó, contudo vestígios de uma antiga mineração presentes no local indicam que já houve intervenções anteriores.

### Infraestrutura

Somente trilha de acesso ao atrativo.

### Acesso

É difícil, somente por trilha a pé ou com mulas.

## Cachoeira do Tabuleiro

|           |                          |
|-----------|--------------------------|
| Município | Conceição do Mato Dentro |
| Local     | Tabuleiro                |
| Categoria | Atrativo natural         |
| Tipo      | Queda d'água             |
| Subtipo   | Cachoeira                |

A Cachoeira do Tabuleiro, localizada no município de Conceição do Mato Dentro, deságua de forma espetacular de um penhasco de 273 m em queda livre, diante de um paredão multicolorido, monumental, formando um grande poço de cerca de 20 metros de profundidade, rodeado por blocos, inclusive submersos. O cânion de onde a cachoeira cai é algo de beleza extraordinária e é, por isso, dentre outros motivos, que essa cachoeira é tida como uma das mais bonitas do país. O movimento crescente de turistas que se deslocavam para conhecê-la fez com que a sociedade local se organizasse para criar uma unidade de proteção integral em seu entorno: o Parque Natural Municipal Ribeirão do Campo, criado em 1998.

Na parte alta da cachoeira, antes da queda, podem ser apreciados outros poços e outras quedas d'água, em meio a jardins naturais com orquídeas e bromélias e bromélias gigantes. A vegetação predominantemente é o campo rupestre, com capões de Mata Atlântica e espécies de cerrado. O curso d'água

que forma a cachoeira é o Ribeirão do Campo, que corre formando várias piscinas naturais de água cor de caramelo, até encontrar o Rio Preto, próximo à sede do distrito do Tabuleiro.

A Cachoeira do Tabuleiro é a mais alta queda d'água de Minas Gerais, sendo a terceira maior do Brasil, e considerada pelo Guia Quatro Rodas por duas vezes consecutivas como a mais bonita do Brasil. O acesso pode ser feito partindo-se do centro de Conceição e seguindo pela Avenida JK até o bairro Barro Vermelho. A partir da saída para o distrito de Tabuleiro, basta seguir a sinalização indicativa. Saindo do distrito, seguir por mais 2 km em veículo, até a sede do Parque e, a partir daí, é preciso caminhar aproximadamente 1 hora e 30 minutos, por 3 km de trilha com um grau de dificuldade para se chegar ao poço da cachoeira.

A cachoeira está localizada dentro de duas UCs de proteção integral: o Parque Natural Municipal Ribeirão do Campo e o Parque Estadual da Serra do Intendente, em áreas que estão sobrepostas. Para acessar a cachoeira, é cobrada uma taxa de visitação no valor de R\$ 5,00 por pessoa, incluindo seguro pessoal contra acidentes e taxa de manutenção do Parque. O limite de visitantes dentro do Parque é de 200 pessoas. No acesso à cachoeira, está sendo implantada uma trilha e realizada a recuperação ambiental desse trecho. Essa é uma obra essencial, que necessita ser terminada e, para a qual, deverá ser mantido um programa de manutenção periódica. Outro fator importante é o efetivo controle de entrada de visitantes e a criação e a implantação do plano de manejo da unidade de conservação. Essa cachoeira é, sem dúvida alguma, o maior atrativo não só do município, mas de toda a região e, por isso mesmo, requer um cuidado exemplar e uma estruturação urgente.





### Potencial de atratividade

É um atrativo que se destaca na região da Serra do Cipó, reconhecido nacionalmente, considerado uma das 7 maravilhas da Estrada Real.

### Grau de uso atual

Recebe visitação diária, com maior fluxo nos finais de semana e feriados.

### Representatividade

Elemento de beleza rara na região, a maior cachoeira do estado e a terceira maior do Brasil.

### Apoio local

Localizado em unidade de conservação, tem apoio da comunidade local, uma vez que grande parte está envolvida com o turismo.

### Estado de conservação

A paisagem do entorno encontra-se razoavelmente conservada, haja vista a ocorrência de incêndios constantes; é necessária também a manutenção na trilha de acesso.

### Infraestrutura

O parque dispõe de guarita, banheiros, sede, etc.; o povoado possui algumas pousadas e restaurantes, e a cachoeira é acessível por trilha com alguma estruturação.

### Acesso

O distrito está a 20 km de estrada de terra da sede do município, a cachoeira é acessível por trilha com alto grau de dificuldade.

# Cachoeira do Capão Redondo

|           |                    |
|-----------|--------------------|
| Município | Congonhas do Norte |
| Local     | Serra Talhada      |
| Categoria | Atrativo natural   |
| Tipo      | Queda d'água       |
| Subtipo   | Cachoeira          |

A Cachoeira do Capão Redondo está localizada a cerca de 9km da sede do município de Congonhas do Norte, na região da Serra Talhada. Possui visitação em caráter de passeio, aventura e pesquisa, sem necessidade de agendamento prévio. A entrada não é cobrada. Não possui nenhum tipo de infraestrutura de atendimento ao turista. O acesso é por estrada não pavimentada em condições razoáveis e não existe sinalização na estrada. Pela estrada pode-se chegar até a cachoeira, havendo um trecho de 2 minutos de caminhada (aproximadamente) com leve grau de dificuldade. A trilha de acesso necessita de melhorias para segurança. Atualmente, o principal público frequentador são os moradores da região e turistas esporádicos.

O Córrego do Paiol e o Ribeirão Congonhas unem-se para formar a Cachoeira do Capão Redondo. Possui uma queda de aproximadamente 4,5m, a qual forma corredeiras e piscinas naturais entre grandes blocos de pedras. Há um lago represado com uma queda de 20m de extensão por 1,5m de altura, e abaixo há uma queda com cerca de 3,5m de altura. Em seu entorno é possível visualizar vegetação de cerrado e campos rupestres, bem como grande parte da Serra Talhada. Possui um leito rochoso com formações interessantes, em cores que variam do vermelho ao cinza. As águas são calmas e escuras. Pode ser utilizada tanto para banho como para lazer.

No que se refere à acessibilidade, não possui facilidade de acesso para pessoas com deficiência e mobilidade reduzida; portanto, são necessárias melhorias para segurança dos visitantes.



## Potencial de atratividade

O leito de pedras avermelhadas esculpidas pela ação da água e seu poço de águas calmas são o grande diferencial do atrativo.

## Grau de uso atual

O local é frequentado mais por moradores da região e da sede do município, sendo que o fluxo de visitação ocorre principalmente nos meses de verão.

## Representatividade

A cachoeira e os poços para banho são bem comuns na região da Serra do Cipó, cabendo destacar as formações geomorfológicas no leito do ribeirão.

## Apoio local

O proprietário do terreno onde se localiza a cachoeira não se opõe à visitação, desde que com sua autorização.

## Estado de conservação

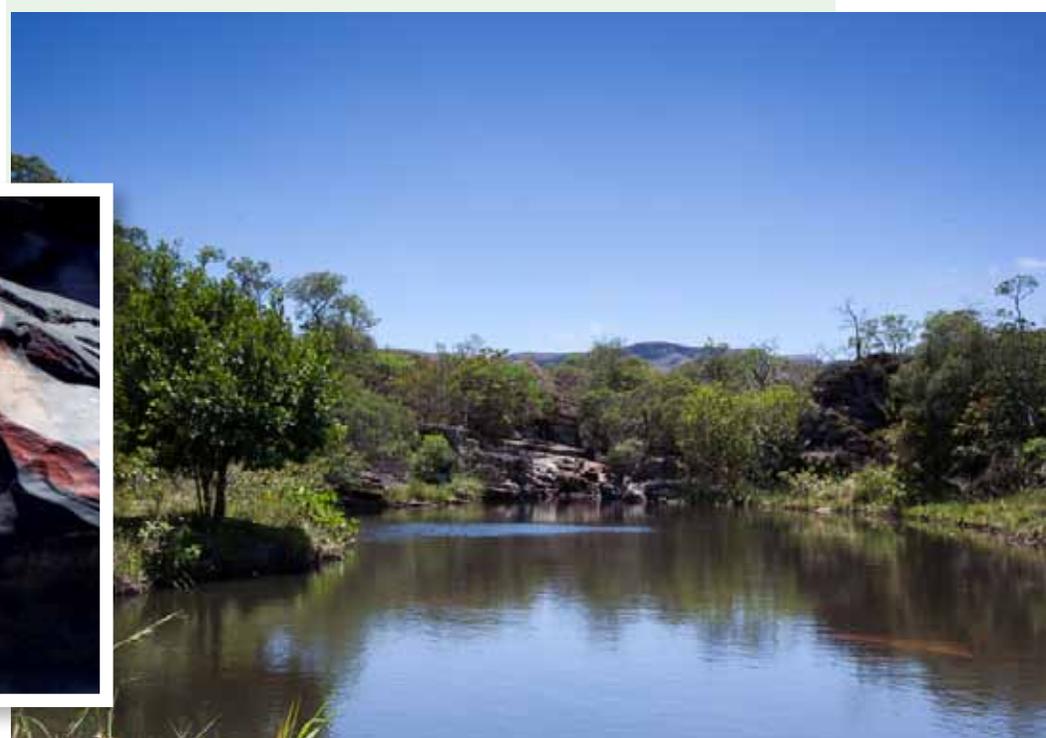
A paisagem circundante encontra-se bem conservada, principalmente nos arredores da Serra Talhada.

## Infraestrutura

A cachoeira possui trilha de acesso e está localizada bem próxima à estrada aonde se chega de carro.

## Acesso

A estrada que leva ao atrativo é de chão batido em razoável estado de conservação.



## Cachoeira do Maurício

|           |                    |
|-----------|--------------------|
| Município | Congonhas do Norte |
| Local     | Casarão            |
| Categoria | Atrativo natural   |
| Tipo      | Queda d'água       |
| Subtipo   | Cachoeira          |

A Cachoeira do Maurício está localizada a 20km da sede do município de Congonhas do Norte, na região do Casarão, na Fazenda Boa vista. Possui visitação em caráter de passeio e aventura, sem necessidade de agendamento. Formada em um pequeno cânion, com desnível máximo de 50m, dá origem a três cachoeiras de tamanhos pequeno a médio. As águas são transparentes e observa-se a formação de poços (as chamadas “panelas ou marmitas”) de diversas dimensões.

A entrada não é cobrada, não possui nenhum tipo de infraestrutura de

atendimento ao turista. O acesso é por estrada não pavimentada e não existe sinalização na estrada. Há ainda a necessidade de melhoria da estrada que possui trechos de subida com terra fofa na seca, e barro na época das chuvas. A estrada ainda atravessa três pontos pelo ribeirão, onde não há pontes. É preciso verificar o caminho na época das chuvas, pois, com o aumento do volume de água, a passagem poderá ficar interdita. Pela estrada chega-se até a Fazenda Boa Vista, havendo um trecho de 5 minutos de caminhada (aproximadamente) com leve grau de dificuldade. A trilha de acesso precisa de melhorias para segurança. Atualmente, o principal público frequentador são os moradores da região.

A queda d'água está localizada no ribeirão da Serra Talhada, possui aproximados 5 metros de altura, 6 metros de largura, mais de 3 metros de profundidade e, na data da visitação, volume baixo de água. As águas são calmas, possui um poço de águas azuladas, que podem ser utilizadas tanto para banho como para lazer. Em referência à acessibilidade, não apresenta facilidade de acesso para pessoas com deficiência nem mobilidade reduzida, contudo não é difícil a implantação de acesso. A paisagem do entorno da cachoeira é caracterizada por campos rupestres, com uma diversidade significativa de flores e formações rochosas singulares.



### Potencial de atratividade

---

A cachoeira apresenta, como aspecto mais expressivo, a coloração azul-esverdeada da água, pouco comum na região da Serra do Cipó.

### Grau de uso atual

---

O local é pouco visitado, sendo mais comum o uso da cachoeira para banhos por pessoas da própria região.

### Representatividade

---

A paisagem circundante é relativamente comum na Serra do Cipó, cabendo ressaltar a coloração da água como elemento mais singular.

### Apoio local

---

O proprietário da fazenda não se opõe à visitação na cachoeira, porém não foi constatada a intenção de investir no local.

### Estado de conservação

---

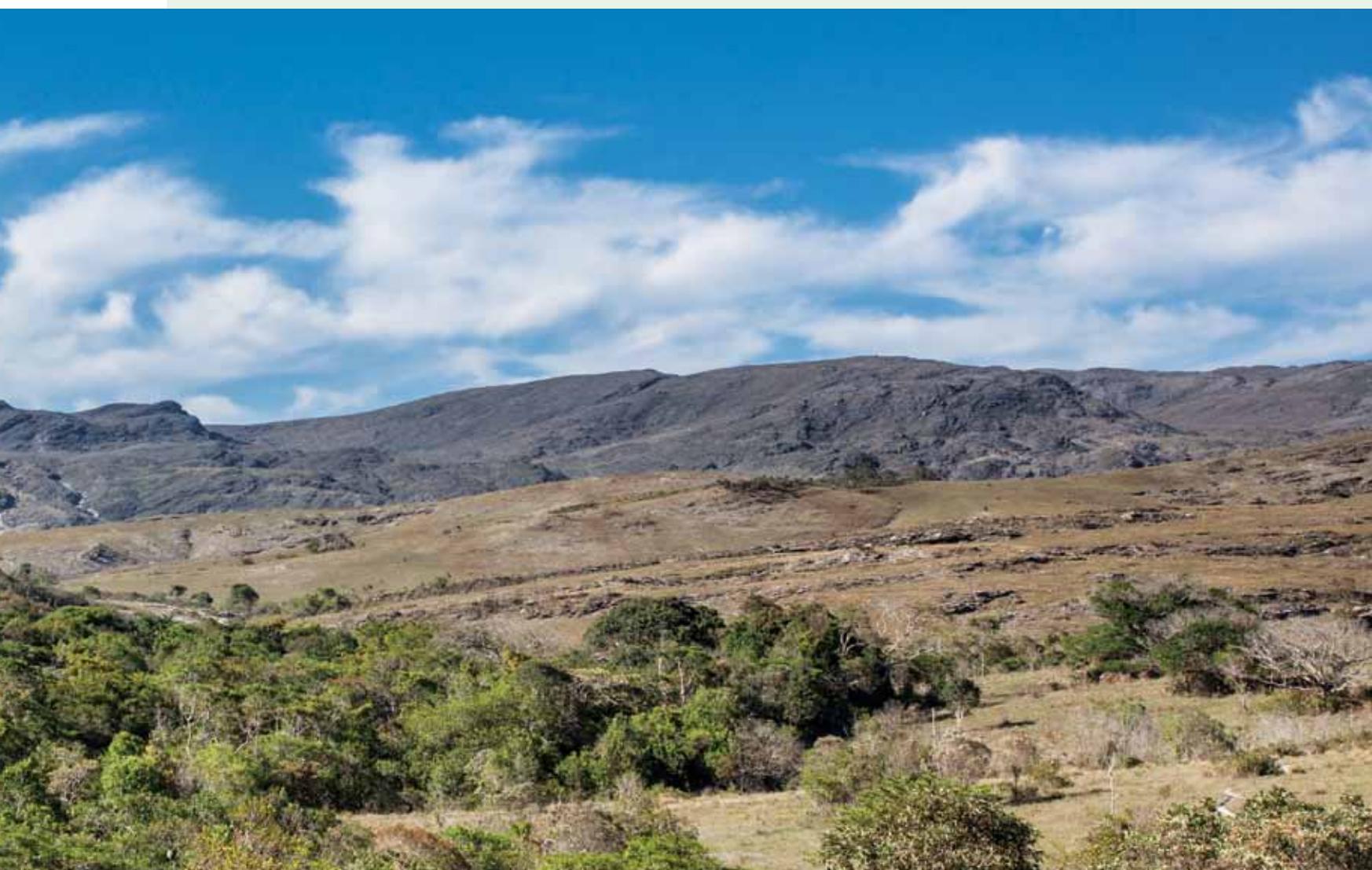
A região apresenta paisagens relativamente bem conservadas, contudo o fogo é um elemento que vem preocupando a cada ano.

Infraestrutura: a cachoeira possui apenas uma trilha de acesso e nenhuma outra infraestrutura.

### Acesso

---

O acesso se dá em parte por estrada de terra em estado bastante precário, sendo recomendada a utilização de veículos tracionados no período de chuva.



## Cachoeira dos Carapinas

|           |                    |
|-----------|--------------------|
| Município | Congonhas do Norte |
| Local     | Serra Talhada      |
| Categoria | Atrativo natural   |
| Tipo      | Queda d'água       |
| Subtipo   | Cachoeira          |

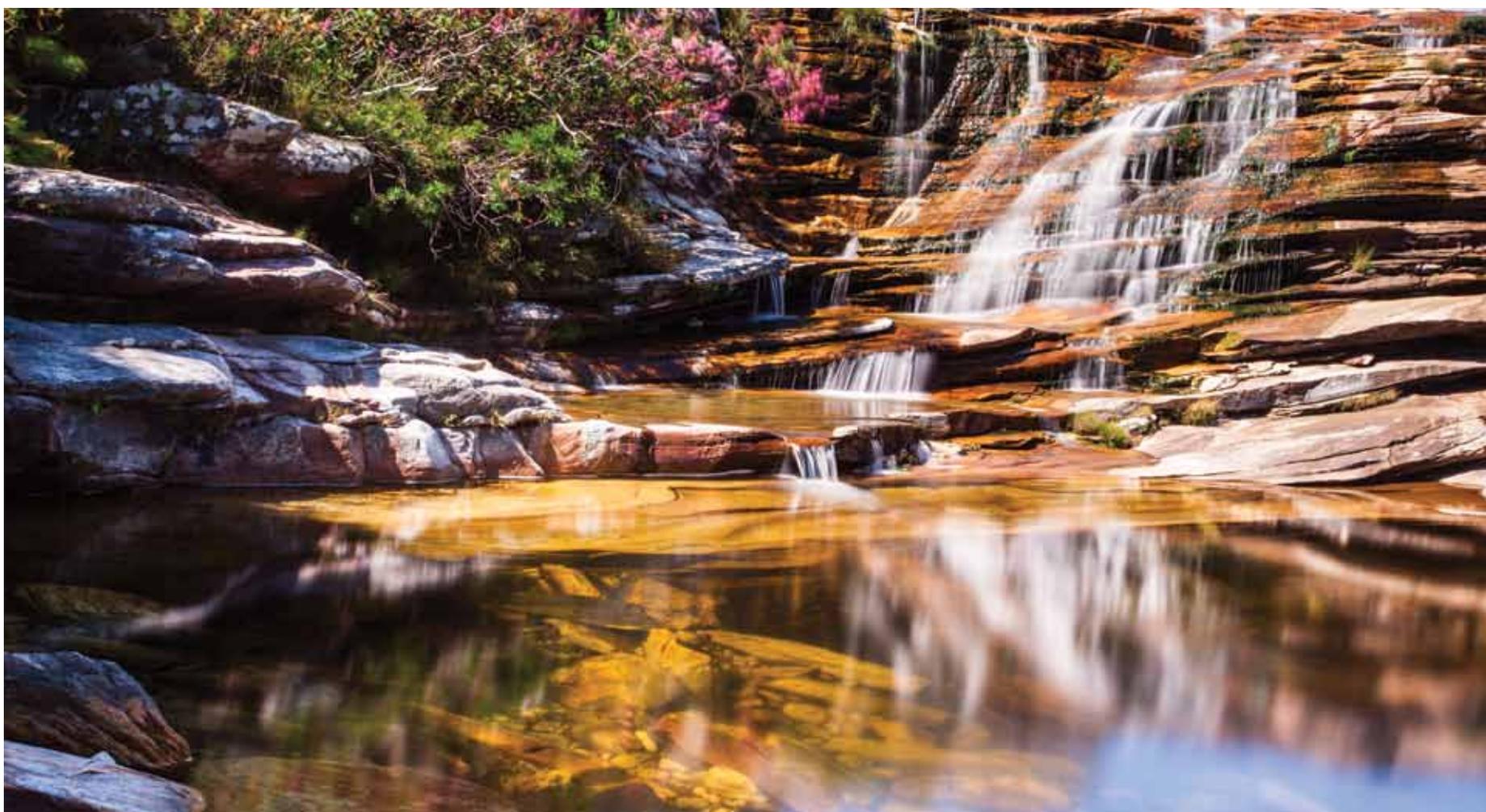
A região dos Carapinas está localizada a 16km da sede do município de Congonhas do Norte, nos contrafortes da Serra Talhada. Trata-se de um conjunto de poços e pequenas cachoeiras que se formam no curso do Ribeirão dos Carapinas. A paisagem contém elementos singulares, como a vegetação e as formações rochosas características de campos rupestres, bem como uma edificação em pedra na Fazenda Carapinas, reconhecida pelos moradores como uma antiga senzala.

O local possui potencial de visitação em caráter de passeio e aventura, não sendo necessário agendamento prévio. A entrada não é cobrada; o local não possui nenhum tipo de infraestrutura de atendimento ao turista. O acesso é por estrada não pavimentada e não existe sinalização na estrada. Há ainda

a necessidade de melhoria em alguns trechos do acesso, pois há buracos e mata-burros quebrados. Pode haver dificuldade de acesso em época de chuva. Pela estrada chega-se até a Fazenda Carapinas, havendo um trecho de 15 minutos de caminhada (aproximadamente) com leve grau de dificuldade. A trilha de acesso está em condições precárias, como passagem por pinguela sem segurança necessária.

A principal queda d'água localizada no Ribeirão dos Carapinas possui aproximados 5 metros de altura, 9 metros de largura, 4 metros de profundidade e, na data da visitação, volume baixo de água. As águas são calmas, de cores avermelhadas. Podem ser utilizadas para banho como lazer. A paisagem circundante é caracterizada por um relevo montanhoso, com formações em quartzito, sendo que a cobertura vegetal é caracterizada por uma vegetação de cerrado com espécies raras e endêmicas, como as “sempre-vivas” e “canelas-de-ema”.

Na Fazenda Carapinas encontram-se as ruínas de uma senzala de pedras com quatro cômodos e altura aproximada de 5 metros. A técnica de construção empregada é conhecida como “junta-seca”, por não empregar argamassa, sendo as pedras encaixadas com perfeição. Um conjunto significativo de muros de pedra também pode ser verificado por toda a propriedade, levando a acreditar que se tratava de uma importante propriedade. Segundo informações coletadas no local, a sede da fazenda já não existe mais. Observa-se um grande potencial de investigação dos registros históricos encontrados no local.



### Potencial de atratividade

O conjunto de quedas d'água, juntamente com as ruínas da senzala e dos muros de pedra, formam os aspectos diferenciados do atrativo.

### Grau de uso atual

O local é mais frequentado por moradores da região e da sede do município, sendo que o fluxo de visitação ocorre, principalmente, nos meses de verão.

### Representatividade

A cachoeira e os poços para banho são bem comuns na região da Serra do Cipó, contudo o conjunto histórico-cultural é um diferencial da região.

### Apoio local

O proprietário da fazenda Carapinas não se opõe a visitação local, porém não tem intenção de investir no turismo.

### Estado de conservação

As edificações históricas (senzala, muros de pedra) encontram-se abandonadas, mas ainda permanecem em pé. Já a paisagem natural, formada pelos campos rupestres, está bem conservada.

### Infraestrutura

O local possui uma sede de fazenda e uma trilha de acesso à cachoeira, contudo sem sinalização ou qualquer outra adaptação para os visitantes.

### Acesso

São cerca de 10km de estrada de terra em condições regulares, partindo de Santa Cruz dos Alves.



## Cachoeira do Cristal

|           |                             |
|-----------|-----------------------------|
| Município | Santo Antonio do Rio Abaixo |
| Local     | Serra do Cristal            |
| Categoria | Atrativo natural            |
| Tipo      | Queda d'água                |
| Subtipo   | Cachoeira                   |

A Cachoeira do Cristal está em propriedade privada, localizada na zona rural do município de Santo Antônio do Rio Abaixo. Distante cerca de 4 km da sede municipal, por percurso não sinalizado, a cachoeira está inserida na região da Serra do Cristal. A cachoeira é formada pelas águas que vertem do alto da serra, sua queda de 30 m de altura forma um poço de, aproximadamente, 8 m de comprimento.

A área de preservação permanente do entorno da cachoeira encontra-se conservada, da mesma maneira a mata ciliar que permeia as águas que descem da cachoeira também está em bom estado de conservação. Assim como toda a área, o paredão que compõe a paisagem é coberto por mata nativa.

O local é aberto à visitação com a finalidade de passeio, atividades de aventura e pesquisa. Não há taxa de visitação, contudo deve-se pedir autorização dos proprietários, esse atrativo funciona o ano inteiro das 6 às 17 horas. No período das chuvas, o trecho onde é necessário transpor o corpo d'água deve ser realizado com atenção devido à pressão da corrente de água que passa no leito.



### Potencial de atratividade

A paisagem formada pela serra e a cachoeira com as possibilidades de banho são os aspectos mais expressivos do atrativo.

### Grau de uso atual

O local é frequentado por moradores da região e da sede do município, e fluxo de visitação ocorre principalmente nos meses de verão.

### Representatividade

A cachoeira e os poços pra banho são bem comuns na região da Serra do Cipó, mas localmente é um elemento menos comum.

### Apoio local

O proprietário da fazenda não se opõe à visitação, porém não tem intenção de investir no turismo.

### Estado de conservação

A paisagem natural, inserida na área de proteção permanente, está bem conservada.

### Infraestrutura

O local possui trilha de acesso à cachoeira.

Acesso: cerca de 4 km de estrada de terra em condições regulares, partindo da sede municipal.

# Cachoeira dos Inhames

|           |                     |
|-----------|---------------------|
| Município | Santana do Pirapama |
| Local     | Fechados            |
| Categoria | Atrativo natural    |
| Tipo      | Queda d'água        |
| Subtipo   | Cachoeira           |

Na região do povoado de Inhames, no distrito de Fechados, município de Santana do Pirapama, está localizada a Cachoeira dos Inhames. Com grande destaque na paisagem da região da borda oeste da cordilheira do Espinhaço setentrional, a Cachoeira dos Inhames está localizada a 2 km do povoado de mesmo nome, de onde o córrego da cachoeira despenca formando a cachoeira e moldando a paisagem da Serra da Sinhorinha.

A Cachoeira dos Inhames cai de um desnível de 220 metros de altura em sua queda principal, seu poço tem em torno de 10 metros de profundidade, e as águas são agitadas de cor escura. A Cachoeira Alta pertence à Fazenda dos Inhames, que possui um grande acervo de peças relacionadas a atividades rurais e ao tropeirismo.

Além da cachoeira, dentro da propriedade existem inúmeras cavernas com destaque para a gruta do João Lopes com quase 700m acessíveis e vários sítios que se encontram muito bem preservados e protegidos.

De natureza privada, localizada em área rural, possui visitação em caráter de passeio, observação e aventura, e seu acesso é controlado pelo proprietário que há alguns anos proibiu o acesso público a fim de preservar sua integridade física e a privacidade de sua família. Recentemente, o proprietário deu início a investimentos em hospedagem e acessos dentro de sua propriedade, visando à viabilização da atividade turística, com a construção de uma casa de hóspedes bastante confortável com capacidade para hospedar oito visitantes.

O acesso ao povoado é feito via MG-238 pavimentada e é bem sinalizada no sentido Santana do Pirapama a Sete Lagoas. A estrada de acesso se localiza próximo ao povoado de Tibuna, sendo que a partir da sede do município são 38km, 10 km pavimentados e mais 28km quilômetros em estrada de terra, feitos em veículo de passeio com o tempo aproximado de 50 minutos.



## Potencial de atratividade

O conjunto formado por uma grande cachoeira com vários poços e piscinas naturais balneáveis a jusante de um grande cânion são os aspectos de destaque no atrativo.

## Grau de uso atual

A Cachoeira dos Inhames é bastante conhecida, porém seu uso se restringe à autorização do proprietário.

## Representatividade

As cachoeiras são elementos comuns na região da Serra do Cipó, cabendo destacar a altura da queda da Cachoeira dos Inhames com grande destaque na paisagem regional.

## Apoio local

O proprietário vem investindo em infraestrutura de acesso à cachoeira e aos demais sítios a fim de explorar a atividade de turismo, com conforto e segurança.

## Estado de conservação

A fazenda é bastante privilegiada, pois sua cobertura vegetal é bastante preservada. Contudo, ainda existem criações extensivas de gado de corte em sua montante que exercem alguma influência na qualidade de suas águas.

## Infraestrutura

A infraestrutura existente atende bem às necessidades dos visitantes, contudo precisa de melhorias.

## Acesso

O acesso se dá por estrada de terra, e nos meses secos costuma ser empoeirada e, nos meses de chuva, o problema é a lama. Pode ser melhorada.

# Cachoeiras do Ribeirão do Macuco

|           |                  |
|-----------|------------------|
| Município | Itabira          |
| Local     | Ipoema           |
| Categoria | Atrativo natural |
| Tipo      | Queda d'água     |
| Subtipo   | Cachoeira        |

Na região do povoado do Macuco, no distrito Itabirano de Ipoema, está localizado o conjunto de Cachoeiras Ribeirão do Macuco, entre as quais se destacam a Cachoeira do Macuco, ou Cachoeira Alta, e a Cachoeira do Patrocínio Amaro. A Cachoeira Alta está localizada a 12km do distrito de Ipoema, onde o Ribeirão do Macuco despenca de uma altura de cerca de 97 metros em queda livre, moldando a paisagem da Serra Velha.

De natureza privada, localizada em área rural, possui visitação em caráter de passeio, observa o e aventura agendada. Pode ser autoguiada ou com a op o da contrata o de guias. Cobra-se o valor de R\$10,00 pela entrada. Possui placas de aviso aos turistas e corrimão, além de portaria, bar e lanchonete, área de camping, estacionamento e tirolesa. O acesso   por estrada não pavimentada e a sinaliza o turística   precária. Há uma trilha de acesso, um trecho de 5 minutos de caminhada (aproximadamente) com leve grau de dificuldade. A trilha de acesso está em boas condi es. O local   aberto   visita o o ano inteiro, sendo os turistas o principal público frequentador.

A Cachoeira Alta cai de um desnível de 110 metros de altura; seu poço tem em torno de 8 metros de profundidade, e as águas são agitadas e de cor escura. Não   permitido banho no poço da cachoeira por motivo de segurança, contudo existem diversas piscinas naturais   montante da cachoeira.

A Cachoeira Alta pertence   Fazenda Cachoeira Alta, constru o histórica que guarda características das antigas fazendas mineiras. Possui ainda um engenho e um alambique para fabrica o de cachaça. O proprietário, Sr. Onelvino Coelho,   um dos últimos tropeiros existentes na região, que mant m sua tropa ainda em uso.

A Cachoeira do Patrocínio está localizada   jusante da Cachoeira Alta, a cerca de 17km do distrito de Ipoema. De natureza privada, localizada em área rural, possui visita o em caráter de passeio, observa o e aventura. Cobra-se o valor de R\$10,00 pela entrada no local. Possui placas de aviso aos turistas e corrimão, além de portaria, pousada, bar e lanchonete, área de camping e estacionamento. O acesso   por estrada não pavimentada e existe sinaliza o turística necessitando de melhoria. Há uma trilha de acesso, um trecho de 5 minutos de caminhada (aproximadamente), com leve grau de dificuldade. A

trilha de acesso está em boas condi es.

O local   aberto   visita o o ano inteiro, sendo os turistas o principal público frequentador. A cachoeira está localizada no Ribeirão do Macuco, possui 15 metros de altura, 3 metros de profundidade e, na data da visita o, volume baixo de  gua. Possui terreno rochoso e arenoso. As  guas do poço são calmas, de cor amarelada. Cita-se ainda, no conjunto das cachoeiras do Ribeirão do Macuco a Cachoeira do Meio, 20 metros de queda, não visitada em campo.

## Potencial de atratividade

O conjunto formado por tr s cachoeiras mais a antiga fazenda, onde ainda resiste a tradi o do tropeirismo, são os aspectos mais expressivos da região do Macuco.

## Grau de uso atual

As cachoeiras são bem conhecidas na região e frequentadas por turistas vindos de diversas partes, principalmente nos meses de verão.

## Representatividade

As cachoeiras são elementos comuns na região da Serra do Cipó, com destaque para a altura da queda da cachoeira Alta e a cor amarelada que reflete a água da Cachoeira do Patrocínio Amaro.

## Apoio local

Ambos os proprietários estruturaram as cachoeiras com a finalidade de explorar a atividade de turismo, apoiando qualquer iniciativa para fomentar a atividade.

## Estado de conserva o

A região já   ocupada por fazendas de gado, ocasionando desmatamentos para forma o de pastagens. Contudo a região mais próxima   Serra Velha apresenta melhores características naturais.

## Infraestrutura

A infraestrutura existente atende bem às necessidades dos visitantes, embora precise de melhorias.

## Acesso

O acesso se d  por estrada de terra, sendo que, nos meses secos, costuma ser empoeirada e, nos meses de chuva, o problema   a lama. Pode ser melhorada.



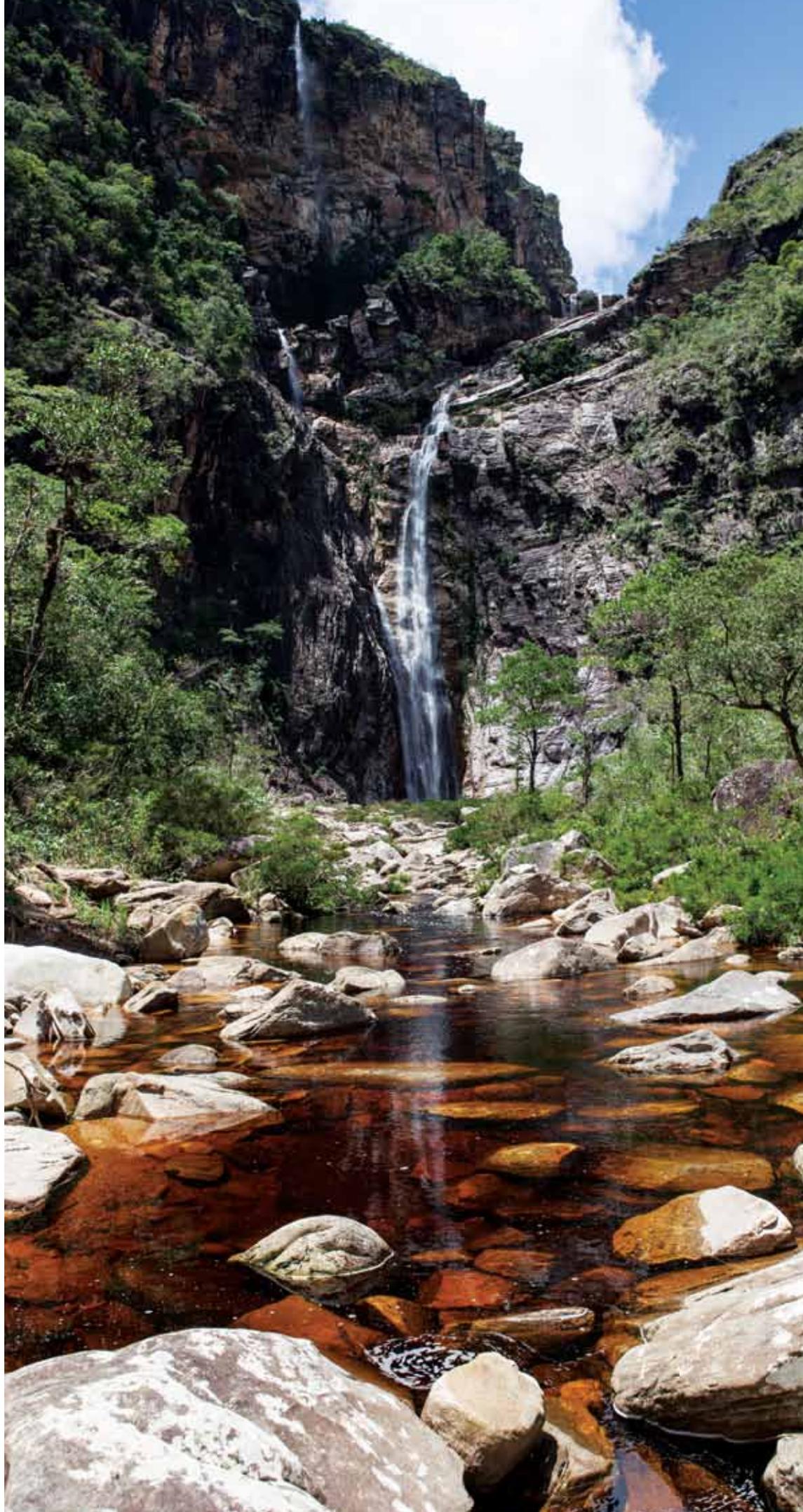
## Cachoeira Rabo de Cavalo

|           |                          |
|-----------|--------------------------|
| Município | Conceição do Mato Dentro |
| Local     | Serra do Intendente      |
| Categoria | Atrativo natural         |
| Tipo      | Queda d'água             |
| Subtipo   | Cachoeira                |

A Cachoeira do Rabo de Cavalo é formada pelo córrego do Teodoro, tendo 150 m de altura, dividindo-se em três quedas. A cachoeira principal é formada por uma queda mais alta com água de córrego secundário e, como bate em pedra no início da queda, acaba formando grandes respingos que, com a força do vento, a transformam em elemento semelhante a um rabo de cavalo em movimento. Há um grande poço formado pela queda d'água com aproximadamente 1.750 m<sup>2</sup> (50 x 35 m) e profundidade desconhecida. Suas águas são escuras, limpas e muito frias. É possível atravessá-lo a nado e ficar embaixo da queda. O poço é ladeado por um paredão rochoso e blocos de pedras de tamanhos variados.

A água possui tonalidade caramelo, é inodora e sua temperatura, fria. Há uma boa incidência de raios solares. A vegetação do entorno é constituída por matas ciliares e de galeria, campos rupestres e campos de cerrado. A trilha de acesso à cachoeira é de extrema beleza, de onde pode-se observar grande quantidade de plantas nativas, aves, insetos e também fazer paradas nos poços formados ao longo do rio. A cachoeira está situada na Área de Proteção Ambiental Municipal da Serra do Intendente. Na parte superior das quedas, formam-se belas piscinas naturais e quedas d'água menores, destacando-se a Cachoeira do Altar, que cai de forma alongada, como cortina, e forma um poço espumante.

Para se ter acesso à Cachoeira Rabo de Cavalo, deve-se percorrer, aproximadamente, 13 km saindo da sede em direção ao distrito de Itacolomi. A partir daí, são mais 10 km até o ponto do começo da trilha. Caminha-se, aproximadamente, uma hora por trilha até o poço. A Cachoeira Rabo de Cavalo está situada dentro de duas unidades de conservação criadas no município e que hoje se encontram sobrepostas: a APA Municipal Serra do Intendente, criada em 1999, e o Parque Estadual Serra do Intendente, criado em 2007.



### Potencial de atratividade

Uma das joias da Serra do Intendente, é uma cachoeira de beleza excepcional.

### Grau de uso atual

Visitada principalmente nos finais de semana e feriados prolongados.

### Representatividade

Uma das cachoeiras que merece destaque entre as demais, suas duas quedas consecutivas a tornam bastante singular.

### Apoio local

O atrativo encontra-se dentro de uma unidade de conservação, onde o turismo deve ser incentivado, desde que planejado e monitorado.

### Estado de conservação

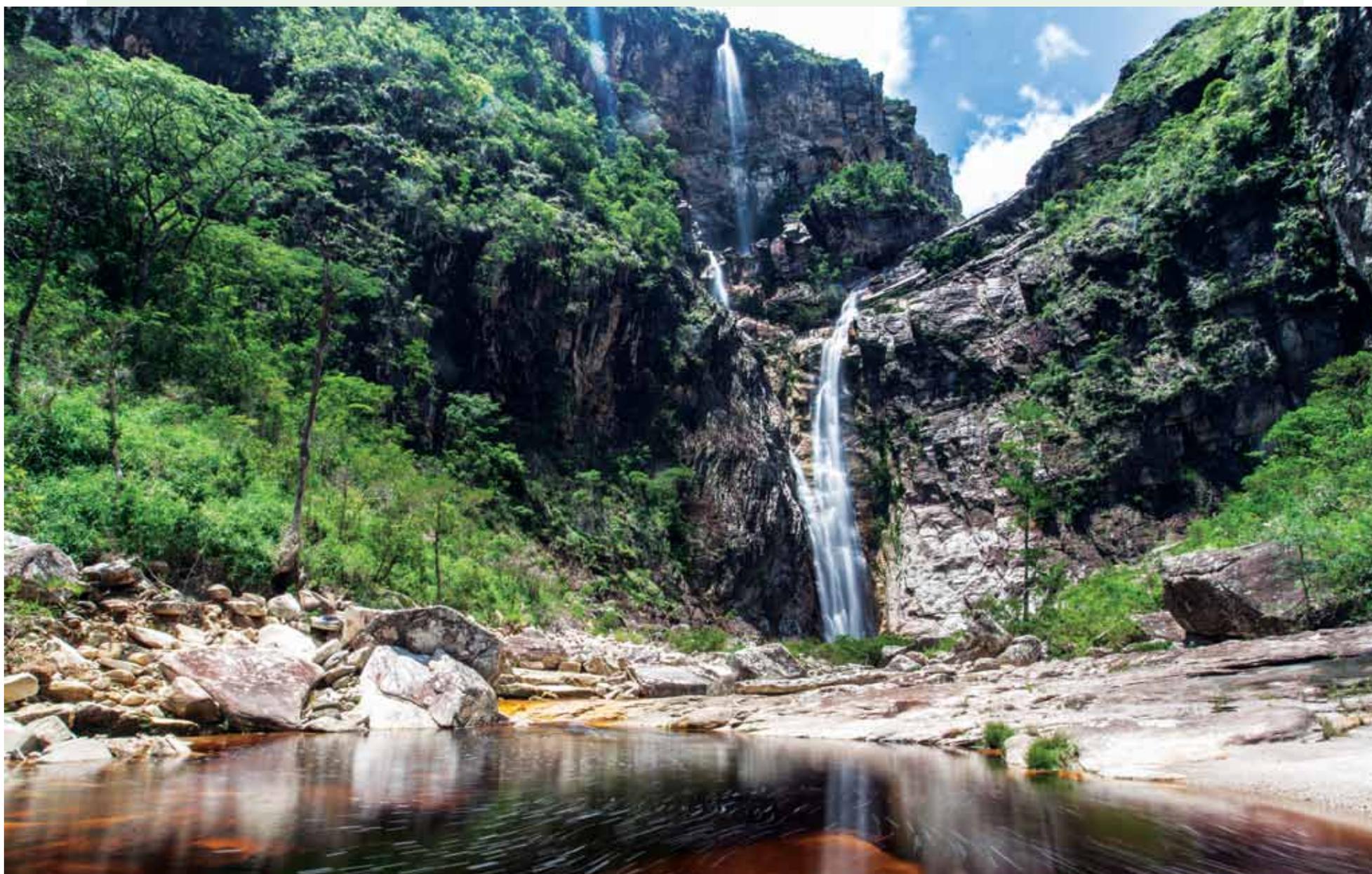
A paisagem do entorno encontra-se em bom estado de conservação.

### Infraestrutura

Possui alguma sinalização pela estrada de acesso e trilha até a base da cachoeira.

### Acesso

O acesso até o atrativo é em estrada de terra, necessitando de manutenção; já a trilha possui grau de dificuldade moderada, necessitando de melhorias.



# Cânion das Bandeirinhas

|           |                                  |
|-----------|----------------------------------|
| Município | Joboticatubas                    |
| Local     | Parque Nacional da Serra do Cipó |
| Categoria | Atrativo natural                 |
| Tipo      | Relevo cárstico                  |
| Subtipo   | Cânion                           |

Localizado no Parque Nacional Serra do Cipó, a 36 km da sede do município de Jaboticatubas, o Cânion das Bandeirinhas é um dos seus principais atrativos. Para atingi-lo, é necessário fazer uma caminhada de 12 quilômetros em terreno plano, aproximadamente 3 horas de caminhada, e no último quilômetro chega-se a uma região de cerrado extremamente conservada, com árvores altas e frondosas. O cânion é formado pelo Ribeirão Mascates (afluente do Rio Cipó) que escavou uma passagem na pedra formando imponentes paredões de aproximadamente 100 metros de altura.

Nele são encontradas várias fisionomias do bioma cerrado: campo limpo, campo sujo, cerradão, mata ciliar, mata de galeria e mata semidecídua. Possui uma extensão de 2 km por onde os visitantes podem caminhar, observando os pássaros e aproveitando os numerosos poços de água avermelhada para banho. A trilha pode ser percorrida a pé, a cavalo ou de bicicleta. Pelo caminho, belas paisagens, rios, lagos e enormes paredões. O cânion é um dos atrativos mais visitados do Parna, e suas quedas d'água formam uma sequência até a Cachoeira das Braúnas, divisa com Itabira.

O Cânion das Bandeirinhas é protegido por lei federal 90.223 e encontra-se em muito bom estado de conservação. O Parna Cipó é aberto para a visitação o ano todo das 8 às 16 horas, sendo cobrada entrada no valor de R\$ 3,00. Possui centro de recepção, posto de informações, portaria principal, guarita, sinalização e sanitários não adaptados para deficientes ou com mobilidade reduzida. A visitação não é recomendada em casos de incêndio ou chuvas fortes. No parque, há limite de visitação de 250 pessoas por dia e, atualmente, o principal público frequentador são turistas de todo o Brasil e, no âmbito internacional, vindos, principalmente, da Europa.



## Potencial de atratividade

Os paredões e a sequência de quedas d'água ao longo do cânion são o grande diferencial do atrativo.

## Grau de uso atual

O local é frequentado por visitantes de diversas regiões, e fluxo de visitação ocorre principalmente nos meses de verão.

## Representatividade

É um atrativo natural de significativa beleza cênica.

## Apoio local

A visitação turística é apoiada pelo órgão gestor da unidade de conservação.

## Estado de conservação

A paisagem circundante encontra-se bem conservada, porém parte do parque foi atingida recentemente por incêndios.

## Infraestrutura

O parque possui centro de recepção, posto de informações, portaria principal, guarita, sinalização e sanitários.

## Acesso

A trilha que leva ao atrativo encontra-se em bom estado de conservação.

# Cânion do Peixe Tolo

|           |                          |
|-----------|--------------------------|
| Município | Conceição do Mato Dentro |
| Local     | Serra do Intendente      |
| Categoria | Atrativo natural         |
| Tipo      | Relevo continental       |
| Subtipo   | Cânion                   |

O Peixe Tolo está localizado na região da serra do Intendente, no distrito de Itacolomi, no município de Conceição do Mato Dentro. O cânion do Peixe Tolo é dos maiores destinos e potenciais turísticos do município. Este fantástico cânion de quase 4 km resguarda, entre outras belezas, a segunda maior cachoeira da região - a cachoeira do Peixe Tolo, com aproximadamente 200 metros de queda livre, formada pelo ribeirão do Peixe Tolo. O volume de água é pequeno nos períodos de seca e a queda se esfumaça antes de atingir

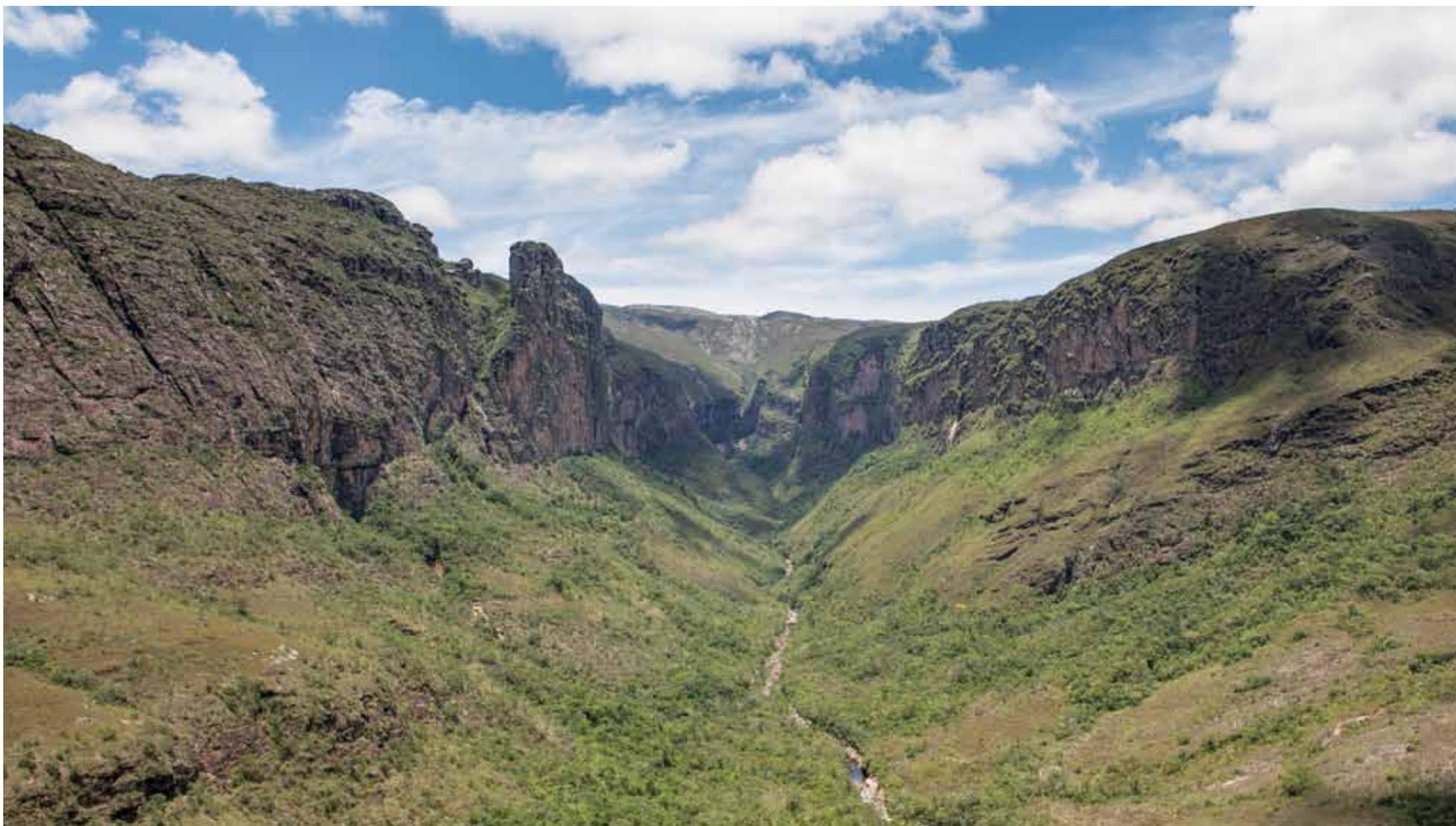
os blocos de pedra ao redor do grande e silencioso poço. Existem bromélias, musgos e arbustos ao longo dos paredões de pedra.

A imponência deste conjunto cativa os olhos de qualquer visitante. A área do cânion é objeto de disputa de posse por proprietários e posseiros na região e fica dentro das unidades de conservação APA Municipal Serra do Intendente (criada em 1.999) e do Parque Estadual Serra do Intendente (criado em 2007).

Outro fator que está colocando em risco este patrimônio natural é o crescente número de escaladas que estão sendo realizadas no seu paredão. Esta atividade tem sido praticada de forma ilegal na região e necessita de regularização. No cânion não existe nenhuma infraestrutura nem plano de manejo para receber os turistas. A região está pouco impactada, notando-se a presença de matas ciliares, flora exuberante e animais, com exceção da entrada da Bocaina, onde atividades clandestinas de extração de cristal produziram voçorocas que causaram assoreamento dos rios em grande extensão.

O acesso ao atrativo é feito a partir do distrito de Itacolomi, passando pela localidade de Parauninha até a região do cânion e todo o trecho de estrada está sinalizado. A partir daí, deixa-se o veículo e caminha-se por aproximadamente 2,5 horas. O atrativo fica a aproximadamente 25 km da sede do Município.





### Potencial de atratividade

---

O elemento é considerado um dos atrativos naturais de maior beleza cênica na região, de proporções gigantescas o cânion rasga a serra do Intendente moldando a paisagem.

### Grau de uso atual

---

O local pouco visitado e ainda relativamente desconhecido dos turistas.

### Representatividade

---

Caracteriza-se por um local de singular beleza, dos mais expressivos na região a serra do Cipó.

### Apoio local

---

Encontra-se numa unidade de conservação que ainda está sendo implantada, o acesso é feito por terrenos particulares.

### Estado de conservação

---

A paisagem do entorno é bem conservada, mas tem ocorrido frequentes incêndios que prejudicam a qualidade ambiental.

### Infraestrutura

---

O atrativo possui alguma sinalização indicativa e trilha de acesso.

### Acesso

---

Por estrada de terra a partir da sede municipal, necessitando de conservação.

# Cânion do Travessão

|           |  |
|-----------|--|
| Município | Santana do Riacho, Morro do Pilar, Jaboticatubas e Itambé do Mato Dentro |
| Local     | Parque Nacional da Serra do Cipó   |
| Categoria | Atrativo natural   |
| Tipo      | Relevo continental   |
| Subtipo   | Cânion   |

O Travessão é um vale monumental, divisor de águas das bacias do Rio São Francisco e Rio Doce. Está localizado na divisa entre os municípios de Santana do Riacho, Jaboticatubas, Morro do Pilar e Itambé do Mato Dentro, acessível a partir do Parque Nacional da Serra do Cipó. Para se chegar ao atrativo, atravessa-se uma típica vegetação de campos rupestres, com afloramentos

rochosos que abrigam pinturas rupestres e várias espécies de sempre-vivas, canelas-de-ema, orquídeas, extensos campos de samambaias de altitude, nascentes e cachoeiras, com panorâmicas deslumbrantes.

O travessão é o divisor das bacias, na borda Oeste, bacia do São Francisco; na borda Leste, ao sul, Rio Doce e, mais ao norte, rios Jequitinhonha e Mucuri. Existem dois vales profundos entre paredões enormes, cortados por dois rios cercados por Mata Atlântica, que nascem lado a lado e correm em direções opostas, separados apenas por um “travessão”. O caminho permite uma visão ampla do Parna e da APA Morro da Pedreira. A motivação do passeio é a paisagem, a observação de plantas e pássaros. No caminho, existe o poço do Paiol, onde é possível banhar-se.

O acesso mais usual é pela MG-10 na altura do km 112, após a Pousada Duas Pontes. A partir daí, são mais 9,5 km de caminhada até o alto do cânion. São cerca de 3 horas de caminhada, com algumas subidas fortes sobre pedras. Não é necessária a autorização prévia, mas os horários de funcionamento devem ser respeitados. A visitação pode não ser recomendada pelo Parque, em caso risco para o visitante, como incêndios e chuvas fortes.

## Potencial de atratividade

O elemento é considerado um dos atrativos naturais de grande beleza cênica na região.

## Grau de uso atual

O local recebe uma visitação regular, mais acentuada nos finais de semana e feriados.

## Representatividade

Lugar de beleza singular, forma um conjunto raro de paisagens deslumbrantes.

## Apoio local

Encontra-se numa unidade de conservação, e a visitação está prevista no plano de uso público.

## Estado de conservação

A paisagem do entorno é bem conservada, mas têm ocorrido frequentes incêndios no Parque nos últimos anos.

## Infraestrutura

O atrativo possui trilha de acesso.

## Acesso

Por trilha a partir da rodovia, necessitando de conservação.



# Colina da Paz

|           |  |
|-----------|--|
| Município | Conceição do Mato Dentro                 |
| Local     | Parque Natural Municipal Salão de Pedras |
| Categoria | Atrativo natural                         |
| Tipo      | Relevo cárstico                          |
| Subtipo   | Colina                                   |

A Colina da Paz, localizada no município de Conceição do Mato Dentro, é composta de formações rochosas espalhadas em largo perímetro na parte suave da encosta de uma colina, o Campo Grande, dentro do Parque Natural Municipal Salão de Pedras, criado em 1999. A paisagem ao redor é composta de matas de galeria, campos de altitude, capões de mata, candeias e do conjunto único de rochas muito antigas, trabalhadas pela ação das chuvas e dos ventos.

As estruturas não chegam a formar um setor adensado e estão mais espalhadas. São recortadas por trilhas que dão acesso ao Rio Santo Antônio, nos setores da Usina Velha e Funil. Foram identificados três importantes sítios arqueológicos na região da Colina da Paz: Abrigo do Anjo, Sítio da Pedra Polida e Sítio da Colina. As figuras mostram-se executadas predominantemente na tonalidade vermelha, seguida de ocre, enquadrando-se a Tradição Planalto, já anteriormente identificada na região. Na temática dessa Tradição, registra-se um predomínio de figuras monocrômicas e zoomórficas, destacando-se, como os principais motivos, os cervídeos e os peixes.

Como o próprio nome diz, a Colina da Paz é um local tranquilo, pouco visitado, e dele temos uma grande amplitude visual, vendo o pico de Conceição do Mato Dentro de um lado e a região da saída para Belo Horizonte, com Serra do Tomás e do Intendente, inclusive o paredão da Cachoeira do Tabuleiro. Na região da Colina da Paz, formam-se várias nascentes de água, como as do Córrego do Baú, do Ginásio e outras. Há a necessidade de recuperação ambiental dessa área, assim como em várias outras do Parque Natural Municipal Salão de Pedras.

Sua relevância turística é muito grande, tendo em vista sua proximidade em relação à cidade e sua estratégica formação hídrica. Também, faz-se necessária a urgente implantação de controle de entrada de visitantes nessa área, como em todo o Parque. O acesso à Colina da Paz pode ser feito partindo-se da Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição, seguindo a Rua Daniel de Carvalho sentido saída da cidade, chegando à Praça Corinto Guerra no bairro Bandeirinha. A partir daí, são aproximadamente 2,5 km, entrando pela Rua São Francisco, virando à esquerda, subindo até a região do Salão de Pedras e, depois, à direita seguindo reto até a formação rochosa da Colina. É necessária uma reavaliação da sinalização até o atrativo.

## Potencial de atratividade

O atrativo tem um simbolismo muito grande, os blocos de pedras dispostos irregularmente sobre a colina compõem uma paisagem mítica.

## Grau de uso atual

O local é bem frequentado pelos moradores, turistas e visitantes.

## Representatividade

Caracteriza-se por um lugar de meditação, onde natureza e história se misturam compondo um cenário singular.

## Apoio local

Encontra-se numa unidade de conservação que ainda está sendo implantada, mas é aberta à visitação sem controle de acesso.

## Estado de conservação

A paisagem do entorno tem sofrido com o avanço da malha urbana, necessita medidas urgentes de proteção.

## Infraestrutura

O atrativo possui alguma sinalização e estrada de acesso.

## Acesso

Por estrada de terra a partir da sede municipal, necessitando de conservação.



# Lagoa Dourada

|           |                    |
|-----------|--------------------|
| Município | Joboticatubas      |
| Local     | São José da Serra  |
| Categoria | Atrativo natural   |
| Tipo      | Relevo continental |
| Subtipo   | Vale               |

O vale da Lagoa Dourada é uma área pouco visitada no município de Jaboticatubas, que faz limite com o Parque Nacional da Serra do Cipó. Local de grande beleza, onde só é possível chegar por trilha de difícil acesso (12 km). O nome foi dado ao local devido ao capim que, com a incidência do Sol, fica com a tonalidade dourada, dando-lhe um aspecto de uma grande lagoa.

Na região, é possível identificar plantas como a canela-de-ema gigante, sempre-vivas, bromélias, orquídeas, líquens, droséreas (pequenas plantas vermelhas lembrando musgos) e animais endêmicos como a perereca de pijama. É marcante também pelo imponente cânion de 100 metros, onde deságua a cachoeira do Rio Jaboticatubas.

No encontro da Serra dos Confins com a Serra das Bandeirinhas, numa imensa campina, fica o vale da Lagoa Dourada e sua cachoeira de mesmo nome. A cachoeira possui duas quedas de fácil acesso e uma terceira mais difícil. Durante a caminhada, é possível ter uma panorâmica da região de São José da Serra e do Capão dos Palmitos. Trata-se de um lugar muito frágil e de extrema beleza natural, quase que intocado. Exatamente por isso, as visitas só podem acontecer mediante autorização do ICMBio.

## Potencial de atratividade

O atrativo possui elementos de excepcional beleza, formados pelo conjunto do vale, cachoeira e serra.

## Grau de uso atual

O vale da Lagoa Dourada é pouco visitado, procurado principalmente pelos praticantes de caminhadas.

## Representatividade

Suas características como o efeito dourado do capim tornam esse atrativo muito especial na região da Serra do Cipó.

## Apoio local

Observa-se interesse da comunidade de São José da Serra na divulgação do atrativo.

## Estado de conservação

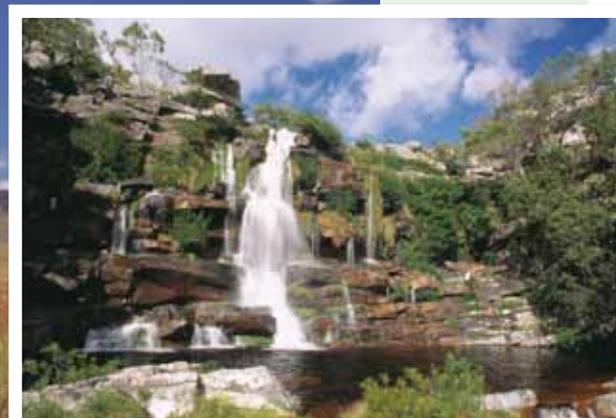
A paisagem é bem conservada, embora haja dificuldade de acesso.

## Infraestrutura

O atrativo possui somente trilha de acesso. Em São José da Serra, é possível encontrar opções de hospedagem e alimentação.

## Acesso

O povoado é acessível por estrada de terra, e o atrativo, somente por trilha.







# EVENTOS

Programados

## Festa de Nsra. do Rosário dos Pretos

|           |                               |
|-----------|-------------------------------|
| Município | Conceição do Mato Dentro      |
| Local     | Conceição do Mato Dentro      |
| Categoria | Eventos                       |
| Tipo      | Festas e celebrações          |
| Subtipo   | Religiosa; Manifestação de fé |

As festas do Rosário acontecem em Minas Gerais desde os primórdios do seu povoamento. É uma tradição mantida desde o tempo dos escravos e que se compõe de cortejos, desfile de rei e rainha, bandas musicais e danças dos grupos de Marujadas, Congadas e Moçambique que passam o dia a cantar e dançar pelas ruas da cidade. Durante o seu ciclo, acontece o chamado Reinado,

que a cada ano é conduzido por um rei e uma rainha (eleitos no ano anterior) e sua corte. Nesta, as guardas estão representadas nos diversos folguedos folclóricos que saem em cortejo pelas ruas da cidade.

A irmandade, sob vocação de Nossa Senhora do Rosário, é a mais antiga da cidade (1.723) e surgiu antes mesmo da criação da vigária, em 1752. A irmandade foi se desarticulando, depois de muitas dificuldades e, hoje, a comunidade assumiu a Festa do Rosário dos Pretos. Os grupos apresentam-se distinguindo-se uns dos outros pelas coreografias, pelos instrumentos e pela música que executam durante o louvado. São ainda acrescentadas por espetáculos pirotécnicos, levantamento de mastros com as bandeiras de Nossa Senhora.

O evento tem ornamentação, culinária típica, música, dança e diversas apresentações dos folguedos folclóricos como o Congado, Catopé, Marujada, Candomblé. Acontecem também procissão, bênçãos, missas solenes, “tocadores de pipiruí” – pífanos e tambores. A Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos acontece sempre no dia 1º de janeiro. O rei e a rainha ficam responsáveis pela organização de eventos.



## Potencial de atratividade

A festa é um evento que resgata e mantém várias manifestações herdadas dos povos afro-brasileiros que contribuem para nossa formação cultural.

## Grau de uso atual

O evento é frequentado mais por moradores da cidade, contudo atrai também visitantes de outras localidades.

## Representatividade

As festas em louvor a Nossa Senhora do Rosário acontecem em praticamente todos os municípios da região, o destaque da festa de Conceição é a diversidade de apresentações.

## Apoio local

O evento é organizado pela comunidade, que mobiliza um grande número de voluntários.

## Estado de conservação

As manifestações que ocorrem no evento guardam as tradições dos tempos passados.

## Infraestrutura

Durante o evento, é disponibilizada estrutura para atendimento aos visitantes, ainda que deficitária.

## Acesso

corre na sede no município, acessível por estrada pavimentada.



# Festa do Trabalhador

|           |                                |
|-----------|--------------------------------|
| Município | Santana do Pirapama            |
| Local     | Santana do Pirapama            |
| Categoria | Eventos                        |
| Tipo      | Festas e celebrações           |
| Subtipo   | Religiosa; Popular; folclórica |

A festa do trabalhador é um evento tradicional do município de Santana do Pirapama, ocorre todo ano no dia primeiro de maio. A festa acontece no adro do Santuário de Santana, no centro da cidade e tem sido organizada há mais de 20 anos pelo senhor José Basílio da Silva.

As celebrações começam a partir das 8 horas da manhã, com a recepção

dos grupos folclóricos. Os desfiles dos grupos folclóricos começam ao meio-dia com os grupos de Marujada, Caravana de Santos Reis, Folias do Divino e de Reis, Reinado de Nossa Senhora do Rosário, Moçambique, Batuque, Congada, Capina na Roça, desfile de carro de boi e um carro com antiguidades. Além dos desfiles de máquinas agrícolas com toda a produção da cidade e uma cavalgada com mais de 2.000 cavaleiros e amazonas.

A cidade conta com mais de 22 grupos de folia de reis e dois grupos de capina na roça. Uma missa é celebrada em homenagem aos trabalhadores e, durante a noite, ocorrem vários shows musicais para o público. Para aqueles que gostam de apresentações folclóricas, a festa do trabalhador de Santana do Pirapama é uma excelente opção por ter diferentes grupos folclóricos se apresentando em uma única festa.

Segundo o Sr. José Basílio, a festa do trabalhador começou como uma brincadeira para entreter os trabalhadores rurais da cidade, mas a festa foi tomando grandes proporções, e hoje é a maior festa da cidade, contando com visitantes de todo o Brasil e também de alguns países africanos.

## Potencial de atratividade

A diversidade das manifestações culturais que ocorrem durante o evento é o seu aspecto mais significativo.

## Grau de uso atual

Bem conhecido regionalmente, contudo o evento é mais frequentado pela população local.

## Representatividade

Importante evento regional, reúne diversos grupos culturais.

## Apoio local

Organizado pela comunidade, é o evento mais importante do município.

## Estado de conservação

O evento contribui para a conservação das diversas manifestações que ocorrem na região, com destaque para a dança das enxadas.

## Infraestrutura

O município possui opções de hospedagem e alimentação, e durante o evento é disponibilizada estrutura complementar.

## Acesso

O município é acessível por rodovia pavimentada, necessitando de melhorias.



# Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos

|           |                               |
|-----------|-------------------------------|
| Município | Conceição do Mato Dentro      |
| Local     | Conceição do Mato Dentro      |
| Categoria | Evento                        |
| Tipo      | Festa e celebração            |
| Subtipo   | Religiosa; manifestação de fé |

O Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos é a maior festa da cidade e é realizado há mais de duzentos anos no período de 14 a 24 de junho. Nesse período, a cidade se transforma com a vinda de milhares de romeiros e com intensa movimentação de fiéis e de comerciantes que se instalam na colina do Santuário durante a festa para agradecer ou implorar graças ao Bom Jesus. A Festa do Jubileu, embora tenha também conotação social e comercial decorrente do fluxo de romeiros e visitantes, conserva seu caráter religioso. Há missa e exposição do Santíssimo Sacramento, durante onze dias, e no último, a imagem sai em procissão.

O número de fiéis é tão grande que, no ano de 1844, o padre Bento Godim pediu ao Bispo de Mariana autorização para que todo sacerdote que



aparecesse em Conceição do Mato Dentro, por ocasião do Jubileu, pudesse receber confissões e pregar. Ficaram assim asseguradas aos milhares de romeiros condições para que exercessem sua fé e devoção.

A origem do culto de Bom Jesus de Matosinhos em Conceição do Mato Dentro, bem como a construção da capela destinada a abrigar a imagem do Senhor crucificado e a consequente instituição da Confraria de Matosinhos estão centradas em três episódios, que mesclam lenda e história: a origem parte da lenda do negro Antonio Angola, escravo que andava à procura de lenha nos arredores do arraial, quando encontrou uma perfeita imagem do Senhor crucificado. Seu senhor, ao saber do ocorrido, mandou construir no alto do morro um singelo orago, onde foi entronizado o Senhor Bom Jesus achado. À imagem foi atribuída a conotação de milagrosa, e a notícia espalhou-se rapidamente, e cada vez mais um número maior de devotos subia até o local, até que em 1943 o bispo do Rio de Janeiro, de passagem pela região, recomendou ao vigário local a construção de uma ermida decente para tão milagrosa imagem.

O Santuário atual ficou definitivamente concluído em 1934, e em 12 de maio do mesmo ano, uma imponente procissão conduziu triunfalmente a imagem do Senhor Bom Jesus da igreja matriz para sua nova morada. A presença de um novo templo, com maior capacidade de acomodação dos fiéis e mais condizente à grandeza do culto, inaugurou uma nova época para o Jubileu de Conceição, para onde flui um número cada vez maior de romeiros.

## Potencial de atratividade

O evento é uma das manifestações religiosas mais tradicionais da região da Serra do Cipó, reunindo anualmente milhares de romeiros no município.

## Grau de uso atual

Durante o evento o município recebe um fluxo muito grande de visitantes, maioria vinda da região do entorno.

## Representatividade

As festas religiosas são comuns na região, contudo nenhuma tem a tradição de mais de 200 anos e a grandiosidade do Jubileu.

Apoio local: a comunidade com a igreja são responsáveis pela organização da festa.

## Estado de conservação

As manifestações culturais relacionadas à festa ainda permanecem, apesar do caráter comercial do evento descaracterizar o seu principal objetivo.

## Infraestrutura

O município possui diversas opções de alimentação e hospedagem, mas não suporta o número de romeiros, que acaba alugando casas, instalando barracas, pagando por banho na casa dos residentes.

## Acesso

O evento ocorre na sede do município que é servido por rodovia pavimentada.









ANÁLISE E HIERARQUIZAÇÃO DOS INSUMOS TURÍSTICOS

# Análise e Hierarquização dos Insumos Turísticos

O diagnóstico apresentado anteriormente, com base nos inventários e pesquisas de campo, indicou que a região estudada oferece condições para o desenvolvimento do projeto “Marcas do Sagrado”.

Entre os benefícios do desenvolvimento do projeto, como atividade econômica e sócio-cultural, destacam-se as suas propriedades de geração de empregos, diretos e indiretos; fixação da população no meio rural; valorização da cultura local e regional; fortalecimento das instituições; fortalecimento da autoestima dos moradores das localidades, capacitação de recursos humanos e dos setores econômicos afins; incremento de medidas e planos para a proteção do patrimônio natural e cultural da região; melhoria da qualidade de vida local ao incrementar os serviços básicos que servem também ao turismo; estímulo à organização comunitária; recuperação de áreas degradadas; promoção da distribuição de renda e oferecimento de novas formas de entretenimento para a população.

## Análise dos insumos naturais e culturais

A análise dos insumos identificados na área de abrangência do projeto foi realizada a partir de critérios de hierarquização que consideraram os seguintes aspectos: capacidade de produzir impactos locais e regionais; condição de utilização a que estão submetidos; possibilidades para sua utilização; estado de conservação ambiental dos seus elementos; fragilidade dos ecossistemas

onde se encontram e representatividade desses atrativos para a região.

Essa metodologia permite a classificação dos insumos em atrativos ou recursos, com elevado potencial para o desenvolvimento do turismo e com potencialidade para o projeto, além de permitir a proposição das principais recomendações para sua utilização turística.

## Critérios adotados

Em um primeiro momento, são agrupadas as variáveis dos recursos naturais e culturais, determinando-se o seu grau de importância no quadro geral de uma região, estabelecendo-se prioridades com o objetivo de facilitar a tomada de decisões para os governantes e empreendedores do pólo. Metodologicamente, foram utilizados os seguintes critérios:

Critérios de hierarquização: que fornecem subsídios para a diferenciação objetiva das características e os graus de importância entre os atrativos conforme tabela elaborada pela Organização Mundial de Turismo (OMT) e pelo Centro Interamericano de Capacitação Turística (Cicatur) que pontua a intensidade da atratividade, estabelecendo uma ordem para priorizar o desenvolvimento para o turismo.

A Organização Mundial do Turismo (OMT/Cicatur) estabeleceu uma tabela de hierarquia que classifica os atrativos da seguinte forma:

## Tabela de valoração da hierarquia

| HIERARQUIA | CARACTERÍSTICAS  |
|------------|--|
| 3          | É todo atrativo turístico excepcional e de grande interesse, com significação para o mercado turístico internacional, capaz de, por si só, motivar importantes correntes de visitantes, atuais ou potenciais.  |
| 2          | Atrativos com aspectos excepcionais em um país, capazes de motivar uma corrente atual ou potencial de visitantes dos mercados internos e externos, seja por si só ou em conjunto com outros atrativos contíguos.   |
| 1          | Atrativos com algum aspecto expressivo, capazes de interessar visitantes oriundos de lugares distantes, dos mercados internos e externos, que tenham chegado à área por outras motivações turísticas ou de motivar correntes turísticas locais (atuais ou potenciais).   |
| 0          | Atrativos sem mérito suficiente para serem incluídos nas hierarquias superiores, mas que formam parte do patrimônio turístico, como elementos que podem complementar outros de maior hierarquia, no desenvolvimento e no funcionamento de quaisquer das unidades do espaço turístico que, em geral, podem motivar correntes turísticas locais, em particular a demanda de recreação popular. |

Essa classificação indica o grau de interesse de cada atrativo, atribuindo um valor quantitativo aos seus atributos, com base na intensidade da sua atratividade, estabelecendo uma ordem para priorizar seu desenvolvimento para o turismo.

Além da classificação da OMT, aplicaram-se os seguintes critérios para a hierarquização secundária, operacional:

- Grau de uso atual: analisar o atual volume de fluxo turístico efetivo e sua importância para o projeto. Difere do grau de interesse por representar a situação atual, em vez da potencial. Um alto grau de uso indica que o atrativo apresenta uma utilização turística efetiva.
- Representatividade: fundamentar-se na singularidade ou na raridade do atrativo. Quanto mais se assemelhar a outros atrativos, menos interessante ou prioritário.
- Apoio local e comunitário: com base na opinião dos líderes comunitários, deve-se analisar o grau de interesse da comunidade local para o desenvolvimento e a disponibilidade ao público.
- Estado de conservação da paisagem circundante: verificar, por observação in loco, o estado de conservação da paisagem que circunda o atrativo. Neste item, é analisada a ambiência do atrativo.
- Infraestrutura: verificar, in loco, se existe infraestrutura disponível no atrativo e o seu estado.
- Acesso: verificar as vias de acesso existentes e suas condições de uso.

Nesse estudo, os critérios de hierarquização e representatividade tiveram sua pontuação multiplicada por dois. Assim, posteriormente, o projeto “Marcas do Sagrado”, poderá diferenciar a hierarquia de cada critério, definindo mais especificamente cada atrativo de acordo com os interesses na sua utilização.

## Hierarquização e priorização

De acordo com as especificações apresentadas anteriormente, foram preenchidas as tabelas a seguir, em que são aferidos valores para cada item dos atrativos avaliados. É válido ressaltar que os itens de potencial de atratividade do elemento e representatividade devem receber a pontuação em dobro, ou seja, ter peso dois, por serem mais significativos em comparação com os demais itens avaliados.

Por exemplo, no caso de um atrativo cuja representatividade seja rara, singular, o valor atribuído a ele é de 3 pontos, conforme a tabela anterior, multiplicado pelo número dois ( $3 \times 2 = 6$ ). O mesmo deverá ocorrer para o item potencial de atratividade. A seguir, é apresentada a tabela dos atrativos naturais avaliados.

Tabela de valoração da hierarquia dos atrativos naturais

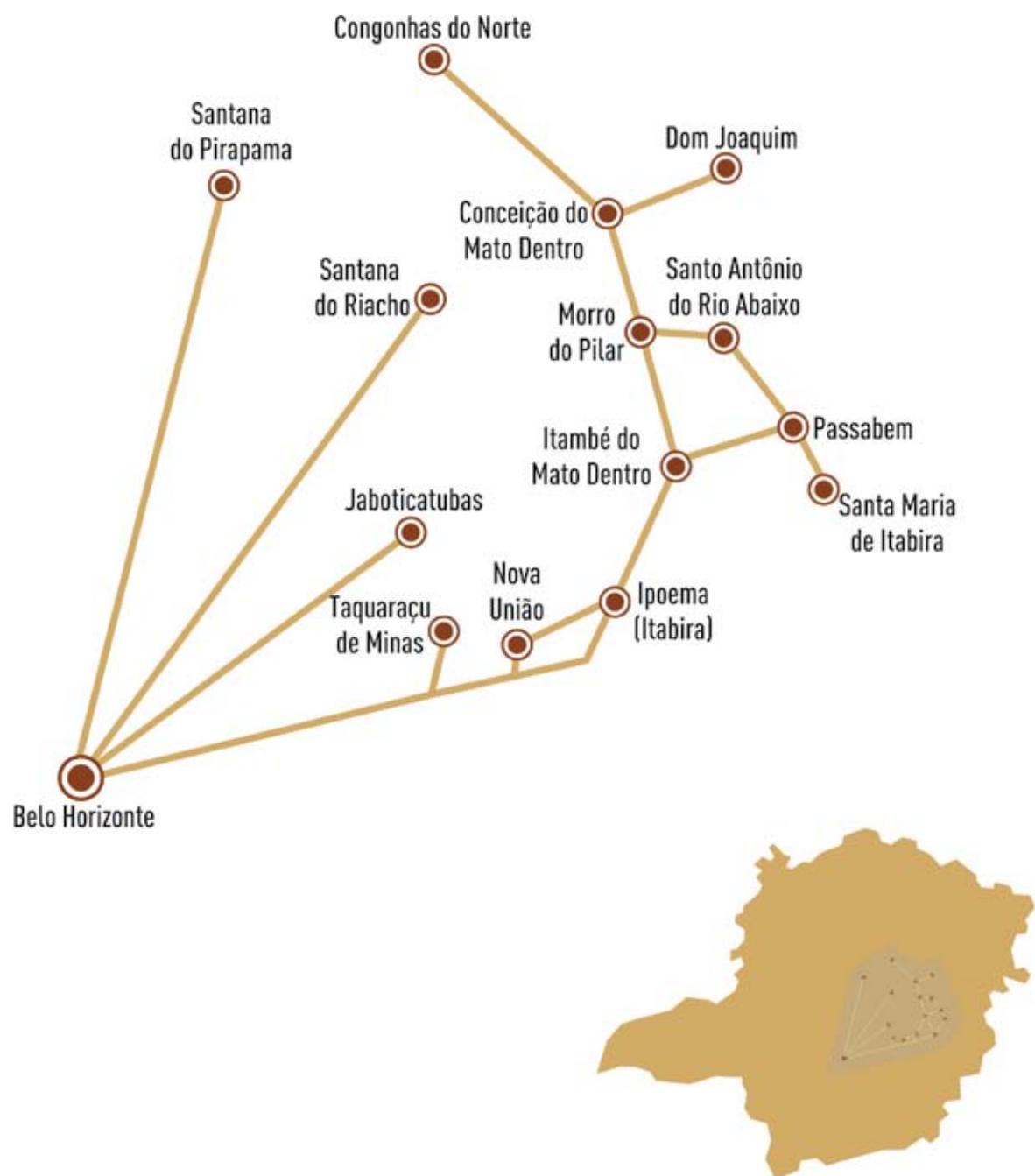
| Nome                             | Município                   | Tipo               | Subtipo   | Potencial atratividade (x2) | Grau de uso atual | Representatividade (x2) | Apoio local e comunitário | Paisagem | Infraestrutura | Acesso | Total |
|----------------------------------|-----------------------------|--------------------|-----------|-----------------------------|-------------------|-------------------------|---------------------------|----------|----------------|--------|-------|
| Cachoeira do Tabuleiro           | Conceição do Mato Dentro    | Queda d'água       | Cachoeira | 6                           | 3                 | 4                       | 2                         | 2        | 2              | 2      | 21    |
| Cachoeira do Bicame              | Santana do Riacho           | Queda d'água       | Cachoeira | 6                           | 1                 | 4                       | 2                         | 3        | 1              | 1      | 18    |
| Cânion do Peixe Tolo             | Conceição do Mato Dentro    | Relevo continental | Cânion    | 6                           | 2                 | 4                       | 1                         | 2        | 1              | 2      | 18    |
| Cachoeira das Braúnas            | Jaboticatubas               | Queda d'água       | Cachoeira | 6                           | 1                 | 4                       | 1                         | 3        | 1              | 1      | 17    |
| Cachoeira dos Inhames            | Santana do Pirapama         | Queda d'água       | Cachoeira | 4                           | 2                 | 4                       | 1                         | 2        | 2              | 2      | 17    |
| Cachoeira Rabo de Cavalo         | Conceição do Mato Dentro    | Queda d'água       | Cachoeira | 4                           | 2                 | 4                       | 1                         | 3        | 1              | 2      | 17    |
| Cânion das Bandeirinhas          | Jaboticatubas               | Relevo continental | Cânion    | 4                           | 3                 | 2                       | 2                         | 2        | 2              | 2      | 17    |
| Cachoeira do Soberbo             | Santana do Riacho           | Queda d'água       | Cachoeira | 4                           | 1                 | 4                       | 2                         | 3        | 1              | 1      | 16    |
| Cânion do Travessão              | Santana do Riacho           | Relevo continental | Cânion    | 4                           | 1                 | 4                       | 2                         | 2        | 1              | 2      | 16    |
| Colina da Paz                    | Conceição do Mato Dentro    | Relevo continental | Colina    | 4                           | 2                 | 4                       | 1                         | 1        | 2              | 2      | 16    |
| Cachoeiras do Ribeirão do Macuco | Itabira                     | Queda d'água       | Cachoeira | 2                           | 3                 | 2                       | 2                         | 1        | 2              | 2      | 14    |
| Lagoa Dourada                    | Jaboticatubas               | Relevo continental | Vale      | 4                           | 1                 | 4                       | 1                         | 2        | 1              | 1      | 14    |
| Cachoeira da Vitória             | Itambé do Mato Dentro       | Queda d'água       | Cachoeira | 2                           | 2                 | 2                       | 1                         | 1        | 1              | 2      | 11    |
| Cachoeira do Capão Redondo       | Congonhas do Norte          | Queda d'água       | Cachoeira | 2                           | 1                 | 2                       | 1                         | 2        | 1              | 2      | 11    |
| Cachoeira do Maurício            | Congonhas do Norte          | Queda d'água       | Cachoeira | 2                           | 1                 | 2                       | 1                         | 2        | 1              | 2      | 11    |
| Cachoeira dos Carapinas          | Congonhas do Norte          | Queda d'água       | Cachoeira | 2                           | 1                 | 2                       | 1                         | 2        | 1              | 2      | 11    |
| Cachoeira Alta - Altamira        | Nova União                  | Queda d'água       | Cachoeira | 2                           | 1                 | 2                       | 1                         | 2        | 1              | 1      | 10    |
| Cachoeira do Cristal             | Santo Antônio do Rio Abaixo | Queda d'água       | Cachoeira | 2                           | 1                 | 2                       | 1                         | 1        | 1              | 2      | 10    |
| Baixada das Crioulas             | Itambé do Mato Dentro       | Relevo cárstico    | Gruta     | 2                           | 1                 | 2                       | 1                         | 1        | 1              | 1      | 9     |

## Tabela de valoração da hierarquia dos atrativos culturais

| Nome                                    | Município                   | Tipo                          | Subtipo                          | Potencial atratividade (x2) | Grau de uso atual | Representatividade (x2) | Apoio local e comunitário | Paisagem | Infra-estrutura | Acesso | Total |
|---|-----------------------------|-------------------------------|----------------------------------|-----------------------------|-------------------|-------------------------|---------------------------|----------|-----------------|--------|-------|
| Museu do Tropeiro                       | Itabira                     | Lugar de referência a memória | Acontecimentos históricos        | 6                           | 2                 | 6                       | 3                         | 1        | 2               | 2      | 22    |
| Morro Redondo                           | Itabira                     | Lugar de manifestação de fé   | Encontro para manifestação de fé | 4                           | 2                 | 6                       | 3                         | 2        | 3               | 2      | 22    |
| Serra dos Alves                         | Itabira                     | Comunidade tradicional        | Agricultores                     | 4                           | 2                 | 4                       | 3                         | 2        | 2               | 2      | 19    |
| Lapinha da Serra                        | Santana do Riacho           | Comunidade tradicional        | Agricultores                     | 4                           | 3                 | 4                       | 2                         | 1        | 2               | 2      | 18    |
| Fazenda Cipó Velho                      | Jaboticatubas               | Arquitetura agrícola          | Fazenda                          | 4                           | 2                 | 4                       | 2                         | 2        | 2               | 2      | 18    |
| Cemitério do Peixe                      | Conceição do Mato Dentro    | Lugar de manifestação de fé   | Romaria e procissão              | 4                           | 2                 | 6                       | 2                         | 2        | 1               | 1      | 18    |
| Córregos                                | Conceição do Mato Dentro    | Conjunto arquitetônico        | Rural                            | 4                           | 2                 | 4                       | 2                         | 2        | 2               | 2      | 18    |
| Matriz de Nossa Senhora Aparecida       | Conceição do Mato Dentro    | Arquitetura religiosa         | Igreja                           | 4                           | 2                 | 4                       | 3                         | 2        | 1               | 1      | 17    |
| São José da Serra                       | Jaboticatubas               | Conjunto arquitetônico        | Rural                            | 4                           | 2                 | 4                       | 2                         | 1        | 2               | 2      | 17    |
| Santana do Rio Preto - Cabeça de Boi    | Itambé do Mato Dentro       | Comunidade tradicional        | Agricultores                     | 2                           | 2                 | 4                       | 2                         | 2        | 2               | 2      | 16    |
| Matriz de Santana                       | Congonhas do Norte          | Arquitetura religiosa         | Igreja                           | 4                           | 1                 | 4                       | 3                         | 1        | 1               | 2      | 16    |
| Matriz de Nossa Senhora Conceição       | Conceição do Mato Dentro    | Arquitetura religiosa         | Igreja                           | 6                           | 1                 | 4                       | 1                         | 1        | 1               | 2      | 16    |
| Pastel de Angu                          | Conceição do Mato Dentro    | Gastronomia típica            | Receita tradicional              | 2                           | 2                 | 4                       | 2                         | 2        | 2               | 2      | 16    |
| Tijucal                                 | Conceição do Mato Dentro    | Sítio arqueológico            | Arte rupestre                    | 4                           | 1                 | 4                       | 1                         | 2        | 1               | 2      | 15    |
| Candombe do Açude                       | Jaboticatubas               | Forma de expressão            | Cênica Performática              | 2                           | 2                 | 4                       | 2                         | 2        | 1               | 2      | 15    |
| Banana Verde                            | Itambé do Mato Dentro       | Gastronomia típica            | Receita tradicional              | 2                           | 2                 | 2                       | 3                         | 2        | 2               | 2      | 15    |
| Bolo de Kubu                            | Itabira                     | Gastronomia típica            | Receita tradicional              | 2                           | 2                 | 4                       | 1                         | 2        | 2               | 2      | 15    |
| Fechados                                | Santana do Pirapama         | Comunidade tradicional        | Agricultores                     | 4                           | 1                 | 4                       | 1                         | 2        | 1               | 1      | 14    |
| Fazenda Vista Alegre                    | Nova União                  | Arquitetura agrícola          | Alambique                        | 4                           | 1                 | 2                       | 2                         | 1        | 2               | 2      | 14    |
| Marujada Nsra do Rosário                | Congonhas do Norte          | Forma de expressão            | Cênica Performática              | 2                           | 1                 | 4                       | 2                         | 2        | 1               | 2      | 14    |
| Artesanato em Couro                     | Conceição do Mato Dentro    | Artesanato                    | Couro                            | 2                           | 2                 | 4                       | 2                         | 1        | 1               | 2      | 14    |
| Arroz Vermelho                          | Jaboticatubas               | Gastronomia típica            | Receita tradicional              | 2                           | 1                 | 4                       | 2                         | 1        | 2               | 2      | 14    |
| Artesanato em Palha de Taquaraçu/Indaiá | Morro do Pilar              | Artesanato                    | Cestaria                         | 2                           | 1                 | 4                       | 2                         | 1        | 1               | 2      | 13    |
| Barro Preto                             | Santa Maria de Itabira      | Comunidade tradicional        | Quilombola                       | 2                           | 1                 | 4                       | 2                         | 1        | 1               | 2      | 13    |
| Mato do Tição                           | Jaboticatubas               | Comunidade tradicional        | Quilombola                       | 2                           | 2                 | 2                       | 3                         | 1        | 1               | 2      | 13    |
| Bolinho de Feijão Miúdo                 | Jaboticatubas               | Gastronomia típica            | Receita tradicional              | 2                           | 1                 | 4                       | 1                         | 2        | 1               | 2      | 13    |
| Costa Sena                              | Conceição do Mato Dentro    | Conjunto arquitetônico        | Rural                            | 4                           | 1                 | 2                       | 1                         | 2        | 2               | 1      | 13    |
| Minas do Hogó                           | Morro do Pilar              | Lugar de referência a memória | Acontecimentos históricos        | 2                           | 1                 | 4                       | 1                         | 1        | 1               | 2      | 12    |
| Artesanato em Bambu                     | Taquaraçu de Minas          | Artesanato                    | Cestaria                         | 2                           | 1                 | 4                       | 1                         | 1        | 1               | 2      | 12    |
| Fazenda Ribeirão                        | Dom Joaquim                 | Arquitetura agrícola          | Fazenda                          | 2                           | 1                 | 4                       | 1                         | 2        | 1               | 1      | 12    |
| Serra dos Milagres                      | Itambé do Mato Dentro       | Sítio arqueológico            | Arte rupestre                    | 2                           | 1                 | 2                       | 1                         | 2        | 1               | 2      | 11    |
| Candeias                                | Conceição do Mato Dentro    | Comunidade tradicional        | Quilombola                       | 2                           | 2                 | 2                       | 1                         | 2        | 1               | 1      | 11    |
| Gondó                                   | Conceição do Mato Dentro    | Gastronomia típica            | Receita tradicional              | 2                           | 1                 | 2                       | 1                         | 2        | 1               | 2      | 11    |
| Santo Antônio do Norte                  | Conceição do Mato Dentro    | Conjunto arquitetônico        | Rural                            | 2                           | 1                 | 2                       | 2                         | 2        | 1               | 1      | 11    |
| Artesanato Dom Cipó                     | Dom Joaquim                 | Artesanato                    | Tecelagem                        | 2                           | 1                 | 2                       | 2                         | 1        | 1               | 2      | 11    |
| Lapa Grande                             | Taquaraçu de Minas          | Sítio arqueológico            | Cerâmico                         | 2                           | 1                 | 2                       | 1                         | 1        | 1               | 2      | 10    |
| Fazenda Bolívia                         | Passabém                    | Arquitetura agrícola          | Fazenda                          | 2                           | 1                 | 2                       | 1                         | 1        | 1               | 2      | 10    |
| Fazenda dos Bambus                      | Santo Antônio do Rio Abaixo | Arquitetura agrícola          | Fazenda                          | 2                           | 1                 | 2                       | 1                         | 1        | 1               | 2      | 10    |
| Artesanato em Fibras de Bananeira       | Nova União                  | Artesanato                    | Fibras naturais                  | 2                           | 1                 | 2                       | 1                         | 1        | 1               | 1      | 9     |

## Tabela de valoração da hierarquia dos eventos programados

| Nome   | Município                | Tipo               | Subtipo                         | Potencial atratividade (x2) | Grau de uso atual | Representatividade (x2) | Apoio local e comunitário | Paisagem | Infraestrutura | Acesso | Total |
|--|--------------------------|--------------------|---------------------------------|-----------------------------|-------------------|-------------------------|---------------------------|----------|----------------|--------|-------|
| Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matozinhos    | Conceição do Mato Dentro | Festas Celebrações | Religiosa<br>Manifestação de fé | 4                           | 3                 | 6                       | 3                         | 2        | 2              | 1      | 21    |
| Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos | Conceição do Mato Dentro | Festas Celebrações | Religiosa<br>Manifestação de fé | 4                           | 2                 | 4                       | 2                         | 2        | 1              | 2      | 17    |
| Festa do Trabalhador                         | Santana do Pirapama      | Festas Celebrações | Religiosa<br>Manifestação de fé | 2                           | 2                 | 2                       | 2                         | 2        | 2              | 2      | 14    |



## Tabela de coordenadas geográficas dos insumos turísticos (UTM, FADA 69)

| Nome                                    | Município                   | Zona | Easting    | Northing    |
|---|-----------------------------|------|------------|-------------|
| Fazenda Vista Alegre                    | Nova União                  | 23k  | 650679,538 | 7824676,521 |
| Fazenda Cipó Velho                      | Jaboticatubas               | 23k  | 641687,534 | 7861502,508 |
| Fazenda Ribeirão                        | Dom Joaquim                 | 23k  | 679980,202 | 7917777,069 |
| Fazenda Bolívia                         | Passabém                    | 23k  | 698643,515 | 7859318,521 |
| Fazenda dos Bambus                      | Santo Antônio do Rio Abaixo | 23k  | 682755,517 | 7871900,513 |
| Matriz de Nossa Senhora Aparecida       | Conceição do Mato Dentro    | 23k  | 657934,422 | 7911306,187 |
| Matriz de Santana                       | Congonhas do Norte          | 23k  | 639067,600 | 7919943,875 |
| Matriz de Nossa Senhora Conceição       | Conceição do Mato Dentro    | 23k  | 665721,119 | 7894443,297 |
| Artesanato em Palha de Taquaraçu/Indaiá | Morro do Pilar              | 23k  | 670122,941 | 7874373,668 |
| Artesanato em Bambu                     | Taquaraçu de Minas          | 23k  | 637406,542 | 7824840,519 |
| Artesanato em Couro                     | Conceição do Mato Dentro    | 23k  | 665996,594 | 7894123,056 |
| Artesanato em Fibras de Bananeira       | Nova União                  | 23k  | 648641,538 | 7827405,520 |
| Artesanato Dom Cipó                     | Dom Joaquim                 | 23k  | 683506,464 | 7901654,390 |
| Serra dos Alves                         | Itabira                     | 23k  | 661968,663 | 7842194,168 |
| Lapinha da Serra                        | Santana do Riacho           | 23k  | 639110,531 | 7885605,499 |
| Santana do Rio Preto - Cabeça de Boi    | Itambé do Mato Dentro       | 23k  | 668527,526 | 7854084,516 |
| Fechados                                | Santana do Pirapama         | 23k  | 615222,534 | 7920918,481 |
| Barro Preto                             | Santa Maria de Itabira      | 23k  | 701634,517 | 7847808,526 |
| Mato do Tição                           | Jaboticatubas               | 23k  | 628703,161 | 7842163,639 |
| Candeias                                | Conceição do Mato Dentro    | 23k  | 648098,524 | 7900942,494 |
| Córregos                                | Conceição do Mato Dentro    | 23k  | 657910,518 | 7911345,492 |
| São José da Serra                       | Jaboticatubas               | 23k  | 642750,757 | 7848657,126 |
| Santo Antônio do Norte                  | Conceição do Mato Dentro    | 23k  | 656806,400 | 7919887,708 |
| Costa Sena                              | Conceição do Mato Dentro    | 23k  | 641060,521 | 7935531,478 |
| Candombe do Açude                       | Jaboticatubas               | 23k  | 641174,534 | 7859455,508 |
| Marujada Nsra do Rosário                | Congonhas do Norte          | 23k  | 639890,827 | 7919718,527 |
| Pastel de Angú                          | Conceição do Mato Dentro    | 23k  | 665721,678 | 7894388,497 |
| Banana Verde                            | Itambé do Mato Dentro       | 23k  | 668678,944 | 7854009,337 |
| Bolo de Kubu                            | Itabira                     | 23k  | 664242,411 | 7829902,905 |
| Arroz Vermelho                          | Jaboticatubas               | 23k  | 640566,043 | 7857101,063 |
| Bolinho de Feijão Miúdo                 | Jaboticatubas               | 23k  | 630871,851 | 7840786,383 |
| Gondó                                   | Conceição do Mato Dentro    | 23k  | 665430,130 | 7903021,390 |

| Nome   | Município                   | Zona | Easting    | Northing    |
|--|-----------------------------|------|------------|-------------|
| Morro Redondo                                | Itabira                     | 23k  | 658837,223 | 7836867,424 |
| Cemitério do Peixe                           | Conceição do Mato Dentro    | 23k  | 624122,528 | 7936226,475 |
| Museu do Tropeiro                            | Itabira                     | 23k  | 664201,431 | 7829654,701 |
| Minas do Hogó                                | Morro do Pilar              | 23k  | 669468,851 | 7873898,046 |
| Tijucal                                      | Conceição do Mato Dentro    | 23k  | 662704,522 | 7885797,503 |
| Serra dos Milagres                           | Itambé do Mato Dentro       | 23k  | 675258,813 | 7850278,165 |
| Lapa Grande                                  | Taquaraçu de Minas          | 23k  | 632726,542 | 7831576,516 |
| Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matozinhos    | Conceição do Mato Dentro    | 23k  | 665953,818 | 7894981,010 |
| Festa do Trabalhador                         | Santana do Pirapama         | 23k  | 600818,543 | 7898268,488 |
| Festa de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos | Conceição do Mato Dentro    | 23k  | 665628,052 | 7894787,220 |
| Cachoeira do Tabuleiro                       | Conceição do Mato Dentro    | 23k  | 652357,410 | 7888989,849 |
| Cachoeira das Braúnas                        | Jaboticatubas               | 23k  | 653630,532 | 7849349,514 |
| Cachoeira do Bicame                          | Santana do Riacho           | 23k  | 635309,530 | 7896129,494 |
| Cachoeira dos Inhames                        | Santana do Pirapama         | 23k  | 627897,532 | 7905007,489 |
| Cachoeira do Soberbo                         | Santana do Riacho           | 23k  | 632730,531 | 7896762,493 |
| Cachoeira Rabo de Cavalo                     | Conceição do Mato Dentro    | 23k  | 647425,657 | 7895473,534 |
| Cachoeiras do Ribeirão do Macuco             | Itabira                     | 23k  | 658084,460 | 7834406,894 |
| Cachoeira da Vitória                         | Itambé do Mato Dentro       | 23k  | 673674,504 | 7851414,648 |
| Cachoeira do Capão Redondo                   | Congonhas do Norte          | 23k  | 632522,964 | 7923552,173 |
| Cachoeira do Maurício                        | Congonhas do Norte          | 23k  | 635039,426 | 7929475,048 |
| Cachoeira dos Carapinas                      | Congonhas do Norte          | 23k  | 637583,532 | 7909478,782 |
| Cachoeira Alta - Altamira                    | Nova União                  | 23k  | 650182,535 | 7842647,516 |
| Cachoeira do Cristal                         | Santo Antônio do Rio Abaixo | 23k  | 684764,516 | 7875519,512 |
| Baixada das Crioulas                         | Itambé do Mato Dentro       | 23k  | 673072,998 | 7853586,573 |
| Cânion das Bandeirinhas                      | Jaboticatubas               | 23k  | 650223,533 | 7852206,512 |
| Cânion do Peixe Tolo                         | Conceição do Mato Dentro    | 23k  | 645399,060 | 7898320,292 |
| Cânion do Travessão                          | Santana do Riacho           | 23k  | 655600,529 | 7861846,510 |
| Colina da Paz                                | Conceição do Mato Dentro    | 23k  | 663313,839 | 7893112,752 |
| Lagoa Dourada                                | Jaboticatubas               | 23k  | 646876,534 | 7849599,513 |

A região da Serra do Cipó possui um enorme potencial para o desenvolvimento do projeto Marcas do Sagrado, suficiente para atrair os visitantes mais exigentes quanto à autenticidade e à originalidade dos atrativos tanto culturais quanto naturais.

Mas, por outro lado, a infraestrutura e a oferta de equipamentos e serviços turísticos é deficitária, quantitativa e qualitativamente, tendo em vista o mercado nacional e internacional.

Outros entraves ao desenvolvimento do turismo verificados são a falta de capacitação de mão de obra para a atividade, as restrições legais ao aproveitamento de diversos recursos naturais e culturais e a distância dos polos emissores nacionais.

No que diz respeito ao turismo como ferramenta para o desenvolvimento da região, há condições reais de fazer com que o projeto ganhe força no contexto regional, fomentando o desenvolvimento econômico aliado à conservação dos recursos naturais e à melhoria da qualidade de vida das populações locais, para o que é necessária a participação ativa de todos os setores da sociedade desde as etapas preliminares de planejamento.

As recomendações a serem consideradas, para que se possam definir os roteiros e os programas para o desenvolvimento do turismo na região, incluem melhorias no sistema viário, na infraestrutura de saneamento, nas comunicações e em outros serviços básicos; desenvolvimento de produtos, com o planejamento e o estudo de atividades turísticas em unidades de conservação, sítios arqueológicos e históricos; programas de capacitação de mão de obra e fortalecimento de instituições voltadas para a atividade; programas de microcrédito desburocratizado, que facilitem a inserção do setor privado e das comunidades no processo de desenvolvimento da

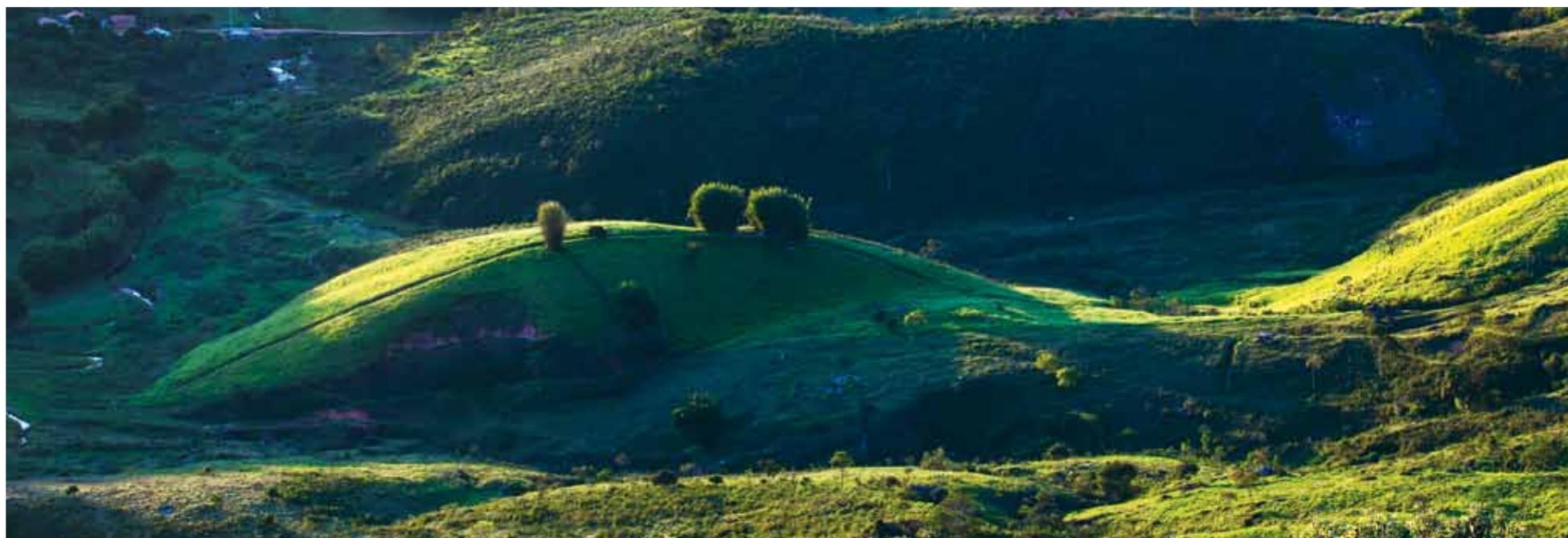
atividade; elaboração de recomendações de melhores práticas de serviços e infraestrutura para o setor privado e planejamento de marketing voltado para os mercados-alvo da atividade, buscando soluções criativas para a inserção do destino no mercado internacional.

Para que a exploração turística nesse destino ocorra de forma sustentável e se consolide no cenário turístico nacional, é preciso trabalhar para corrigir os problemas apontados, por meio do planejamento integrado da região de forma a diversificar a oferta, tornando o produto mais atraente e promovendo uma justa distribuição de recursos.

Desde que haja recursos disponíveis, vontade política e um plano de ações, fruto desse trabalho, a solução para os problemas de infraestrutura básica podem ser resolvidos. Já o aumento da oferta de equipamentos turísticos depende principalmente da iniciativa privada e, em um primeiro momento, será necessária uma política de incentivos e esclarecimentos do que é o projeto “Marcas do Sagrado” e das intenções para a região, com o intuito de nortear esses investimentos.

Assim, o planejamento em todos os níveis é fundamental para a implantação do turismo como elemento impulsionador do desenvolvimento regional e na melhoria da qualidade de vida dos moradores das localidades envolvidas. Identificou-se que a maioria dos municípios apresenta problemas econômicos devido à inexistência de atividades produtivas consolidadas.

Acredita-se que o turismo poderá promover o incremento dos processos sociais e agregar valor aos produtos regionais, disponibilizando novas oportunidades às comunidades. Porém, para se consolidarem, exigirão mudanças de mentalidade, de métodos organizacionais e de visão econômico-política.





## Agradecimento

---

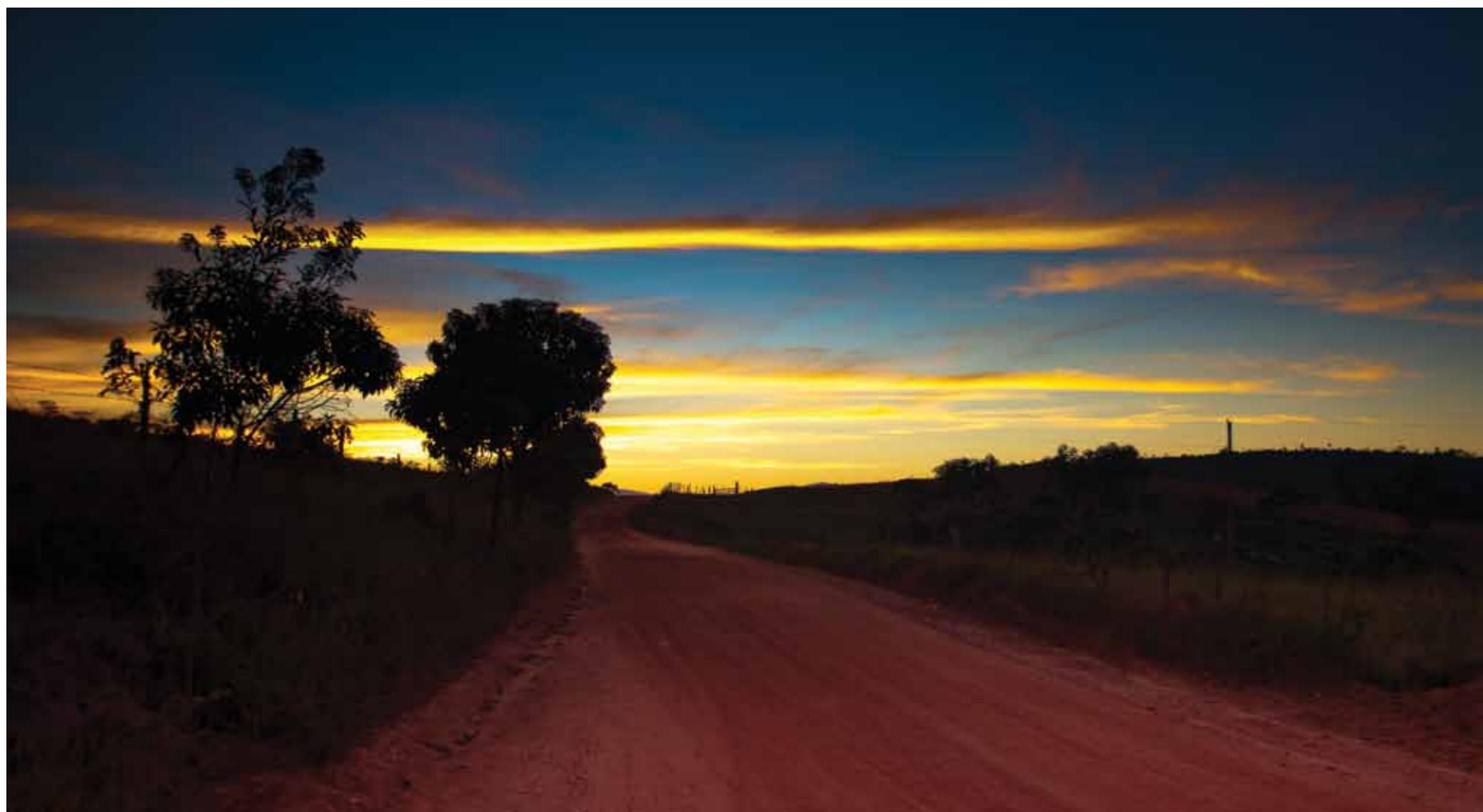
Agradecemos a todas as pessoas que acreditaram e somaram suas ideias e sonhos que contribuíram para a edificação da proposta do Marcas do Sagrado na região da Serra do Cipó. Para nós, o apoio de todas essas pessoas que praticam “um novo olhar e uma visão aprofundada” sobre esse território, nos fortalece no trabalho permanente para que o turismo possa ser uma forma silenciosa e discreta de equilíbrio, de conexão e de possibilidade para uma experiência inovadora e singular.

Em especial, agradecemos o apoio da equipe técnica e da diretoria do Sebrae Minas, que acreditaram e apoiaram nossa proposta. À empresa Manabi, pelo apoio cultural. Ao fotógrafo Jorge Santos, “mestre na arte de capturar o momento mágico” das imagens do relatório. E à equipe técnica que trabalhou em campo na busca pelas informações dos relatórios técnicos.

Sobretudo, agradecemos às pessoas simples que habitam os altiplanos e vales dessa região do Espinhaço, escolhida como área piloto para o Marcas do Sagrado.

Para essa gente que guarda os mais significativos valores humanos e espirituais das Marcas do Sagrado, nosso mais sincero agradecimento.

***“Um novo olhar e uma  
visão aprofundada”***



# Currículos

---

## Bruno Guillarducci

---

Bacharel em Turismo, com especialização em Ecoturismo: Interpretação e Planejamento de Atividades em Áreas Naturais e especialização em Análise Ambiental.

## Cristiano Rodrigues da Silva

---

Condutor de Turismo com experiência internacional, residente na comunidade de Tabuleiro.

## Ézio Dornelas Goulart

---

Tecnólogo em Administração Rural com especialização em Ecoturismo: Educação e Interpretação Ambiental (UFLA) e mestrando em Geografia: Análise Ambiental. Consultor em Turismo e Meio Ambiente com experiência na região da Serra do Cipó.

## Marcelo Bastos Soares

---

Espeleólogo, Guia de Turismo. Ex-presidente do Circuito Turístico das Grutas.

## Maria Christina Pires

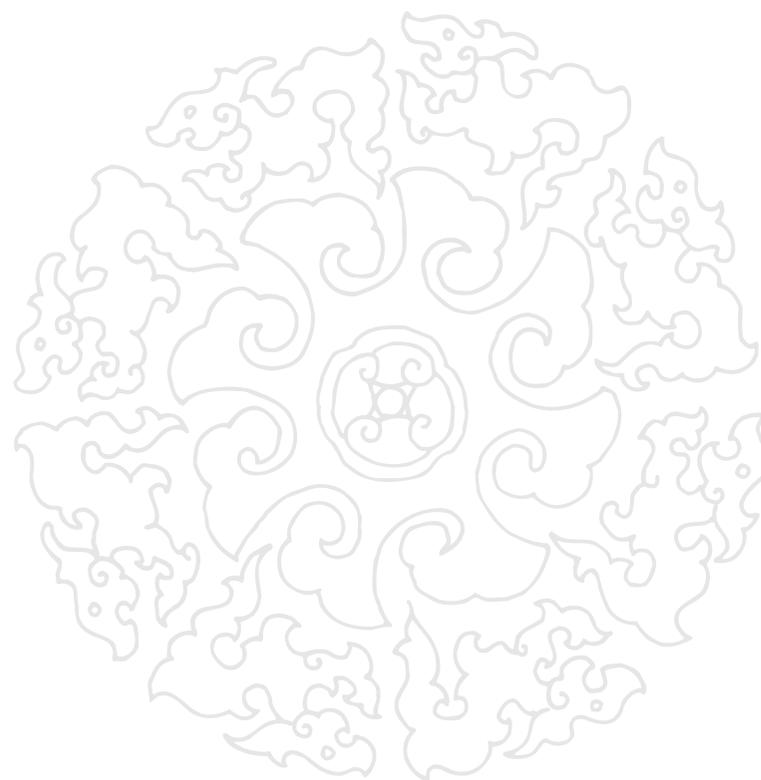
---

Tecnóloga em Turismo e Hotelaria.

## Mariana de Oliveira Lacerda

---

Bacharel e especialista em turismo. Mestre e doutoranda em Geografia. Professora do Departamento de Geografia / Curso de turismo UFMG. Pesquisadora do Centro de Pesquisa-ação em Planejamento Turístico-CEPLANTUR/UFMG.



# Instituições idealizadoras



**INSTITUTO ESPINHAÇO**

Biodiversidade, Cultura e Desenvolvimento Socioambiental

## INSTITUTO ESPINHAÇO

O INSTITUTO ESPINHAÇO foi idealizado, pensado e criado com o propósito de trabalhar de forma ativa e permanente, com foco numa abordagem tríplice de atuação: biodiversidade, cultura e desenvolvimento socioambiental.

O trabalho em rede, a conexão com pessoas e lugares, o propósito de integração de ações, a sinergia de pensamentos e esforços e a experiência dos membros que compõem a equipe do INSTITUTO ESPINHAÇO, constituem o diferencial emblemático da nossa entidade. O Instituto une os saberes tradicionais, guardados nos mais inexplorados rincões da Serra do Espinhaço, ao conhecimento científico de vanguarda, praticado em instituições de ensino no país e em centros avançados na Europa, Ásia e em outros continentes. Nesse caldeirão de conhecimentos, amalgamados pelo singular patrimônio cultural das comunidades do Espinhaço, o Instituto trabalha com propostas, projetos e ações integradas, voltadas para a proteção da biodiversidade, da promoção cultural e da sustentabilidade social, vistas com um olhar sistêmico e promotoras de uma cultura de paz e equidade social.

O INSTITUTO ESPINHAÇO é uma entidade sem fins lucrativos que conta com membros em mais de cinco estados brasileiros e em mais de seis países.

**Contato:**

Sede:

Rua José Sena, 483ª, Centro

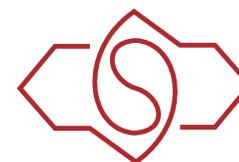
Conceição do Mato Dentro

Cep: 35.860-000

Minas Gerais - Brasil

[www.institutoespinhaco.com.br](http://www.institutoespinhaco.com.br)

[institutoespinhaco@institutoespinhaco.com.br](mailto:institutoespinhaco@institutoespinhaco.com.br)



*Instituto Mukharajj*

*O Conhecimento a Serviço da Paz*

## INSTITUTO MUKHARAJJ

O Instituto Mukharajj, organização sem fins lucrativos, é um centro de criação e produção de conhecimento voltado à cultura luso-afro-brasileira, através do desenvolvimento de projetos e atividades de pesquisa, identificação, preservação e divulgação da Cultura Oral e Simbólica Tradicional, principalmente nas suas vertentes histórica-mítica-hermética-religiosa.

Suas ações e projetos, combinam a revitalização dos saberes tradicionais e criatividade de vanguarda com soluções inovadoras, construindo caminhos, parcerias e produtos que fazem a diferença, agregam valor e alcançam excelência em seus propósitos.

Fundado em 1997, no Rio de Janeiro, o Instituto Mukharajj atua focado na evolução consciente dos seres e do planeta, tendo o Brasil e a lusofonia como norte e rumo.

**Contato:**

Sede:

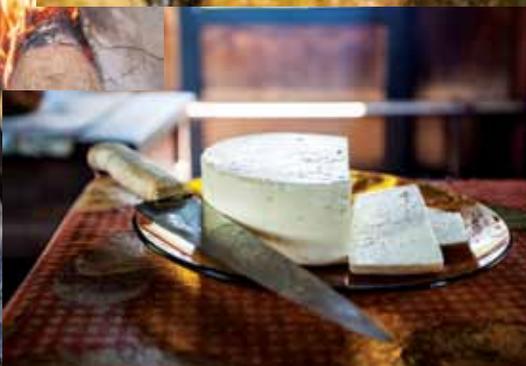
Estrada da Grota Funda, 2440, Vargem Grande

Rio de Janeiro - Brasil

Cep: 22785-330

[www.brasilan.com.br](http://www.brasilan.com.br)

[secretaria@brasilan.com.br](mailto:secretaria@brasilan.com.br)









Realização



**INSTITUTO ESPINHAÇO**  
Biodiversidade, Cultura e Desenvolvimento Socioambiental



*Instituto Mukharajj*  
O Conhecimento a Serviço da Paz



Apoio

